

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LINGUAGEM
ANÁLISES TEXTUAIS DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

Uma análise discursiva das traduções da obra *Animal Farm*

Camila Faustino de Brito

Porto Alegre
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LINGUAGEM
ANÁLISES TEXTUAIS DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

Uma análise discursiva das traduções da obra *Animal Farm*

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área: Estudos de Linguagem – Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Zandwais

Porto Alegre

2019

CATALOGAÇÃO

CIP - Catalogação na Publicação

Brito, Camila Faustino de
Uma análise discursiva das traduções da obra Animal
Farm / Camila Faustino de Brito. -- 2019.
145 f.
Orientadora: Ana Zandwais.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. George Orwell. 2. Animal Farm. 3. tradução. 4.
contexto histórico. I. Zandwais, Ana, orient. II.
Título.

CAMILA FAUSTINO DE BRITO

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS TRADUÇÕES DA OBRA *ANIMAL FARM*

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área: Estudos de Linguagem – Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas.

Aprovada pela banca examinadora em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Ian Alexander
(UFRGS)

Elizamari Rodrigues
(UFRGS)

Sheila Elias de Oliveira
(UNICAMP)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Ana Zandwais que está me guiando em meu percurso acadêmico desde a graduação, sempre muito disposta a ajudar e a compartilhar seu conhecimento. Sua orientação ao longo desse caminho foi extremamente fundamental, pois me mostrou não só conceitos teóricos da área de Letras, mas também uma perspectiva de vida. Agradeço especificamente por essa orientação maravilhosa que tive ao longo deste trabalho – pelo olhar sempre tão atento e pelos ajustes com o processo de escrita.

Agradeço também à Ana Haas, minha tia, por ter me dado o apoio emocional e o limite necessário que eu precisava desde criança. Foi a partir dela que meu gosto pela leitura floresceu e, por isso, prossigo meus estudos na Letras.

Agradeço ao meu pai por ser simplesmente o melhor pai do mundo! Sem o apoio dele eu nem teria começado a trilhar esse caminho, pois ele me deu todo o incentivo que eu precisava desde o vestibular.

Agradeço aos meus sogros, Aglaé e Celso, por terem me recebido em sua família de forma tão gentil e amável. Agradeço ao incentivo deles na minha vida, de forma geral, e também na realização deste trabalho.

Agradeço também às minhas estimadas amigas Aline, Bruna, Daisy, Julia e Mauren pelas suas amizades ao longo desses anos e por compartilharem comigo um pouco dessa luta.

Agradeço aos meus amigos Ronaldo e Valmor pelos momentos em que discutimos questões referentes à Língua Inglesa.

Agradeço ao meu amigo e colega Evandro pela companhia e pela sinceridade. Ele trouxe leveza e muita diversão nesse caminho que trilhamos juntos desde a 4ª série.

Por fim, agradeço ao meu esposo Thiago, que é essencial na minha vida. Agradeço pelo apoio sem medidas e pelo afago nas horas de angústias. Sem ele este trabalho não teria existido, ele foi o alicerce que me manteve de pé ao longo desse percurso. Agradeço pelas horas que passamos debatendo sobre o objeto deste trabalho e pelas dicas elucidativas que complementaram esta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo propor uma análise das traduções da obra *Animal Farm* (1945) de George Orwell; desse modo, buscamos traçar uma comparação do texto de partida com suas duas únicas traduções disponíveis na língua portuguesa brasileira. Para tanto, serão objetos de análise a primeira tradução para essa variante do português, realizada em 1964 pelo tradutor Heitor Aquino Ferreira, a qual baseamo-nos na edição disponível pela Companhia das Letras de 2007; a segunda tradução data de 2006 e foi realizada pelo tradutor Luiz Carlos Carneiro de Paula, publicada pela Biblioteca do Exército, que é, neste caso, a única edição disponível dessa tradução. O texto de partida que utilizaremos é uma edição da Longman de 1970. A partir da comparação entre ambas as traduções com o texto de partida, busca-se realizar uma investigação do trabalho tradutório da obra de George Orwell, de modo a averiguar como os sentidos são produzidos nas traduções realizadas para a língua portuguesa brasileira. Para realizar essa análise iremos trazer, em um primeiro momento, questões a respeito do conceito de sinonímia a partir de Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1986), Frank Palmer (1986) e Rodrigues Lapa (1987). Esses pressupostos teóricos serão importantes para podermos refletir sobre a questão de equivalência entre línguas. A seguir, buscaremos nos deter em abordagens dos Estudos de Tradução para o conceito de equivalência; para isso, iremos nos apoiar em Rosemary Arrojo (2007), Miriam Brum de Paula (2009) e Lori Chamberlain (2005). Além disso, para que possamos comparar o texto de partida e os textos na língua de chegada, será preciso caracterizar também o contexto histórico soviético que inspirou a produção de Orwell, assim como a sua própria experiência pessoal, e os contextos das traduções. Com isso, buscaremos analisar os discursos proporcionados pela obra de partida e pelas obras de chegada, de modo a revelar indícios de seus contextos sócio-históricos e ideológicos que possam esclarecer determinados movimentos de escolha tradutória. Para esse propósito, recorreremos à noção de condições de produção, desenvolvida inicialmente por Michel Pêcheux (1969) e posteriormente por Jean Jacques Courtine (1981), com o intuito de podermos situar melhor a obra de Orwell. Após desenvolvidas essas questões, procederemos a análise propriamente dita sob a perspectiva das condições de produção.

Palavras-chave: George Orwell, *Animal Farm*, tradução, contexto histórico.

ABSTRACT

This work aims to analyze the translation of the novel *Animal Farm* (1945) by George Orwell. For this purpose, we draw a comparison between the source text and the two translations available in Brazilian Portuguese. Thus, the objects of analysis will be the first translation for this variant of Portuguese made in 1964 by Heitor Aquino Ferreira, which we use in *Companhia das Letras'* edition of 2007, and the second translation made in 2006 by (the translator) Luiz Carlos Carneiro de Paula, published by *Biblioteca do Exército*, which is in this case the sole edition. The source text used is from *Longman's* edition of 1970. Based on the comparison between both translations with the source text, we seek to investigate the translation process of this work of George Orwell in order to find theoretical support in how meanings are produced in the translations into Brazilian Portuguese. In order to perform this analysis, in a first moment, we will bring reflections about the concept of synonymy made by Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1986), Frank Palmer (1986) and Rodrigues Lapa (1987). These theoretical assumptions will be important to discuss the concept of equivalence between languages. Then, we will discuss the Translation Studies' approaches to the concept of equivalence; in this way, we will base ourselves in Rosemary Arrojo (2007), Miriam Brum de Paula (2009) and Lori Chamberlain (2005). Besides, in order to compare the source text and the texts in the target language, the Soviet historical context that inspired Orwell's production, as well as his own personal experience, and the contexts of the translations must be characterized. In this way, we seek to analyze the discourses made by the source and the target texts to reveal traces of their socio-historical and ideological contexts that can clarify certain movements in translation choices. For this purpose, we will use the notion of "conditions of production" initially developed by Michel Pêcheux (1969) and then by Jean Jacques Courtine (1981) with the intention to better situate Orwell's work. After considering such theoretical framework, a contrastive analysis will be conducted in the perspective of the conditions of production.

Keywords: George Orwell, *Animal Farm*, translation, historical context.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Seleção lexical: Animal Farm	93
Quadro 2 – Seleção lexical: Squealer	100
Quadro 3 – Seleção Lexical: Clover	106
Quadro 4 – Letra de Música: trecho de Beasts of England	110
Quadro 5 – Seleção pronominal: segundo hino.....	116
Quadro 6 – Seleção pronominal: trecho de Comrade Napoleon	120

SUMÁRIO

1 Introdução	10
1. 1 Concepções de Sinonímia e o Trabalho da Tradução	20
1. 2. Noções de Sinonímia a partir de Diferentes Óticas	21
1. 3. As Equivalências no Processo Tradutório	35
2 Condições de Produção	59
2.1 Noções de Condições de Produção	59
2.2 Trajetória de Orwell	69
2.3 Condições de Produção: O Contexto Histórico na Rússia/URSS	79
2.4 Condições de Produção da Obra Animal Farm	81
2. 5 Condições de Produção das Traduções Brasileiras	85
2.6 Análise das Traduções	89
2.6.1 Seleção lexical e designação	92
2. 6. 2 Música e Poesia	109
2. 6. 2. 1 Seleção Pronominal	115
3 Conclusão	126
Referências	139
ANEXO A – Carta de Heitor Aquino Ferreira à Sônia Seganfredo.....	142

1 INTRODUÇÃO

George Orwell é um dos autores mais influentes do século XX, sendo considerado um notável intérprete do contexto histórico referente à pós-revolução russa. Dono de um olhar crítico e além de seu tempo, escreveu clássicos como *A Revolução dos bichos* e *1984*.

George Orwell é o pseudônimo de Eric Arthur Blair, nascido em 1903, em Motihari, colônia de Bengala na Índia Britânica, atual estado de Bihar. Sua família se muda para Shiplake, interior de Oxfordshire quando Orwell completa um ano de idade, isto é, antes da Primeira Guerra Mundial. Na infância, seu ídolo literário é H.G. Wells, sendo que chega a declarar para sua amiga Jacintha Buddicom¹ que gostaria de escrever um livro semelhante ao *A Modern Utopia*.

Orwell, aos cinco anos, começa seus estudos no internato Henley-on-Thames, um convento católico dirigido por irmãs Ursulinas francesas. Sua família acredita que a educação de Orwell vem a ser mais importante que das suas irmãs, então, é recomendado que ele estude na Saint Cyprian's Private School² em Eastbourne, Sussex. No entanto, devido às condições financeiras de sua família, torna-se necessário que ele estude com uma bolsa de estudos. Sendo assim, sua família consegue fazer um acordo para que Orwell estude pagando apenas metade das taxas normais. Em Saint Cyprian's Private School conhece o escritor Cyril Connolly, que é quem lhe inspira a escrever seu ensaio autobiográfico "Such, such were the joys" (1946)³.

Orwell também ganha bolsas de estudo para Wellington College⁴ e Eton College⁵ e, após passar um tempo em Wellington, ingressa no Eton College, onde permanece

¹ Buddicom, Jacintha. *Eric and Us: A Remembrance of George Orwell*.

² Escola preparatória inglesa para meninos, que operava no início do século XX, assim como outras escolas preparatórias, seu objetivo era treinar os alunos para que se saíssem bem nos exames (geralmente em torno dos 13 anos de idade) para obter acesso às principais escolas públicas (que, apesar do termo, são equivalentes às escolas privadas no contexto brasileiro), além disso, também era importante para fornecer uma introdução à vida do internato.

³ "Tamanhas eram as alegrias" em português, publicado na obra *Como morrem os pobres*, uma coleção de ensaios de Orwell, publicada pela Companhia das Letras.

⁴ Escola britânica de ensino e internato para garotos com uma tradição desde 1867.

⁵ Escola de internato para meninos. Eton formou 19 primeiros-ministros britânicos, bem como gerações da aristocracia.

até 1921. É em Eton que Orwell toma contato com as leituras de Jack London e George Bernard Shaw, ambos autores de temas sociais. Também é importante ressaltar que Aldous Huxley foi seu professor de francês em um breve período em que deu aula em Eton.

No entanto, Orwell não se adapta a tais escolas e relata sobre isso em seu ensaio “Such, such were the joys” (1946), em que conta como eram as rotinas de castigos físicos e psicológicos em Saint Cyprian’s e Eton College aos quais era exposto devido à sua condição social. Em uma das ocasiões, na escola Saint Cyprian’s, Orwell leva uma surra de chicote de um dos funcionários porque urinava na cama:

Eu havia caído numa cadeira, choramingando debilmente. Lembro que essa foi a única vez em toda a minha infância em que uma surra me reduziu de fato às lágrimas, e o curioso é que nem naquele momento eu estava chorando por causa da dor. A segunda surra também não doera muito. O medo e a vergonha pareciam ter me anestesiado. Eu chorava em parte porque achava que era o que esperavam de mim, em parte devido a uma dor mais profunda que é peculiar à infância e não é fácil de transmitir: um sentimento de solidão desolada e desamparo, de estar fechado não somente num mundo hostil, mas num mundo do bem e do mal onde as regras eram tais que, na realidade, não me era possível obedecer a elas. (ORWELL, p. 135).

Após essas breves exposições sobre a infância e a adolescência de Orwell, pode-se notar que tais situações podem tê-lo levado a tomar consciência das desigualdades sociais.

Podemos afirmar que uma das obras mais conhecidas de George Orwell é *A Revolução dos Bichos*, que iremos aqui identificar pelo seu título – *Animal Farm*. O manuscrito de *Animal Farm* foi salvo de um bombardeio Nazista ocorrido na casa de Orwell, isto é, quase que essa obra foi impedida de ser publicada antes mesmo que o autor entrasse em contato com alguma editora. Importante destacar que *Animal Farm* foi traduzido para, pelo menos, 70 idiomas, incluindo o Esperanto, mas vale ressaltar que os idiomas eslavos (Polonês, Ucrainiano e Russo) foram os primeiros.

Animal Farm foi escrita durante o período em que o Reino Unido estava em aliança com a União Soviética contra a Alemanha nazista e o povo britânico e a *intelligentsia* mantinham Stalin em alta estima. A obra foi publicada em 1945, sendo que a importância central de *Animal Farm* consiste na crítica a regimes totalitários (sejam eles comunistas, fascistas ou capitalistas), apesar de que Orwell tenha se baseado

mais especificamente nos acontecimentos que se desenrolaram na antiga União Soviética desde a Revolução de 1917 até 1944.

Ainda, esse é um livro de extrema importância para entendermos o funcionamento de sociedades comandadas por diferentes tipos de governo, desse modo, essa obra é uma alegoria que nos ajuda a identificar líderes déspotas e regimes opressores, os quais operam por meio de técnicas de alienação e manipulação com vistas a reprimir a população.

Busca-se, neste estudo, realizar uma leitura da obra *Animal Farm* (1945) de George Orwell e comparar com suas duas únicas traduções disponíveis na língua Portuguesa do Brasil. Para tanto, serão objetos de análise a primeira tradução para o Português, realizada em 1964 pelo tradutor Heitor Aquino Ferreira. Essa tradução foi encomendada pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES)⁶ em parceria com a Editora Globo. A segunda tradução data de 2006 e foi realizada pelo tradutor Luiz Carlos Carneiro de Paula, sendo encomendada pela Biblioteca do Exército. Dessa forma, pode-se perceber que ambas as traduções disponíveis no Brasil são feitas ou encomendadas por militares.

O objetivo desta pesquisa é fazer uma leitura do texto de partida, comparando-o com os textos de chegada a fim de realizar uma investigação do trabalho tradutório da obra de George Orwell, buscando averiguar como os sentidos são produzidos através das traduções realizadas para a Língua Portuguesa Brasileira. Assim, realiza-se uma leitura do texto de partida comparada ao texto de chegada buscando caracterizar as condições de produção de cada uma das traduções, envolvendo também questões sociohistóricas ideológicas que estão implicadas nas escolhas lexicais feitas pelos tradutores. Dessa forma, procederemos uma análise discursiva dos processos tradutórios que cobrem os contextos históricos nos quais tanto o texto de partida quanto os textos de chegada estão inseridos. A fim de procedermos com as análises, buscamos caracterizar também as relações de analogia entre o contexto soviético e o contexto de produção da obra de Orwell. Com isso, procura-se analisar os discursos

⁶ O IPES pode ser considerado como um disseminador de propaganda anticomunista ou um grupo de extrema direita. O objetivo do instituto era fazer um levantamento da maneira de expressão do brasileiro, de modo que pudesse mapear o comportamento social do público alvo, com o intuito de elaborar filmes publicitários, documentários, confecção de panfletos, e propagandas.

proporcionados pela obra de partida e as obras de chegada, de modo a destacar indícios de seus contextos sócio-históricos e ideológicos que esclarecem determinados movimentos de escolha tradutória.

Em relação à relevância deste trabalho, nota-se que dada a conjuntura atual do quadro político brasileiro e mundial de expansão de ideais nacionalistas e totalitários, a obra *Animal Farm* (1945) de George Orwell revela-se ainda de extrema relevância, já que esse autor descreve momentos políticos de grande impacto para a História, como o despertar de correntes socialistas e anarquistas, assim como a ascensão dos regimes totalitários e as consequências das ações tomadas por eles. Pode-se afirmar também que o discurso de Orwell se reflete nas condições de vida pelas quais o autor passou, pois ele teve contato direto com o imperialismo britânico quando serviu como policial na Birmânia e, depois, com o totalitarismo soviético ao lutar – voluntariamente – na Guerra Civil Espanhola junto às milícias do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), movimento de orientação trotskista reprimido pelas forças comunistas espanholas que contavam com o apoio soviético. Devido a esse contato, Orwell passou a acreditar que o modelo comunista soviético stalinista poderia se tornar algo fora do controle e desumano (HITCHENS, 2000).

Enquanto lutava na Espanha, surgem as inspirações para escrever *Animal Farm*, obra na qual o autor pensou em “denunciar o mito soviético numa história que fosse fácil de compreender por qualquer pessoa e fácil de traduzir para outras línguas” (ORWELL, 1945, p. 145). Em 1943 – ainda durante a Segunda Guerra Mundial – acontece a Conferência de Teerã, evento que reuniu os três maiores estadistas da época – Stalin, Churchill e Roosevelt. Nessa conferência, é firmado um dos primeiros acordos entre essas potências mundiais, que possuía como intuito dividir o mundo em Zonas de influência. Esse evento, que reuniu líderes de potências com ideologias aparentemente discrepantes, serve de inspiração para a escrita do final de *Animal Farm*, que mostra a reunião dos porcos (os principais líderes da revolução dos animais) com os humanos (os maiores inimigos da causa dos animais).

Dessa forma, como afirma Hitchens (2000, p. 9):

A importância de Orwell para o século encerrado há pouco e, portanto, seu status como personalidade da história e da literatura derivam da

extraordinária proeminência dos temas que ele ‘enfrentou’, manteve e nunca abandonou.

Assim, tendo em vista a ascensão de correntes políticas de tendência autoritária – no Brasil e no exterior, nos últimos anos –, podemos afirmar que a avaliação crítica proposta pela obra de Orwell possui extrema importância para a compreensão da configuração política atual, como uma forma para refletir sobre o modo como as questões históricas do passado permitem melhor compreender crises políticas do presente, bem como as questões ideológicas que emergem de forma circular ao longo da história.

A fim de compreender melhor como os sentidos do texto de Orwell são apropriados e produzem determinados efeitos, procederemos a análise dessas traduções pautadas por pressupostos da Semântica, dos Estudos de Tradução e da Análise do Discurso (AD).

No capítulo I, buscaremos tratar dos pressupostos teóricos que abordam a questão da sinonímia para, desse modo, podermos refletir sobre as questões de equivalência presentes na língua. Por haver ainda poucos estudos sobre a tradução em torno desta obra de Orwell, a discussão sobre a sinonímia é importante para se pensar sobre questões de tradução nos limites entre a língua e o discurso, uma vez que o processo de escolha tradutória é tido frequentemente como uma espécie de relação de sinonímia entre línguas diferentes. No entanto, poderemos averiguar que mesmo dentro de uma mesma língua já há aspectos de sentido que deslizam, isto é, os próprios sinônimos não correspondem exatamente ao mesmo sentido.

Para melhor dialogar sobre as questões de sinonímia, buscamos trazer questões desenvolvidas por Joaquim Mattoso Câmara Júnior, que aborda o conceito de sinonímia em seu *Dicionário de Linguística e Gramática* (1986). O autor procura refletir de que forma se constrói o conceito de sinonímia a partir de uma definição linguística. Apoiamo-nos também em Frank Palmer, que elabora concepções a respeito da sinonímia em sua obra *Semântica* (1986). Esse autor propõe observar de que modo o conceito é abordado por meio de uma concepção que tem como eixo central a semântica e os aspectos sociológicos. Além disso, também procuramos dialogar com os conceitos estabelecidos por Rodrigues Lapa em *Estilística da Língua Portuguesa* (1987).

Lapa traz considerações sobre a sinonímia a partir de uma perspectiva social, propondo que o sentido de uma palavra deve ser considerado tendo em vista o contexto em que é empregada.

Buscamos também abordar, nos pressupostos teóricos, questões que tratam dos Estudos de Tradução, de modo que poderemos pensar a respeito de questões específicas sobre o fazer tradutório e de como a tradução lida com as questões de equivalência, antes discutidas sob a ótica da sinonímia.

Rosemary Arrojo busca trabalhar com as questões acerca do desconstrutivismo, essa ótica vem a dialogar com o campo da AD, uma vez que a AD é uma teoria que não está interessada em explicitar o que o autor quis dizer, mas sim buscar processos que levaram a constituir os discursos de um autor.

Arrojo (2007, p. 47) admite que o texto a ser traduzido pode conter muitas interpretações e leituras; sendo assim, ela utiliza a metáfora do palimpsesto para exemplificar que o texto “se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (...) do ‘mesmo’ texto”. Dessa forma, a tradução passa a assumir uma condição de produtora de significados. Arrojo ainda argumenta que, mesmo que o tradutor pudesse chegar a uma repetição total de um texto, ainda assim ele não recuperaria a totalidade do “original”; com isso, a tradução revela sempre uma *interpretação* desse texto. Ela destaca também que as circunstâncias nas quais o tradutor está inserido podem influenciar a tradução:

[...] todo tradutor não poderá evitar que seu contato com os textos (e com a própria realidade) seja mediado por suas circunstâncias, suas concepções, seu contexto histórico e social. (...) aquilo que consideramos *verdadeiro* será irremediavelmente determinado por todos os fatores que constituem nossa *história* pessoal, social e coletiva. Nesse sentido, é a história que dá luz à verdade, e não a verdade que serve de modelo para a história (ARROJO, 2007, p. 38).

Portanto, para Arrojo, o tradutor lida com o texto a partir de sua experiência pessoal, sendo a sua interpretação transpassada pela história que o permeia.

Tendo em vista esse aspecto, podemos inferir o movimento de “ir até o outro” e “retornar a si”; assim, se considerarmos o movimento executado pelo tradutor, podemos estabelecer uma ligação entre o deslocamento cultural que esse necessita fazer para retornar à sua cultura apropriando-se de aspectos da cultura alheia. Com isso, o

tradutor pode contribuir para despertar novos sentidos em uma determinada cultura, podendo haver a possibilidade de revelar sentidos ainda não explorados.

Para Mirian Brum de Paula (2009), o tradutor executa leituras minuciosas, tendo que lidar com línguas e culturas; sendo assim, acaba recriando os textos de partida. Ainda, ao analisar textos originais comparando-os com suas traduções, podemos perceber como se estabelece a organização gramatical de cada língua. Segundo a autora, as línguas diferem em si pela maneira como “elas atribuem diferentes recursos gramaticais a domínios semânticos comuns” (2009, p. 38). Brum de Paula argumenta que, embora as línguas possam apresentar conteúdos semânticos equivalentes, os pares podem contrastar ao serem traduzidos, levando – às vezes – a uma explicação de algo que não estava no original. Assim como ressaltou Pêcheux a respeito dos contextos históricos influenciarem o discurso, também a necessidade de explicações pode se tornar presente ao traduzir certas expressões.

No capítulo II, abordaremos o conceito pecheutiano (1969-1997) sobre as condições de produção, buscando compreender de que forma o contexto histórico revela o modo de produção dos processos discursivos. Para tratar sobre o conceito de condições de produção (CP), buscamos realizar uma reflexão dessa noção desde a instauração deste conceito até sua remodelação. Para isso, iniciaremos a leitura das CP a partir de Michel Pêcheux (1969-1997), passaremos pelos desdobramentos que o autor traçou ao longo do desenvolvimento dessa teoria e também dialogaremos com a releitura que Jacques Courtine (1981) propõe a respeito desse conceito.

A Análise do Discurso de escola francesa se constitui em uma teoria proposta por Michel Pêcheux, no final da década de 60. Nesta época, estava em voga uma tradição intelectual que costumava refletir sobre o texto e a história. Sendo assim, a AD nasce apoiada pela tríade da linguística, da história e da psicanálise. Dessa forma, a Análise do Discurso está baseada em três campos teóricos específicos, como se pode observar pelo quadro epistemológico proposto por Pêcheux e Fuchs (1997, p. 163):

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Sendo assim, tem-se o Materialismo Histórico compreendido a partir de Karl Marx e rediscutido pelo viés de Althusser como pilar dessa ótica de análise. O ponto de contato com a linguística ocorre para revisitar aspectos fundamentais tanto do ponto de vista sintático quanto enunciativo, uma vez que a língua disponibiliza ao sujeito um lugar social; a partir desse contato, chega-se à teoria do discurso, a qual tem a língua como uma semântica a partir dos processos materialistas e que defende a posição de que o sentido depende das determinações históricas, já que a língua não é transparente. Desse modo, a AD deixa de se caracterizar como uma teoria interdisciplinar, pois recorre a essas outras áreas para questionar, deslocar e reformular conceitos para dentro do seu objeto de estudo, sendo assim, a AD se caracteriza como uma disciplina de entremeios.

A Análise do Discurso não estabelece fronteiras entre o que é do exterior e do interior da língua, pois a AD trata da relação entre o social, o histórico e a língua. Dessa forma, a AD necessita da noção de condições de produção para entender as condições históricas em que um discurso é constituído. Desse modo, pode-se compreender, por exemplo, os deslocamentos de sentido oriundos das leituras de *Animal Farm* em diferentes contextos históricos e culturas.

Ainda, a partir do interligamento entre essas três áreas com as quais a AD dialoga, podemos depreender que o objeto da análise do discurso compreende os processos discursivos, o que diz respeito às condições de produção.

Para Pêcheux, as condições de produção de um texto incluem – em seu contexto – aspectos sociais, históricos e ideológicos; além disso, considera seus interlocutores e, especialmente, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e do outro. Dessa forma, de acordo com o autor: “o laço que une as ‘significações’ de um texto às suas condições sócio-históricas não é meramente secundário, mas constitutivo das próprias significações” (2008, p. 6).

Sendo assim, o sujeito se instaura por meio dos elementos da condição de produção. Dentro de uma materialização ideológica, o sujeito se dá conta daquilo que determina o que pode e deve ser dito em uma formação social. Pêcheux (1998, p. 263) também ressalta que “as palavras, expressões, recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem”. Assim, podemos concluir que obras como as de Orwell,

produzidas em um contexto de conflito mundial, possuem sentidos particulares ao seu tempo, meio e contexto de produção.

Pêcheux argumenta que os contextos históricos são notáveis de influenciar processo discursivo, do mesmo modo também ocorre com a tradução, uma vez que a tradução está à mercê de seu contexto histórico. Dessa forma, é importante analisar em que condições de produção a tradução está inserida para, desse modo, compreender os processos que levaram a determinada tomada de escolha por parte do tradutor.

Retomando as considerações sobre o capítulo II, pretendemos também trazer outros aspectos sobre a vida do escritor George Orwell, a fim de que se possa compreender o processo percorrido por ele antes e durante a escrita de *Animal Farm* (1945). Também busca-se apresentar a obra e traçar um paralelo com a Revolução Russa de 1917, bem como a posterior stalinização do regime soviético que ocorreu após a morte de Vladimir Lenin, contextos que são alegorizados na obra de Orwell. Destaca-se que nos deteremos nessa possibilidade de interpretação, embora possam haver outras linhas interpretativas relacionadas a outras formas de totalitarismo. Por tratarmos da tradução brasileira de 1964 e também de 2006, procuramos apresentar os contextos históricos nos quais *Animal Farm* foi traduzido no Brasil e tomamos também como nucleares as considerações a respeito de seus tradutores.

Levando-se em consideração a carga político-histórica que a obra de Orwell pode conter, é importante para o tradutor uma pesquisa em torno do momento histórico das condições de produção do texto. Além disso, também se torna relevante examinar as influências ideológicas que permeiam o texto. Dessa forma, traduzir um texto exige muito mais que conhecer o componente linguístico; com isso, esse processo tradutório ocorre dentro de um contexto social e histórico que jamais pode ser ignorado. Sendo assim, o momento histórico em que um texto é produzido é definitivo para determinar a especificidade da tradução, assim como também o trabalho da tradução é definitivo para determinar o modo como o tradutor precisa olhar para o processo de tradução de um texto.

Ainda no capítulo II iremos proceder com as análises. Desse modo, a fim de alcançar os objetivos propostos, busca-se realizar uma análise detida dos textos em inglês e em português, traçando uma comparação entre os textos de partida e os de

chegada; dessa forma, busca-se observar os processos discursivos que se linearizam nos textos dos tradutores e como podem remeter a diferentes textos de chegada. Ainda, os procedimentos adotados foram pautados levando-se em conta a influência das condições de produção em relação às obras, tanto a de Orwell quanto a dos tradutores. Tendo essa questão em vista, as análises serão realizadas levando-se em conta os momentos históricos, como os anos de publicações da obra *Animal Farm*, bem como os anos de publicações das respectivas traduções. Dessa forma, o contexto histórico dos anos de publicações das obras pode ser um meio de buscar indícios tanto sobre as condições de produção em que o texto foi elaborado como sobre as condições de recepção.

Tendo em vista o percurso referido, passaremos agora para as questões a respeito do conceito de sinonímia a fim de iniciar a discussão sobre a pluralidade de possibilidades tradutórias.

1. 1 Conceções de Sinonímia e o Trabalho da Tradução

Busca-se nesse capítulo inicial trabalhar a concepção da sinonímia, a fim de estabelecer um diálogo entre o conceito de sinonímia com o trabalho da tradução e a “equivalência tradutória”⁷. Vale ressaltar que pretendemos analisar a obra *Animal Farm* de George Orwell (1945) e traçar uma comparação com a sua tradução para o Português Brasileiro. Deste modo, é importante destacar que os conceitos de sinonímia e de equivalência tradutória são fundamentais para o estudo da comparação entre o texto de partida e o texto de chegada, isto é, entre o texto “original” e a tradução.

Neste capítulo, procuramos analisar as concepções de sinonímia sob a ótica de diferentes autores, são eles: Joaquim Mattoso Câmara Júnior, que desenvolve o conceito de sinonímia em seu *Dicionário de Linguística e Gramática* (1986); Frank Palmer, que elabora concepções a respeito da sinonímia em *Semântica* (1986); Ana Zandwais, que apresenta uma discussão das definições de Câmara Jr. em “O Funcionamento da Sinonímia: as Impossíveis Fronteiras entre Estrutura e Exterioridade” (2007) e “As Condições de Funcionamento da Sinonímia” (2008); e, por fim, Rodrigues Lapa com a *Estilística da Língua Portuguesa* (1987). Ao dialogar com os autores, fez-se necessário recorrer ao uso dos dicionários de forma a apresentar exemplos para ilustrar nossas reflexões. Sendo assim, usamos os seguintes dicionários neste trabalho: *Dicionário da Portuguesa* (1831) de António de Moraes Silva; *Completo Dicionário Português-Inglês Inglês-Português* de Moacir da Cunha Viana; *Dicionário Exitus das Línguas Inglesas e Portuguesas* (1983) de Antônio Houaiss e Catherine B. Avery; *Online Etymology Dictionary*⁸ e *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*⁹.

Após apresentar a discussão sobre o conceito de sinonímia, busca-se destacar aspectos concernentes à questão da equivalência tradutória e também apontar a influência dos conceitos de sinonímias na prática da tradução, procurando, assim, estabelecer um cotejo entre o conceito de sinonímia e o conceito de equivalência

⁷ Conceito criado por Nida (1964) em sua obra *Towards of Translation*. Vale destacar que esse conceito também foi abordado por Catford (1965) ao elaborar sobre a equivalência textual e correspondência formal; e, Werner Koller em seu trabalho *The concept of equivalence and the object of Translation Studies* (1995), entre outros.

⁸ Para fins de consulta, o Dicionário encontra-se nesta página: <<https://www.etymonline.com/>>.

⁹ O dicionário encontra-se nesta página: <<https://dicionario.priberam.org/>>.

tradutória. Para isso, propomos uma discussão a partir de Mirian Rose Brum-de-Paula, em seu ensaio *O Outro no (In)traduzível* (2009), de Rosemary Arrojo, em *O Signo Desconstruído* (2003) e *Oficina de Tradução* (2007), e de Lori Chamberlain a partir de *Gênero e a metafórica da tradução* (2005).

1. 2. Noções de Sinonímia a partir de Diferentes Óticas

Neste tópico, pretendemos explorar o conceito de sinonímia a partir de diferentes autores, assim, propomos dialogar, conforme exposto anteriormente, com os conceitos apresentados por Mattoso Câmara Junior (1986), neste caso, a fim de refletir de que forma se constrói o conceito de sinonímia a partir de uma definição linguística. Buscamos também dialogar com os conceitos de Frank Palmer (1986) para observar de que modo a sinonímia é abordada por meio de uma concepção que tem como eixos centrais a semântica e os aspectos sociológicos. Ainda, também nos pautamos em Rodrigues Lapa a partir da *Estilística da Língua Portuguesa* (1987), de modo a observar a importância que o contexto adquire para se pensar sobre o funcionamento da sinonímia. Para tanto, começamos por Mattoso Câmara, em seu *Dicionário de Linguística e Gramática*, onde o autor apresenta algumas definições de sinonímia que serão interessantes para introduzir essa questão.

A primeira aceção do autor é de que a sinonímia é uma: “propriedade de dois ou mais termos poderem ser empregados um pelo outro sem prejuízo do que se pretende comunicar” (CÂMARA JÚNIOR, 1986, p. 222). Desse modo, um vocábulo pode ser trocado por seu sinônimo mais próximo sem que o sentido seja comprometido. A partir da definição do autor, poderíamos ilustrar seu conceito da seguinte forma: A pode ser equivalente a B, de forma que ambos venham a expressar o mesmo significado. Assim, Câmara Jr. exemplifica sua definição com os seguintes vocábulos: A) “levantar” pode ser sinônimo de B) “erguer”; assim como A) “tenho de sair” pode ser sinônimo de B) “preciso sair”. Dessa forma, podemos ilustrar que A=B, isto é, “tenho de sair” expressa o mesmo significado de “preciso sair”.

Além disso, o autor destaca que a sinonímia depende essencialmente do contexto em que é empregada. Desse modo, Câmara Júnior exemplifica que o sinônimo

de “a) *levantar os braços é erguer*; b) *levantar nos braços é erguer ou suspender*; c) *levantar uma estátua é erguer ou erigir*; d) *levantar a lebre é descobrir*; e) *levantar uma candidatura é lançar*” (CÂMARA JÚNIOR, Grifos do autor, 1986, p. 222). Chamamos a atenção para o exemplo (d), pois ao recorrermos ao *Dicionário da Portuguesa* (1831) de António de Moraes Silva, tem-se duas acepções para essa locução; o autor apresenta que “levantar a lebre” pode significar “fazê-la erguer donde está assentada” e também, no significado figurativo, “excitar a questão; excitar primeiro a dúvida” (SILVA, 1831, p. 229). Assim, levando em conta as acepções de Moraes Silva “levantar a lebre” pode significar tanto (1) fazer com que o animal saia de onde estava escondido quanto (2) levantar a questão. Referente ao primeiro caso, Câmara Jr. (1986) propõe que “levantar a lebre” pode ser sinônimo de “descobrir a lebre”; porém, tendo em vista as acepções elencadas por Moraes Silva, a locução “descobrir a lebre” também varia conforme os contextos em que está inserida, os quais definem se seu significado se refere ao literal, isto é, tirar a lebre de seu lugar, ou ao sentido figurativo, de trazer à tona uma questão. Importante destacar que essa acepção acaba tornando uma sinonímia múltipla, já que o significado do sinônimo também pode variar conforme o contexto; iremos verificar melhor essa questão ao tratarmos sobre o teste proposto pelo autor para verificar o valor sinonímico das palavras.

Câmara Jr. também define que os sinônimos se distinguem entre si por uma das duas circunstâncias seguintes:

(I) significação – a) mais ampla ou mais restrita; b) mais simples ou mais complexa. Exs.: a) *ave* e *pássaro*; b) *sofrer* e *padecer*. II) Efeito estético do termo – a) delicado ou grosseiro; b) nobre ou vulgar; c) poético ou usual; d) usual ou científico; etc. Exs.: a) *narina* e *venta*; b) *enfadonho* e *cacete*; c) *pulcro* e *belo*; d) *queda* e *ptose*. (CÂMARA JÚNIOR, Grifos do autor, 1986, p. 222).

Assim, a circunstância I é da ordem da denotação, enquanto a circunstância II refere-se ao âmbito da conotação. Sendo assim, Câmara Jr. apresenta uma acepção de sinonímia que determina aquilo que é da ordem da denotação e o que é da ordem da conotação, desse modo, separando os vocábulos por tais segmentações. Além disso, o autor também propõe que a circunstância I, da ordem da significação, está determinada pela amplitude entre simples e ampla; restrita e complexa, porém sem considerar as diversas variações que ocorrerem dentro deste espectro. O exemplo

apresentado pelo autor para a classificação “ampla” é “ave”, que pode representar um hiperônimo; assim, “ave” é um hiperônimo que corresponde a múltiplos co-hipônimos, como urubu, pássaro, papagaio etc. Do mesmo modo, a classificação “restrita”, para a qual o autor apresenta o exemplo “pássaro”, também pode ser mais afinada, por exemplo, pelas espécies de pássaros, como “cardeal” ou “beija-flor”, os quais são co-hipônimos de um hiperônimo.

Já em relação à circunstância II, do efeito estético do termo, Câmara Jr. propõe uma distinção entre nobre e vulgar, poético e usual; no entanto, acaba por não explicitar detalhes do que compreende por nobre e vulgar ou poético e usual. Isso faz com que a sua aceção acabe se reduzindo a uma oposição entre o vernacular e o coloquial. Zandwais (2007) observa que, Câmara Jr., ao estabelecer uma oposição entre denotação e conotação e classificar a produtividade sinonímica por relações de amplitude e complexidade, Câmara Jr. serve-se de uma definição que “segmenta os falantes em classes, oscilando entre efeitos de falares nobres e vulgares” (ZANDWAIS, 2007, p. 266). Deste modo, para Zandwais, fim de se eximir de abordar a sinonímia sob um aspecto sociológico, Câmara Jr. busca tratar de forma antagônica denotação e conotação; assim, opondo os significados literais e metafóricos, o uso vernacular à oralidade. Sendo assim, Câmara Jr. acaba por desprezar o português falado, uma vez que a definição apresentada pelo autor acaba apagando as funções práticas e sociais que convivem no interior da língua. Baseando-se em um exemplo sugerido pelo autor (1986, p. 222), temos que o termo “pulcro” se refere ao modo poético de dizer e que o vocábulo “belo” se refere ao modo usual. Assim, a título de ilustração, apresentamos um excerto de um poema intitulado: *A Fernando Pessoa (Depois de ler seu drama estático ‘O marinheiro’ em ‘Orfeu I’ de Álvaro de Campos: “(...) de eterno e belo há apenas o sonho” (CAMPOS)*¹⁰. Esse breve exemplo demonstra que não há como delimitar que o uso de “belo” será predominantemente usual; nesse caso, o vocábulo “belo” está empregado em um poema, assim, essa palavra pode transitar entre o poético e o usual, remetendo a múltiplos sentidos.

Ainda segundo Zandwais, a noção de sinonímia de Câmara Jr. está pautada

¹⁰ Poema intitulado “A Fernando Pessoa (Depois de ler seu drama estático ‘O marinheiro’ em ‘Orfeu I’). Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/08/Poemas-Completo-de-%C3%81lvaro-de-Campos.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.

“não somente em uma relação opositiva entre denotação/conotação, mas também em uma antinomia entre o que é da língua, do vernáculo (escrita) e o que é da oralidade” (ZANDWAIS, 2007, p. 266.). Isto é, o autor acaba não levando em conta o uso concreto da língua a partir dos falares das diferentes classes.

Retomando a questão da denotação, Câmara Jr. propõe que no âmbito “da denotação é ainda preciso levar em conta a polissemia imanente em toda a palavra, de que resulta que a sinonímia depende essencialmente do contexto em que se acha a palavra” (CÂMARA JÚNIOR, 1986, p. 222). Assim, o contexto é essencial para que se possa ter uma noção da significação da palavra. Interessante notar que o conceito de denotação remete geralmente à ordem da significação, isto é, remete a um sentido literal ou exato de um termo. Contudo, Câmara Jr. reconhece que a denotação está permeada pela polissemia, isto é, não há apenas um significado literal, é sempre necessário levar em conta seu contexto. Câmara Jr. ainda propõe um teste para que seja possível verificar o valor sinonímico das palavras, bem como suas diferenças denotativas e conotativas. O autor propõe que é possível determinar a sinonímia das palavras por meio de dois processos: “a) substituição de uma palavra pela outra ou outras em determinado contexto; b) determinação do antônimo comum ou diverso de cada uma delas” (CÂMARA JÚNIOR, 1986, p. 222). Vejamos o exemplo que o autor apresenta para o primeiro processo: “o cão está livre”; Câmara Jr. propõe substituir “livre” por “solto” e, então, teríamos uma certa diferença de denotação, mas ainda teríamos a sinonímia. Propomos também realizar o teste de substituição com a palavra “cão”; assim, em um contexto diferente, como observa Câmara Jr. Poderíamos substituir a palavra “cão” por “canalha” e teríamos: “o canalha está solto”. Tal enunciado pode remeter, por exemplo, ao contexto de que um patife foi libertado da prisão. Em relação ao antônimo, segundo processo proposto por Câmara Jr., o autor argumenta que se poderia opor “livre” por “preso” e “solto” por “amarrado”. Assim, a frase “o cão está preso” pode significar: “cão está na corrente”; mas pensando em relação à substituição que propomos, ao substituirmos “o cão está preso” por “o canalha está preso”, esta última pode significar que o patife está na cadeia. Isto demonstra, como pontua o autor, que é necessário que a substituição sinonímica seja realizada levando em conta o seu contexto. Contudo, Câmara Jr. não desenvolve essa questão,

provavelmente devido à falta de aprofundamento do conceito de sinonímia em relação aos contextos sociais de fala, isto é, com o uso concreto da língua. Ainda, o teste para verificar o valor sinonímico acaba deixando margem para a ambiguidade, uma vez que a troca de um vocábulo por outro, mesmo sendo sinônimo, pode indicar significações distintas.

Frank Palmer em sua obra *A Semântica* (1986)¹¹ apresenta um conceito de sinonímia do ponto de vista da semântica de cunho sociológico. Diferentemente de Câmara Jr., Palmer reflete em torno de várias possibilidades de equivalência entre palavras, as quais envolvem os usos de empréstimos, variações dialetais, significado valorativo e cognitivo. Iremos trabalhar melhor essas questões na medida em que explorarmos os conceitos propostos pelo autor para a sinonímia.

Palmer (1986) propõe que, para pensar uma língua, é preciso levar em conta as condições de formação da língua. Em relação ao inglês¹², o autor argumenta que esse idioma é formado por múltiplas origens: por um lado o anglo-saxão; e, por outro lado, o francês, o latim e o grego. Desse modo, para pensar sobre o funcionamento da língua é preciso refletir sobre os papéis que essas outras línguas exercem dentro do inglês. Dessa forma, Palmer ressalta que “as palavras ‘anglo-saxônicas’ são geralmente consideradas ‘nativas’, sendo ‘estrangeiras’ ou ‘empréstimos’ as de origem francesa, latina ou grega” (PALMER, 1986, p. 73). Contudo, o autor destaca que a classificação como ‘nativa’ ou ‘estrangeira’ pode enganar,

[...] pois seja qual for a sua origem, a maioria dessas palavras são parte essencial e inteiramente natural da língua inglesa; direi mesmo que algumas das palavras ‘nativas’ podem perfeitamente ter sido ‘empréstimo’ num passado remoto (PALMER, 1986, p. 74).

A fim de ilustrar a reflexão de Palmer, apresentamos alguns exemplos de empréstimos do nórdico antigo para a língua inglesa de palavras de uso corrente, como *anger* (raiva), *birth* (nascimento), *cake* (bolo)¹³.

Pensando sobre o caso da língua Portuguesa, em relação ao português lusitano,

¹¹ A leitura desse autor foi realizada a partir do texto e de anotações de aula da Disciplina “Semântica do Texto” ministrada pela Professora Doutora Ana Zandwais para a Graduação em Letras Bacharelado em 2014.

¹² Texto originalmente produzido em língua Inglesa: *Semantics: a new outline* (1981); desse modo, os exemplos originais dizem respeito aos usos no Inglês.

¹³ Etimologias retiradas do *Online Etymology Dictionary*. Disponível em: <<https://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

pode-se dizer que esse idioma tem sua origem no latim, no grego e nas línguas africanas. Já o português brasileiro é um híbrido – assim como toda língua – entre o extrato linguístico dos colonizadores, os colonizados e as heranças históricas. Sendo assim, mesmo que ambas as línguas possam parecer iguais, elas têm uma raiz diferente e também funcionam de modo diferente, por exemplo, em português lusitano usa-se o termo “penso” para se referir ao “band-aid” (que é um empréstimo no Português Brasileiro, pois se trata de um anglicismo). Vejamos como o *Dicionário Priberam* define esta palavra:

Pequena faixa de gaze, coberta de medicamento e de material protetor, destinada a cobrir, proteger ou manter limpa uma ferida ou sutura (ex.: tenho sempre pensos rápidos comigo). [Equivalente no português do Brasil: bandeide]¹⁴.

Isto é, há uma palavra específica em português lusitano para se referir ao “band-aid”, enquanto o português brasileiro optou por um empréstimo da língua inglesa. Neste caso, instaura-se o uso metonímico da palavra, em que o nome próprio da marca do produto passa a ser utilizado como sinônimo do próprio objeto, isto é, deixa-se de utilizar a palavra “curativo” ou “penso” para se utilizar somente “band-aid”.

A fim de traçar um cotejo com a concepção de sinonímia, vejamos como funcionam os empréstimos parciais e os empréstimos totais. Os empréstimos parciais migram da língua fonte para a língua alvo e mudam a estrutura morfossintática e/ou o sentido, assim, enriquecendo a língua de chegada. Apresentamos alguns exemplos para pensar de que modo ocorre essa construção dentro da língua portuguesa. O termo “cabaret” migra do Francês para o Português; no original esse termo se refere a uma casa de shows onde são apresentados espetáculos, como o Moulin Rouge, por exemplo. Ao entrar no Português, essa palavra muda a sua grafia (“cabaré”) e passa a significar prostíbulo, isto é, não somente a estrutura morfossintática foi mudada, mas seu sentido. Ou seja, é importante destacar que, ao entrar para o Português, a palavra “cabaré” já não passa a ser sinônimo da palavra “cabaret”, pois tanto o sentido como a grafia não são mantidos.

Focaremos também em alguns exemplos vindos do inglês, os quais foram incorporados recentemente na língua Portuguesa e mantiveram a grafia da língua fonte.

¹⁴ Dicionário Priberam. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/pensos>>. Acesso em: 01 out. 2018

O termo “bullying” é usado para expressar uma agressão física ou psicológica, geralmente ocorrida no contexto escolar. Contudo, ao ser inserido no Português este vocábulo não traz o sentido do seu entorno expressado em inglês, por exemplo, o termo “bully”, se refere ao “valentão”. Pode-se dizer, então, que “bullying” é um desdobramento da palavra “bully” (valentão), no entanto, é de se notar que o sentido para “bully” não é contemplado no Português, pois não há a referência para essa significação em Português. Dessa forma, o sentido da palavra “bullying” não está totalmente transposto, mas somente uma parte do sentido. A partir dessa premissa, podemos dizer que o vocábulo “bullying” se transforma e passa a adquirir um novo valor semântico, que remete à ideia de massacre, covardia.

Outro exemplo que destacamos é a palavra “crush”, que entrou recentemente para o Português Brasileiro por meio das redes sociais e aplicativos de relacionamento, definida pelo *Dicionário Exitus* como: “paixão, estar apaixonado por, ter um rabicho por” (HOUAISS & AVERY, 1983, p. 143). No entanto, essa definição que destacamos é apenas um dos sentidos que a palavra “crush” contempla em língua Inglesa, pois tal vocábulo também pode significar “esmagamento”, “aperto”. Porém, em Português essa palavra é utilizada para se referir somente a um dos sentidos encontrados na língua Inglesa: paixão repentina e temporária.

Outro exemplo interessante em relação aos empréstimos parciais que foram incorporados recentemente à língua é a palavra “bolsominion”, esse termo de uso predominantemente pejorativo, diz respeito apoiadores do político Bolsonaro. É importante destacar que essa palavra seria uma fusão de “Bolsonaro” + “minion”. Vejamos como o *Completo Dicionário Português-Inglês/Inglês-Português* conceitua o vocábulo “minion”: “apaniguado; indivíduo servil” (VIANA, s.d., p. 126); então, “minion” poderia significar um adepto, um devoto. No entanto, essa palavra ganhou destaque recentemente graças ao filme “Meu Malvado Favorito”, de 2010, em que o protagonista é Gru – um vilão – e os minions são seus capangas, cuja característica mais marcante é serem patetas e descoordenados. Os personagens “minions” ficaram tão famosos que, inclusive, ganharam seu próprio filme “Minions”, de 2015. Mais recentemente, é possível notar que nas redes sociais tem se usado somente o termo “minion” para se referir aos seguidores do político. Desse modo, tanto “Bolsominion” quanto “minion”

passaram a ser utilizadas de modo pejorativo e jocoso para se referir aos eleitores do político em particular. A partir dessas considerações, pode-se observar que o termo “bolsominion” além de um empréstimo assume a característica de um neologismo, pois ocorre uma atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente no léxico da língua inglesa.

Os empréstimos totais ou estrangeirismos se referem às palavras que migram da língua fonte para a língua alvo sem que ocorra alteração da forma ou sentido. Isto é, o sentido permaneceria quase exatamente o mesmo da língua de partida¹⁵. Deste modo, conforme Palmer, os empréstimos totais podem co-ocorrer com palavras nativas. A fim de ilustrar essa questão, apresentamos o exemplo de “mouse”. Esse vocábulo é incorporado no Português com o sentido de instrumento usado juntamente com o computador, o que dá acesso às interfaces de software – contudo, sem o sentido referente ao animal, o rato, que aliás é o termo empregado em Portugal.

O aspecto mais relevante em relação à sinonímia no texto de Palmer é que não há sinônimos integrais e que “duas palavras nunca têm exatamente o mesmo significado” (PALMER, 1986, p. 74). Para provar que os sinônimos são diferentes, o autor propõe cinco maneiras de investigar esse aspecto. Assim, o primeiro aspecto trata sobre as relações de equivalência entre variações dialetais, isto é, dentro da própria língua há maneiras de se dizer certas palavras que são diferentes de região para região, marcando assim as variações geográficas, etimológicas e sociais possíveis dentro de um mesmo território; o autor pontua: “alguns sinônimos pertencem a dialetos diferentes” (Ibid., p. 74). A título de ilustração, trazemos alguns exemplos para uma reflexão acerca dessas questões; o campo da culinária é rico em exemplos desse gênero, vejamos alguns referentes à diferença entre Rio Grande do Sul (RS) e São Paulo (SP). No RS usa-se “torrada” para se referir ao pão com queijo e presunto prensado, já em SP “torrada” é relativa a um pão tostado e a palavra usada para se referir a esse pão prensado é “misto quente”. Além disso, outras variações utilizadas no RS são os termos “guisado” para o que é chamado de “carne moída” em SP; “cacetinho” para “pão francês”; “negrinho” para “brigadeiro”. Tendo em vista os exemplos apresentados em relação aos dialetos do RS e de SP, podemos compreender que a mesma língua,

¹⁵ Aqui é importante destacar que, para Palmer, a sinonímia plena é um mito.

dentro do mesmo país, se torna estranha para os próprios falantes nativos; desse modo, já não é mais apenas uma questão de diferentes variedades de vocabulários, mas sim que a mesma língua pode ser opaca para o seu falante nativo na medida em que a língua se torna heterogênea. Sendo assim, a sinonímia também está constituída dentro da diversidade e da variação dialetal da língua.

O segundo aspecto apontado por Palmer é a variação de registro, nesse caso, temos o registro vernacular, que se refere à estrutura culta da língua; também se tem o registro coloquial, que marca a fala do cotidiano. Palmer destaca que “normalmente, não passamos de um dialeto para outro, mas podemos mudar de estilo durante a mesma conversa e, em particular, usar vocábulos diferentes para obter efeitos diferentes” (PALMER, 1986, p. 75). Pensando no registro vernacular, poderíamos apresentar um exemplo para pensar sobre essa questão, assim, poderíamos dizer: “apesar de ser demasiadamente gavola era um exímio solfista” para marcar o aspecto culto por meio de um arcaísmo. Caso a intenção seja marcar o aspecto coloquial pode-se dizer a mesma frase, mas de modo diferente: “apesar de ser muito exibido era um excelente músico”. Também podemos considerar o jargão metalinguístico, isto é, que diz respeito a uma área específica, como exemplo, o modo de se expressar dentro da medicina, do direito, da linguística. A fim de ilustrar esse aspecto, destacamos um exemplo da área da medicina veterinária; assim, imaginemos um médico veterinário passando as informações do diagnóstico para um outro médico veterinário, teríamos: “pela anamnese e exame clínico o animal, espécie canina, apresenta um quadro patológico de gastroenterite aguda, com vômitos biliosos”. Agora imaginemos que esse médico veterinário teria que repassar essa informação para seu cliente, então ele utilizaria o jargão coloquial: “o cãozinho está com uma infecção do intestino, o que provocou esses vômitos amarelos e esverdeados”. Assim, pode-se dizer que a língua não é homogênea, pois ela não é uma. Além disso, a língua divide os sujeitos de acordo com o modo como eles se aparelham em relação a ela. Desse modo, uma mesma língua são muitas línguas no interior dela mesma, o que torna cada língua heterogênea. E, portanto, as considerações de Palmer sobre a possibilidade de equivalência sobre diferentes registros nos mostram que o próprio funcionamento da

sinonímia se constitui na heterogeneidade da língua, marcada pela heteroglossia¹⁶, isto é, pelos registros e variações dialetais.

Em relação ao terceiro aspecto, Palmer propõe que ele está pautado no significado cognitivo e valorativo da palavra, o autor destaca: “algumas palavras parecem diferir apenas quanto ao seu significado ‘emotivo’ ou ‘valorativo’. O que resta da sua carga significativa, o seu significado ‘cognitivo’ mantém-se inalterado” (PALMER, 1986, p. 76). Desse modo, o significado cognitivo estaria relacionado ao aspecto objetivo, sendo intrínseco à língua; já o significado valorativo diz respeito ao valor que as palavras adquirem em diferentes condições de uso. No entanto, Palmer destaca que é um erro “tentar-se separar o significado ‘emotivo’ ou ‘valorativo’ do significado ‘cognitivo’ básico” (PALMER, 1986, p. 76), uma vez que é difícil isolar a significação objetiva dos valores que as palavras adquirem em determinadas condições de uso. Ainda, há palavras em inglês que são usadas somente para fins valorativos e, por último, o autor enfatiza que o significado das palavras “não é apenas uma questão de factos ‘objetivos’; há nele muito de ‘subjetividade’, e não é possível distinguir claramente entre uma coisa e outra” (Ibid., p. 76).

Para pensar sobre esse aspecto, apresentamos um exemplo retirado do prefácio de *Animal Farm*, no qual Orwell utiliza a palavra “intelligentsia”, como no exemplo: “a intelligentsia britânica, em sua maioria, irá reclamar deste livro porque calunia seu Líder” (ORWELL, [1945], 2007, p. 133). Tal termo remete a uma definição do século XVIII de origem polonesa, referindo-se a uma classe de pessoas educadas e engajadas com trabalho mental e intelectual que controlam a política e a cultura de um país. Já o *Dicionário Exitus* apresenta o conceito apenas como uma “classe ou grupo de intelectuais” (HOUAISS & AVERY, 1983, p. 303). Importante notar que esse termo foi utilizado na Rússia pré-revolucionária e também na União Soviética para designar a classe de intelectuais influentes na tomada de decisões políticas revolucionárias. Ambos conceitos se assemelham, pois ambos se referem a uma elite intelectual, no entanto, o uso que Orwell faz em seu prefácio remete a uma alusão específica aos

¹⁶ Conceito elaborado por Volochinov (Bakhtin) que se refere a um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes ou línguas sociais, o que demarca a diversidade de línguas dentro de uma comunidade. Desse modo, a heteroglossia é entendida como a interação de múltiplas perspectivas individuais e sociais, o que representa o quanto a linguagem está composta por diferentes contextos, estilos e intenções distintas, as quais são marcadas pelo meio/contexto social e pela época em que vivemos.

intelectuais de esquerda da sua época, isto é, não se refere apenas à elite intelectual britânica, mas a uma delimitação dessa elite. Desse modo, é possível perceber que o sentido desliza, pois ele já não é mais aquele colado à palavra no seu sentido dicionarizado, assim, o sentido é dado em suas condições históricas de produção.

A quarta definição que Palmer apresenta diz respeito às palavras que são limitadas quanto à sua ocorrência, ou seja, “só podem ocorrer em conjugação com outras palavras” (PALMER, 1986, p. 76). Isto é, a restrição seletiva está relacionada às condições de equivalência entre as palavras. Desse modo, a fim de exemplificar melhor esse conceito, podemos deter-nos na classe dos adjetivos, sendo assim, podemos dizer que os mesmos adjetivos têm restrições para certas palavras. Palmer apresenta o exemplo de que “*rancid* (rançoso) surge sempre ligado a *bacon* (presunto) ou a *butter* (manteiga), *addled* (podre/choco) a *brains* (moleira) ou *eggs* (ovos)” (PALMER, 1986, p. 76). Dessa forma, determinados atributos podem ser conferidos a certos sujeitos e a outros não, isto é, pode-se atribuir a palavra “choco” a “ovo”; assim, pode-se formar a frase: “o ovo está choco”. No entanto, ao usar o mesmo adjetivo para outro sujeito, como por exemplo, “leite”: “o leite está choco”, já ocorre uma inadequação.

A quinta acepção de Palmer é a respeito da conotação, o autor propõe que as palavras são associadas a “certas características dos objetos que elas designam. Assim, *woman* (mulher) tem a conotação de ‘weak’ (fraca) e *pig* (porco) de ‘dirty’ (sujo)” (PALMER, 1986, p. 78). Desse modo, certas formas de objetivar as palavras não têm relação com o valor objetivo da palavra, pois certas palavras têm formas de objetivação que se colam a elas por razões históricas. Esse processo de “naturalização do sentido” ocorre dentro de um contexto social, Palmer pontua:

[...] isso não tem, em rigor, qualquer relação com o significado das palavras ou mesmo com o significado em geral. Indica, isso sim, que as pessoas (ou pelo menos algumas pessoas) acreditam que as mulheres são fracas e os porcos sujos” (PALMER, 1986, p. 78).

Interessante o destaque entre parênteses feito pelo autor (“ou pelo menos algumas pessoas”), pois apesar de determinada palavra ter adquirido tal “naturalização” nem sempre isso pode ser aplicável a todas as circunstâncias. Em relação ao *Animal Farm*, por exemplo, é interessante notar que o termo “porco” inicialmente simboliza o proletário (subjugado e menosprezado pela elite). No entanto, após a revolução a

mesma palavra (porco) passa a simbolizar a alta estirpe dos animais da fazenda, os detentores do poder, remetendo, assim, a um sentido de “sujo” presente na palavra “porco”, muitas vezes utilizado para se referir às classes políticas dominantes. Tais exemplos nos permitem pensar sobre o trabalho das ideologias no processo de atribuição de sentido às palavras.

Para prosseguir em relação às considerações sobre a sinonímia, tomamos agora a obra de Rodrigues Lapa, *Estilística da Língua Portuguesa* (1987). O autor propõe analisar como uma ideia, um conceito, admitem várias palavras para exprimir significações, tendo em vista seus variados aspectos.

Lapa inicia sua análise pensando sobre a pluralidade dos meios de expressão, então, o autor exemplifica que ao perguntar a um amigo o significado da palavra “inteligente”, esse irá responder procurando usar vocábulos semelhantes, como “esperto”, “hábil”, “que tem olho” (LAPA, 1987, p. 21). Isto é, cada expressão tem seu valor, mas de forma geral engloba a ideia de “inteligente”. Desse modo, para que o sujeito se expresse há uma série de palavras ligadas a um sentido comum, assim, quando se evoca determinada palavra outras vêm atrás; para esse fenômeno, Lapa pontua que: “a estas palavras ou modos de dizer, ligados entre si por uma noção comum, dá-se o nome de *sinônimos*” (LAPA, 1987, p. 21).

Após essa delimitação, o autor assinala que se for considerar o sinônimo como simplesmente palavras que têm o mesmo sentido, então, é evidente que não há sinônimos, pois isso é impossível. Isto é, para um mesmo objeto pode haver nomes diferentes, contudo, esses nomes não podem ser equivalentes. Pensando em um exemplo para ilustrar essa ideia, selecionamos a palavra “mariposa”, que pode ter como sinônimo as palavras “inseto noturno”, “borboleta”. No entanto, essa palavra também admite como sinônimo os vocábulos “meretriz” e “feiticeira”. Contudo, de acordo com o raciocínio de Lapa, não há como afirmar que “meretriz” possa ser sinônimo de “feiticeira”. Trata-se, aqui, novamente do trabalho das ideologias em torno do imaginário de feiticeira ao longo da história.

Lapa também trata sobre a questão das formas divergentes, que se referem àquelas palavras que são oriundas de um mesmo termo. Como exemplo ele traz o latim, o árabe e o grego em que os termos, mais tarde, se diferenciaram por evolução fonética.

Assim, ele pontua alguns exemplos: “[...] cheio – pleno; (...) traição – tradição” (LAPA, 1987, p. 22). Interessante notar que em relação aos vocábulos “cheio/pleno” ocorre uma mudança de registro verbal, em que “pleno” é tido como linguagem vernacular e “cheio” usado para linguagem coloquial. Sendo assim, ambos termos, segundo o autor: “são usados em circunstâncias diferentes e basta esse fato para os tornar desiguais” (LAPA, 1987, p. 22).

Vale notar também que as formas divergentes alcançam o máximo de desvio semântico. Para pensar sobre essa questão, Lapa destaca o exemplo da palavra “traição-tradição”, argumentando que é incrível como uma mesma palavra possa gerar acepções tão diversas:

Tradição foi um velho termo de caráter jurídico, cujo significado era: “entrega, transmissão de qualquer coisa a outrem”. Na passagem do latim para o português, o vocábulo perdeu aquele *d* entre vogais e começou de significar outra ideia: “a entrega, a transmissão dum segredo íntimo, militar, político, ou duma fortaleza, vila, etc.” Vê-se pois como da simples ideia fundamental de “entrega”, “transmissão”, se engendrou o significado moral de “traição”, “infidelidade”, “deslealdade”. *Traição* poderia definir-se como “entrega desleal”. (LAPA, 1987, p. 23).

Além disso, o autor afirma que a palavra “tradição” também seguiu seu rumo, passando a significar, conforme pontua Cândido de Figueredo no *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*: “transmissão de fatos históricos, sistemas, lendas (...) sem prova autêntica ou escrita, provindo da transmissão oral ou de hábitos inveterados” (FIGUEIREDO, apud LAPA, p. 23).

Desse modo, pode-se compreender porque o dicionário se torna um instrumento tecnológico insuficiente para tratar da questão da sinonímia. Como exemplo desse critério, destacamos o caso das conjunções, as quais funcionam de modo a estabelecer uma relação de sentidos entre os enunciados e, assim, contribuir para produção de determinados efeitos semânticos que variam de acordo com o modo como elas articulam os enunciados. Vejamos o caso do vocábulo “mas”, que pode ser entendido como uma conjunção adversativa e também aditivada. Em uma das acepções, o Dicionário Aurélio propõe que “mas” tem sentido de: “obstáculo, estorvo” (p. 353). Assim, não seria viável, na construção de um enunciado, substituir a palavra “mas” por “obstáculo”, por exemplo, já que o sentido acabaria sendo outro que não uma

adversativa.

Isto é, como afirma Lapa, não se pode substituir uma palavra por outra; ainda de acordo com o autor: “cada palavra, em dado momento, é portadora de um sentido, que adquire especial relevo no contexto” (LAPA, 1987, p. 23). Para refletir a respeito dessa questão, tomemos como exemplo a palavra “pagode”. O Dicionário Aurélio (1971) conceitua esse verbete como “zombaria, debique, mangação: *que fizeram pagode com ele!*” (p. 883). Isto é, tem-se então o funcionamento dessa palavra como alguém que está “zombando” da outra pessoa. No mesmo Dicionário Aurélio (1993), cerca de 20 anos depois, tem-se como conceito para essa palavra: “reunião informal onde se cantam ritmos populares, principalmente samba, com o acompanhamento de percussão, cavaquinho, violão, etc.” (p. 399). Essa mudança de sentido dialoga com o proposto por Lapa, em que cada palavra, em determinado momento, é portadora de um sentido.

A transformação em relação à palavra “pagode” pode ter ocorrido devido à expansão da música popular, com o gênero musical pagode, dentro da sociedade brasileira. Desse modo, como passou a existir uma demanda de músicos e de pessoas entusiastas desse estilo, o vocábulo “pagode” se adaptou a essa mudança, assim, seu significado como “estilo musical” se sobressaiu ao de “zombaria”. Poderíamos acrescentar ainda que essa mudança se deu devido ao contexto social e histórico da música popular brasileira, ou seja, foram necessárias mudanças no comportamento da sociedade para que a palavra sofresse uma transformação semântica.

Lapa tece também considerações a respeito do eufemismo para pensar sobre o funcionamento sinonímico. Segundo o autor, o eufemismo é utilizado como uma forma de adoçar a brutalidade ou a inconveniência social de determinadas ideias; assim, os vocábulos podem ser suavizados pelo uso do eufemismo. Como exemplo o autor observa que ao invés de utilizar-se a palavra “morrer”, justamente por apresentar esse aspecto bruto, usa-se “fechar os olhos”, “perecer”, “ir para o céu”.

Ainda na mesma linha de raciocínio de Lapa, o eufemismo pode surgir também para descaracterizar um conceito que já está preso à palavra e, assim, tentar tornar seu sentido mais ameno; como é o caso da palavra “lepra”, que apresenta um sentido negativo, uma vez que essa doença está acompanhada de um estigma social. Desse modo, usa-se a palavra “hanseníase” como uma tentativa de descolar esse sentido. Isto

é, o eufemismo substitui uma palavra cujo valor semântico se torna negativo a fim de apagar o valor de negatividade que o significante assume, assim, esse apagamento acaba criando a ilusão de que o valor que o significante assume não é negativo.

Lapa propõe ainda que nem todos os conceitos podem ser usados para definir a produção de sinônimos, ele explica que “as palavras concretas se prestam menos às variações sinonímicas” (LAPA, 1987, p. 23). Assim, ele exemplifica com as palavras “tinteiro”, “água”, “chave”, “calças”, comentando que tais termos não têm propriamente um sinônimo, também argumenta que os dicionaristas usam a perífrase linguística e acrescentam algumas locuções em que a palavra pode caber, como “tinteiro” – “pequeno vaso para conter tinta para escrever”. (LAPA, 1987, p. 23). Deste modo, a perífrase seria de ordem descritiva.

Após delimitar esses aspectos a respeito das questões sobre a sinonímia, passemos para as observações a respeito da equivalência em relação ao processo tradutório.

1. 3. As Equivalências no Processo Tradutório

O propósito desta sessão é apresentar diferentes perspectivas a respeito dos Estudos da Tradução, procurando pensar sobre a equivalência dentro do processo tradutório. Para isso, busca-se explicitar três pontos específicos, os quais são importantes para se pensar sobre a equivalência: (1) o processo de como o outro surge por meio da tradução, (2) o contexto histórico e (3) o papel do tradutor. A discussão será pautada em estudos desenvolvidos por Miriam Rose Brum-de-Paula, a partir de seu ensaio *O Outro no (In)traduzível* (2009), com foco nos conceitos sobre resistências culturais e resistências da língua, a fim de podermos compreender de que modo o outro emerge na tradução. Após essa delimitação, passaremos às questões relativas à importância do contexto histórico para a tradução com base nos apontamentos de Rosemary Arrojo em *Oficina de Tradução: a teoria na prática* (2007). Por fim, veremos como o papel do tradutor é representado no campo da tradução, segundo a perspectiva de Lori Chamberlain em *Gênero e Metáfora da Tradução* ([1988]¹⁷ 2005).

¹⁷ Para fins de realização deste estudo, trabalharemos com a tradução do original *Gender and the*

Em seu ensaio *O Outro no (In)traduzível* (2009), Brum de Paula busca destacar de que forma o outro se apresenta por meio da tradução; para isso, a autora trabalha os aspectos sobre as resistências criadas pela própria língua em relação à traduzibilidade. Assim, a intraduzibilidade pode ser compreendida como:

[...] manifestação de uma resistência produzida pela presença do não-familiar, de algo desconhecido e estranho (o outro), difícil de ser transposto para a língua-cultura de chegada. Ela indicaria uma fresta pela qual o outro pode passar e se revelar no texto de chegada. (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 14).

Sendo assim, uma análise do processo tradutório estaria interessada em tratar sobre quando o fenômeno da intraduzibilidade¹⁸ ocorreria e quais seriam os efeitos de sentidos decorrentes dessa lacuna no processo tradutório.

Ainda, Brum de Paula busca apresentar a sua perspectiva tendo em vista dois aspectos, o primeiro concernente às resistências culturais e o segundo às resistências da língua. Esses dois tipos de resistências podem implicar a presença do estrangeiro, isto é, de um aspecto fora da cultura de chegada no discurso e, segundo a autora: “evidenciam as relações existentes entre a unidade e a diversidade das representações significantes e auxiliam a compreender o modo como os invariantes e as variações são apreendidos pela linguagem” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 14). Desse modo, nesses dois tipos de resistência, a presença do “outro”¹⁹ no discurso está em jogo.

Vejamos, então, como se dão as considerações sobre as resistências culturais. Brum de Paula (2009), a partir de Cordonnier²⁰, destaca que a intraduzibilidade não

Metaphorics of Translation (1988), traduzida por Norma Viscardi e publicada pela Editora Unicamp em 2005.

¹⁸ Destaca-se que o conceito de “(in)traduzibilidade” foi concebido por Walter Benjamin, em sua obra *A Tarefa do Tradutor*, que postula que a tradução deve caracterizar uma relação simbolicamente perfeita com o original. Ainda, esse conceito também foi abordado por Derrida em sua obra *Writing and Difference*, onde o autor afirma que há a intraduzibilidade na literatura, mas que há estratégias para que os textos sejam traduzidos e veiculem sentido.

¹⁹ Neste caso, a “presença do outro” (the presence of the foreign) é um conceito estabelecido por Venuti em sua obra *The Translator's Invisibility: a history of translation* (1995), em que ele aborda sobre as questões da presença desse estrangeiro a partir de concepções de domesticação x estrangeirização. Para Brum de Paula, essa questão é metafórica, uma vez que o “outro” é esse inesperado que emerge no texto.

²⁰ Jean-Louis Cordonnier é autor do livro “Traduction et Culture” (Tradução e Cultura) de 1995, em que propõe que a tradução é a profissão mais antiga do mundo. No entanto, em nossa cultura, historicamente, tradução é tratada como anexação. Mas Cordonnier destaca que é importante tomar a tradução como articulada com uma ética; desse modo, pode-se chegar a uma aceitação da possível mudança de nossos próprios modos de ser e de interpretar.

está apenas no nível linguístico, mas está também associada às relações interculturais, as quais são atravessadas por uma diversidade de línguas e culturas. Neste caso, os empréstimos parciais, destacados anteriormente (seção 1.1), são um exemplo desse atravessamento da cultura dentro da língua, pois não é possível ocorrer uma transposição de sua totalidade do sentido, mas somente de uma parte dele.

Desse modo, a intraduzibilidade está pautada no nível da exterioridade à língua, sendo necessário recorrer às questões de ordens históricas e sociais que permeiam o texto de partida. Apesar do reconhecimento de que existe uma intraduzibilidade, o tradutor lança mão de soluções e, assim, realiza e introduz no texto de chegada escolhas e modificações que podem ser significativas ou não. Isto é, apesar de que exista a intraduzibilidade, Brum de Paula observa que: “não conhecemos tradutores (...) que tenham abandonado sua tarefa devido à impossibilidade teórica do traduzir” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 12). Além disso, as escolhas realizadas pelos tradutores possibilitam compreender que o tradutor instaura formas de interpretação frente ao intraduzível e tais interpretações evidenciam o ‘outro’ na prática tradutória.

Ainda, o tradutor tem a função de sair de si mesmo para interpretar, sendo assim, o tradutor faz o movimento de ir até a cultura do outro e voltar para a sua cultura, buscando realizar a tradução da maneira que acredita ser mais adequada.

Assim, a intraduzibilidade total pode ocorrer quando o texto de partida vai na contramão, segundo a autora, das “normas morais, políticas, ideológicas ou éticas da língua-cultura que poderia acolhê-lo” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 18). Para melhor explicitar essa ideia, a autora traz o exemplo dos textos religiosos, referindo-se especificamente à França da Idade Média, séculos IX-XV, em que não havia um livre acesso à versão da Bíblia em língua vernacular, destacando que a fidelidade aos textos religiosos consistia em ser fiel à língua de partida, isto é, a tradução deveria ser realizada palavra por palavra; como destaca a autora: “a infidelidade à *palavra por palavra* constitui o intraduzível do texto sagrado” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 19).

Ainda, o método de tradução *palavra por palavra* se refere a um modo de traduzir ancorado na história da tradução e que foi utilizado especialmente para traduções de textos religiosos. Assim, buscava-se o respeito e a fidelidade à língua de partida e, desse modo, o texto de chegada deveria apresentar uma equivalência quanto ao

número de palavras e de letras do texto de partida. Como exemplo desse método, Brum de Paula destaca a tradução da *Bíblia*, pois ela foi traduzida para inúmeros idiomas, bem como possui muitas retraduições. Desse modo, tanto as traduções como as retraduições trouxeram à tona alguns problemas de ordem da prática tradutória, tal como as diferentes interpretações textuais, as diferentes formas de se ler e de reconstituir o mesmo texto e também a existência de uma “relativa intraduzibilidade das línguas-culturas em presença” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 31).

Tais problemas põem em destaque a ineficiência do método *palavra por palavra*, pois tal método não garante a fidelidade do texto de partida com o texto de chegada. Isto é, o método *palavra por palavra* é impossível de ser concretizado, pois o nível formal e lexical da língua de chegada não dispõe de todos os elementos para que, desse modo, ocorra a traduzibilidade.

Sobre a era clássica, isto é, durante o século XVII, Brum de Paula propõe que os tradutores, no contexto francês estudado pela autora, eram tidos como autores, os quais buscavam trabalhar uma “língua-cultura cujo prestígio ultrapassava as fronteiras do território francês” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 22). Desse modo, a função da tradução passa a ganhar um estatuto de prestígio nesse contexto histórico específico, de modo que a língua francesa poderia inclusive ser comparada ao latim e ao grego.

Poderíamos comparar esse processo com o que ocorreu no Latim, que adquiriu um grande prestígio com a tradução feita por São Jerônimo da Bíblia dos originais hebraicos e gregos, a *Vulgata*, que seria uma versão definitiva e menos rebuscada que a anterior, a *Vetus Latina*. Desse modo, a *Vulgata* foi utilizada pela igreja Católica como a versão oficial da Bíblia por séculos, assim como o latim se firmou como língua oficial.

Algo semelhante ocorre no século XVI quando o francês passa a se propor como uma língua universal, assim como ocorreu com o latim; interessante destacar que o poeta Joaquim du Bellay²¹ escreve *Défense et illustration de la langue française* (*Uma defesa e uma ilustração da língua francesa*) em 1549, em que faz um apelo em favor da língua francesa, tendo em vista o contexto do século XVI, e defende essa língua como dignamente igual ao latim e ao grego.

²¹ Poeta francês (1522-1560), foi militar e diplomata. Redigiu o manifesto, *Défense et Illustration de la Langue Française*, o qual foi considerado como marcador do início do Renascimento na poesia de França.

Ainda, as traduções desta época eram vistas como obras literárias e, desse modo, os tradutores tinham a importante função de ajudar a consolidar a língua-cultura francesa. Segundo Brum de Paula, o tradutor-autor “apropriava-se do conteúdo da obra, tomava liberdades em relação ao original e o tornava ao gesto de sua época numa escrita que lhe era própria” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 22). Deste modo, na França, a tradução nesta época estava pautada na fidelidade à língua de chegada e ao público leitor e por essa razão que a tradução acabou ficando caracterizada por uma rede de “deformações necessárias”, tais como supressões, adições e modificações, as quais colocavam em destaque o lugar de autoria do tradutor.

Como exemplo desta modalidade de tradução, a autora menciona as *Belas Infiéis*, movimento que diz respeito à tradução em que o texto de partida era usado apenas como uma referência, isto é, a tradução estava mais interessada na estética do que em transmitir o conteúdo do texto de partida. Desse modo, a tradução era elaborada de forma a recriar e adaptar a linguagem conforme as necessidades da língua e cultura de chegada, por isso, a tradução foi considerada bela, porém infiel, uma vez que não preservava o conteúdo de partida, mas buscava apresentar um texto belo.

Para ilustrar melhor essa questão, Brum de Paula pontua que a tradutora Anne Dacier²², que traduziu a *Ilíada* e a *Odisseia*, entre outros textos da antiguidade clássica, representa o início do fim das *Belas Infiéis*. Anne Dacier se opunha às *Belas Infiéis*, porém acabou tomando algumas liberdades, assim como os que seguiam esse movimento. Isto é, embora Anne Dacier pretendesse realizar uma tradução mais próxima do original, acabou adaptando algumas passagens ao gosto de sua época. No entanto, é importante frisar que as modificações realizadas por Dacier estão pautadas dentro da sua interpretação e perspectiva, pois as supressões foram realizadas levando-se em conta o que seria chocante para a mentalidade da época, ou seja, conforme um reflexo dos costumes do século XVII, especificamente para o contexto francês. Se tais supressões ocorrem através do filtro da tradutora, acabam marcando, assim, a sua inserção no processo tradutório. Buscamos destacar que um outro tradutor

²² Estudiosa francesa (1647-1720), foi tradutora, comentarista e editora dos clássicos de textos gregos e latinos para o Francês, incluindo a *Ilíada* e a *Odisseia*. Interessante destacar que suas traduções de *Ilíada* (1699) e *Odisseia* (1708) de Homero continuam sendo consideradas como um monumento da prosa neoclássica francesa.

teria realizado as supressões e alterações de modo diferente uma vez que o contexto interfere no modo de produção das traduções.

Para melhor exemplificar essa ideia, vale mencionar que Dacier entrou em um confronto chamado de Quirela Homérica, em que a tradutora passou por uma longa disputa, entre os anos de 1714-1716, contra o poeta Antoine Houdar de La Motte²³. Este, por sua vez, escreveu uma nova *Iliada*, mesmo sem saber grego; neste texto La Motte procura extirpar partes consideradas imorais.

É importante mencionar que La Motte considerava que o texto de Homero apresentava problemas literários. Assim, Dacier toma parte em defesa do texto homérico e suas qualidades, e a partir de sua posição, Dacier responde a La Motte por meio de seu trabalho *Des Causes de la corruption du goût* (Causas da corrupção do gosto), em que denuncia as muitas interpretações equivocadas de La Motte.

Sendo assim, podemos dizer que a tradução para Dacier já está pautada predominantemente na interpretação. Desse modo, o ato de tradução é um ato essencialmente ético enquanto ato de interpretar o dizer do outro, o qual estaria pautado nas dominâncias das ideologias, dos costumes e normas de uma época.

A partir de tais questões, pode-se pensar sobre a equivalência em relação ao processo de tradução, uma vez que o aspecto ético, enquanto ato interpretativo, tem uma ligação direta com a escolha de um equivalente durante o ato tradutório, já que o tradutor detém o poder de escolha entre um equivalente ou outro a partir do modo como se situa em um contexto de interpretar.

Outro aspecto em relação ao ato ético pode ser ilustrado com a obra *Animal Farm* (1945) de Orwell, com a qual trabalharemos. Com o passar do tempo, essa obra foi interpretada e traduzida, especialmente nos EUA durante a Guerra Fria, sendo afetada por determinadas ideologias dominantes como sendo mais um discurso anticomunista ou anti-esquerdista, uma vez que com o acirramento da Guerra Fria, o Ocidente passou a usar *Animal Farm* como uma arma ideológica anticomunista. A primeira tradução brasileira, que aparece em 1964, também se utiliza dessa obra para

²³ Dramaturgo e poeta francês (1672-1731), educado pelos jesuítas. Foi um importante representante literário da França do século XVII. Seu trabalho inclui fábulas, odes, ópera, pastorais e tragédias.

marcar um posicionamento anticomunista, como veremos adiante de modo mais detalhado.

Retomando Brum de Paula, torna-se necessário observar que para a autora: “o intraduzível indica a presença do outro. Se essa presença significa um obstáculo intransponível para uma época dada, a tradução não ocorre” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 26). Em relação a esse aspecto, e ilustrando a questão mais uma vez, destacamos aqui que Orwell teve dificuldades em publicar seu texto, tendo sido rejeitado, nos Estados Unidos, por mais de vinte editoras, segundo Bloom²⁴ (2006, p. 15). De acordo com Bloom, alguns alegaram que não estavam equipados para produzir a tiragem por causa de uma escassez de papel durante a guerra. No entanto, talvez um dos motivos que pesariam mais foi que em 1941 a União Soviética havia se aliado à Inglaterra, pois Hitler quebra o Pacto Germânico-Soviético, motivo que faz com que a URSS se junte aos Aliados²⁵. Contudo, como Brum de Paula afirma (2009, p. 12): “não conhecemos tradutores (sejam eles escritores, lingüistas ou filósofos) que tenham abandonado sua tarefa devido à impossibilidade teórica do traduzir”, o que demonstra como a presença do outro na tradução está sempre presente, porém não intransponível.

Brum de Paula entra também na questão sobre as resistências que são determinadas pela multiplicidade de línguas, assim, esse fator permite o surgimento de equivalentes que possibilitam a tradução e também oferece condições para o ‘outro’ se instalar no texto traduzido. No entanto, deve-se considerar a questão da distância cultural presente entre o texto de partida e o texto de chegada, o que dá espaço para que seja instaurada a intraduzibilidade: “é delicada a passagem de um sistema para o outro, pois isso coloca em jogo relações íntimas e únicas mantidas pelo sentido e pelos elementos formais que o representam” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 29). Isto é, não há uma correspondência de equivalência total entre as unidades decodificadas das línguas do mundo, assim, podemos operar com elementos linguísticos e semânticos somente tendo em conta a sua equivalência parcial. Desse modo, é necessário levar em conta

²⁴ Professor titular de Ciências Humanas, na Universidade de Yale; além disso, também ocupou cátedra na Universidade de Harvard.

²⁵ Também chamados de “Nações Unidas”, foram os países que se opuseram às Potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) durante a Segunda Guerra Mundial. Os Aliados promoveram a aliança como um meio de controlar a agressão alemã, japonesa e italiana. Além de Inglaterra e Estados Unidos, também outros países formavam o grupo dos Aliados, como o Brasil.

as possibilidades do sistema linguístico da língua de chegada, bem como a sua estrutura formal e, assim, observar de que forma se poderá ou não proceder a tradução.

Para Brum de Paula não há uma correspondência de equivalência direta entre duas línguas. As palavras são revestidas de sentidos heterogêneos. Por este viés, podemos conceber o intraduzível como algo intrínseco às condições de uso da palavra, em funcionamento em seu campo semântico; bem como ao número de acepções que a palavra pode ter em função das combinações das quais participa, segundo os enunciados em que está inserida.

Uma vez que pode ocorrer a intraduzibilidade total, o tradutor pode utilizar como recurso o empréstimo, assim, permitindo a solução de um problema colocado pela rigidez do método *palavra por palavra*; próprio da metodologia eclesiástica. Dessa forma, a inserção do empréstimo permite a introdução do ‘outro’ na língua de chegada. Para exemplificar essa questão, Brum de Paula apresenta o caso da tradutora Rahmouna Mahadji, que traduziu contos orais da cultura argelina para o Francês, no momento em que explica o motivo de ter conservado a palavra “darra” em um dos textos que traduziu.

Dlala, personagem do conto, é uma moça que foge de casa por viver uma situação potencialmente incestuosa. Sua mãe suplica sua volta empregando como argumentos o fato de ela ser sua filha e, por essa razão, não ter nada a temer. Como resposta, Dlala diz a sua mãe: “antes tu eras minha mãe, agora tu te tornaste minha *darra*” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 33).

Rahmouna Mahadji justifica o uso do empréstimo ao apontar a inexistência na língua-cultura de chegada um termo apto a substituir a palavra “darra”, pois o termo pode significar: 1) “casar com uma segunda mulher” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 33), remetendo a uma relação própria da cultura árabe-mulçumana em que um único homem pode ter mais de uma esposa, contanto que ele consiga sustentá-las. Além disso, tal termo também pode remeter, segundo a autora a: 2) “um sentido afetivo dotado de uma conotação pejorativa: ‘prejudicar’ e ‘fazer mal’” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 33). A palavra adquire significações múltiplas em dicionários de árabe-francês, contudo, nenhuma dessas acepções corresponde sozinha à palavra do fragmento a ser

traduzido. Desse modo, o empréstimo se torna a brecha pela qual o outro pode vir a ser introduzido na língua de chegada.

Além disso, a diversidade de línguas implica, conseqüentemente, uma diversidade de representações de mundo, conforme os sujeitos utilizam a língua em seus discursos. Isto é, os sentidos das palavras emanam conforme o lugar do qual os sujeitos falam. Contudo, é necessário destacar que tais representações de mundo são articuladas por meio das categorias gramaticais, isto é, as informações são veiculadas por meio de uma estrutura fornecida pela língua.

A autora argumenta que há sempre um elemento, que pode ser de ordem semântica, morfológica e histórica causando um deslizamento de sentido; isto é, cada língua estabelece o seu próprio sistema linguístico, mas esses elementos também se tornam objetos de resistências durante o ato tradutório. Sendo assim, traduzir é ultrapassar essas resistências e, de acordo com a autora: “reconfigurar, transformar e, se possível, tentar inserir o outro na língua de chegada, ou seja, tornar o intraduzível traduzível, pelo menos parcialmente” (BRUM-DE-PAULA, 2009, p. 42).

Também vale ressaltar que a língua de partida pode compreender determinados “outros” como fazendo parte da mesma cultura, tal como a acepção proposta por Palmer (1986) para as variações dialetais. Palmer (1986) propõe que dentro do mesmo país – da mesma cultura – pode haver diferentes vocábulos para se referir ao mesmo objeto, como exposto anteriormente. Essas variações não seriam apenas diferenças de escolha vocabular, pois pressupõem também uma outra cultura dentro de um mesmo sistema cultural. Isto é, dentro da mesma língua há uma infinidade de outras línguas, sendo assim, a língua já não é a mesma dentro de um mesmo país, comportando diferentes culturas. Assim, fazendo um paralelo com a tradução, é importante destacar que a língua de chegada também apresenta uma infinidade de “outros” dentro de sua estrutura e cultura; desse modo, o outro resvala também por meio dos aspectos culturais.

Uma vez abordado o conceito do outro na tradução a partir da perspectiva de Brum-de-Paula, passemos para as concepções a respeito do contexto em que um texto é produzido, o que influencia tanto na dimensão em que o outro se manifesta na tradução quanto no papel que o tradutor irá ou buscará ter dentro do texto. Para isso,

buscaremos nos apoiar em Rosemary Arrojo e sua obra *Oficina de Tradução: a teoria na prática* (2007). Nesse livro, Arrojo propõe analisar o conceito de tradução em relação ao seu aspecto prático; para isso, a autora analisa de que forma a tradução foi pensada sob uma perspectiva tradicional. Além disso, Arrojo também busca mostrar como a tradução literária é conceitualizada e, por fim, procura discutir o conceito de fidelidade presente nos Estudos de Tradução.

Para discutir a respeito de uma visão tradicional sobre o conceito de tradução, Arrojo seleciona o conceito de J. C. Catford²⁶ e sua proposta de que a tradução ocorre por meio de transferência, de substituição. Isto é, para Catford a tradução é “substituição do material textual de uma língua pelo material textual equivalente em outra língua” (CATFORD apud ARROJO, 2007, p. 12). Segundo a autora, Nida²⁷ é quem expande esse conceito ao apresentar uma comparação das palavras de uma frase com uma fileira de vagões de carga. Dentro desse modelo, a carga pode ser distribuída de forma irregular entre os diferentes vagões; assim, pode ocorrer de um vagão conter muita carga enquanto outro ficará com pouca carga. De modo semelhante, para Nida, algumas palavras contêm vários conceitos enquanto outras precisam se juntar (ser postas no mesmo vagão) para conter apenas um. Dessa forma, o mais importante no processo de tradução é “que todos os componentes significativos do original alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser usados pelos receptores” (ARROJO, 2007, p. 12). Nesse caso, é importante destacar que “o que é significativo” está pautado nas posições ideológicas e, portanto, na interpretação do tradutor.

Arrojo salienta que ao pensar o processo de tradução “como um transporte de significados entre as línguas A e B” (ARROJO, 2007, p. 12) parte-se do pressuposto de que o texto original é um objeto estável, ou seja, transportável para a língua alvo. Assim, a autora argumenta que:

Afinal, se as palavras de uma sentença são como carga contida em vagões, é perfeitamente possível determinarmos e controlarmos todo o seu conteúdo e até garantirmos que seja transposto na íntegra para outro conjunto de vagões” (ARROJO, 2007, p. 12).

²⁶ John Cunnison Catford (1917-2009) foi um linguista escocês, considerado como um dos principais foneticistas na Linguística. Também foi Professor Emérito de Linguística na Universidade de Michigan.

²⁷ Linguista e tradutor americano (1914-2011), considerado um dos principais teóricos da tradução bíblica do século XX.

Seguindo essa linha de raciocínio, a autora compara o tradutor ao encarregado do transporte de carga – nessa perspectiva, o papel do tradutor se restringiria a garantir a chegada intacta da carga ao seu destino, isto é, o tradutor é o encarregado por transportar a carga de significados; porém, o tradutor não deve interferir nessa carga, ou seja, não deve interpretá-la.

Para melhor discutir a respeito dessa visão tradicional que estabelece a tradução simplesmente como uma transferência de significados de uma língua para outra, Arrojo propõe examinar o conto “Pierre Menard, autor del Quijote”²⁸ do escritor Jorge Luis Borges. Esse conto é escrito como se fosse uma resenha literária crítica, porém póstuma, das obras do escritor Pierre Menard, do século XX. Tal resenha é desenvolvida pelo narrador/crítico e oferece a apresentação de um catálogo com o intuito de retificar o catálogo anterior, que o narrador/crítico afirma estar incompleto e ser falso. Importante destacar que esse narrador/crítico é um personagem central, uma vez que é ele quem irá tecer todas as críticas a respeito da obra de Menard.

Segundo esse narrador/crítico, a obra de Menard é composta por 19 obras visíveis, tais como monografias, traduções, análises. Contudo, para ele, a obra mais significativa de Menard é sua obra invisível, isto é, a reprodução dos capítulos IX e XXXVIII da Primeira Parte de Dom Quixote de Cervantes, bem como parte do capítulo XXII. Diferente das obras visíveis, essa parece nunca ter sido publicada. O narrador explica que o objetivo de Menard, mais do que reproduzir a obra de Cervantes, era repetir o texto na íntegra. Comentando Menard, Arrojo observa que:

[...] tal atitude rejeita, obviamente, uma interpretação contemporânea do *Quixote* e, ao negar-se a simplesmente ‘interpretar’ ou ‘traduzir’ o *Quixote*, Menard pretende recuperar não apenas a totalidade do texto de Cervantes, mas também o contexto em que fora escrito (ARROJO, 2007, p. 19).

Isto é, de acordo com Arrojo, o projeto invisível de Menard acaba por se assemelhar a uma teoria de tradução tradicional, que lembra os estudos de Catford e Nida, já que pressupõe uma linguagem que, segundo a autora: “autoriza a possibilidade de determinar e delimitar o significado de uma palavra, ou mesmo de um texto, fora do

²⁸ Originalmente lançado pela revista *Sur* em 1939, foi posteriormente inserido no livro *Ficções*.

contexto em que é lida ou ouvida” (ARROJO, 2007, p. 19). Segundo Arrojo, Menard percebe o texto como um objeto que apresenta delimitações perfeitamente determináveis. Partindo dessa concepção, para Menard, seria possível reproduzir (ou segundo a metáfora dos vagões – transportar) para outra língua as ideias, bem como o estilo contido no texto original. Assim, Menard se impõe o “misterioso dever” de repetir a obra de Cervantes, isto é, de “reconstruí-la”. Conforme a leitura de Arrojo, esse:

[...] “misterioso dever” pode ser interpretado como uma alegoria do que tradicionalmente se pretende atingir em toda tradução: Menard se impõe a tarefa de repetir um texto estrangeiro, escrito em outra língua, por um outro autor e num outro momento, sem deixar de ser ele próprio, isto é, sem poder anular seu contexto e suas circunstâncias (ARROJO, 2007, p. 20).

Desse modo, a fim de cumprir com sua tarefa de reproduzir a obra de Cervantes, Menard acaba repetindo *ipsis litteris* o texto de Cervantes usando exatamente as mesmas palavras utilizadas pelo autor.

Para melhor ilustrar as consequências dessa reprodução, Arrojo destaca um fragmento selecionado por esse crítico/narrador e sua crítica empreendida a esse trecho escolhido. Assim, o crítico/narrador sugere fazer uma comparação entre ambas as obras. Começa então apontando o que Cervantes escreveu: “...a verdade, cuja mãe é a história êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.” (BORGES, 1944, p. 34). Após apresentar o fragmento, então, o narrador faz sua crítica: “Redigida no século dezessete, redigida pelo ‘engenho leigo’ Cervantes, essa enumeração é um mero elogio retórico da história.” (BORGES, 1944, p. 34).

Logo, o narrador apresenta o trecho de Menard: “... a verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.” (BORGES, 1944, p. 34). Em seguida, apresenta sua crítica:

A história, mãe da verdade; a ideia é assombrosa. Menard, contemporâneo de William James, não define a história como indignação da realidade, mas como sua origem. A verdade histórica, para ele, não é o que aconteceu; é o que julgamos que aconteceu. (BORGES, 1944, p. 34-35).

Isto é, tal fragmento apresenta as mesmas palavras tanto em Cervantes como em

Menard, no entanto, a crítica do narrador/crítico será diferente para Cervantes e para Menard, tal como pontua Arrojo: “O que Menard lê e reproduz como sendo o verdadeiro *Quixote* (...) é interpretado pelo narrador crítico como algo diferente” (ARROJO, 2007, p. 19). Mesmo que Menard tenha reproduzido *ipsis litteris* a obra de Cervantes, este narrador/crítico percebe o mesmo texto como sendo obras diferentes somente em razão da troca de autoria. Desse modo, a crítica empenhada por esse personagem será uma quando ele está analisando a obra de Cervantes, mas será distinta ao analisar a obra de Menard.

Fazendo um cotejo com o trabalho do tradutor, Arrojo salienta que mesmo que o tradutor conseguisse estabelecer uma repetição total de um determinado texto, mesmo assim a tradução não poderia recuperar a totalidade do “original”, pois a tradução acaba revelando uma leitura, bem como uma interpretação do texto de partida. Ainda, é importante considerar que “essas mesmas palavras assumem um determinado valor quando o narrador/crítico as relaciona ao texto de Cervantes, e um valor diferente quando relacionadas ao contexto de Pierre Menard” (ARROJO, 2007, p. 19). Ou seja, o contexto e as condições em que o texto está inserido também são determinantes para a sua interpretação e, conseqüentemente, tradução. Com base na leitura do conto de Menard, Arrojo propõe que a tradução não se refere simplesmente à transferência de significados estanques de uma língua para outra, uma vez que o significado de determinada palavra (e também texto) apenas é delimitado após uma leitura prévia.

Desse modo, o texto como signo “deixa de ser a representação ‘fiel’ de um objeto estável que possa existir fora do labirinto infinito da linguagem e passa a ser uma máquina de significados em potencial” (ARROJO, 2007, p. 23). Sendo assim, a imagem do texto “original” deixa de ser aquela de uma sequência de vagões em que há uma carga estável de significados que podem ser resgatados na língua de chegada. É preciso para que desconsideremos o texto apenas como um receptáculo em que seu conteúdo possa ser controlado e mantido de modo igual em diferentes línguas. Arrojo propõe que a imagem metafórica do texto traduzido seja a de um palimpsesto²⁹. O processo de palimpsesto se refere ao texto que era apagado para receber um novo

²⁹ Observa-se que Arrojo toma esse conceito de empréstimo da obra de Gerard Genette *Palimpsesto: a literatura de segunda mão* (1982).

conteúdo sobre ele (mantendo ainda traços da escrita anterior, pois, conforme Arrojo: “[...] o palimpsesto passa a ser o texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do ‘mesmo’ texto” (ARROJO, 2007, p. 23-24). Sendo assim, a tradução, assim como a leitura, deixa de ser uma atividade que protege os significados originais de um autor, mas passa a assumir uma condição de produtora de sentidos.

Além disso, a autora também propõe examinar as implicações do conceito de palimpsesto para uma definição da própria literatura. Para isso, Arrojo retoma um questionamento comum, mas pertinente: o que é literatura? Ou, como textos tão diferentes como *Lusíadas* de Camões, *Quadrilha* de Carlos Drummond de Andrade ou *Paradise Lost* de John Milton podem ser todos considerados poemas, apesar de suas diferenças estilísticas? Deste modo, a literatura seria uma categoria “convencional criada por uma decisão comunitária” (ARROJO, 2007, p. 30). Isto é, aquilo que é reconhecido como literatura é o resultado de uma decisão, sendo consciente ou não, de determinada comunidade cultural sobre o que pode ser considerado literário. Isto é, o contexto histórico cultural lusitano que produziu o poema *Os Lusíadas* talvez não reconheceria como sendo um poema o texto *A Quadrilha*. No entanto, hoje em dia é possível incluir ambos os autores como os maiores poetas da Língua Portuguesa em Portugal e no Brasil.

A fim de melhor ilustrar suas ideias a respeito do texto literário, Arrojo apresenta o seguinte exemplo: imaginemos que o bilhete abaixo foi deixado por um hóspede americano na mesa da cozinha de seu anfitrião brasileiro: “This is just to say I have eaten the plums that were in the icebox and which you were probably saving for breakfast. Forgive me, they were delicious: so sweet and so cold” (ARROJO, 2007, p. 32). Assim, levando em conta que esse seja um simples bilhete de caráter pessoal, a autora propõe a seguinte tradução: “Este bilhete é só para lhe dizer que comi as ameixas que estavam na geladeira e que provavelmente você estava guardando para o café da manhã. Desculpe-me, elas estavam deliciosas, tão doces e geladas” (ARROJO, 2007, p. 32). Contudo, faríamos uma outra leitura, uma diferente interpretação³⁰ e,

³⁰ Conceito baseado na teoria do *horizonte de expectativa* de Hans Robert Jauss e sua obra *Estética da Recepção* (1994).

portanto, teríamos uma outra tradução ao constatarmos que o fragmento acima é na verdade um poema de William Carlos Williams³¹. Ao trazer a questão do poema à tona, a realização da tradução passa a adquirir outro aspecto, pois determinados elementos textuais precisam ser pensados de outra forma, como a palavra “plums”, que pode remeter a um sentido erótico, por apresentar a imagem de “macia e vermelha”. Além disso, também é importante considerar o contexto em que o poema foi produzido – em meados dos anos 30, em Rutherford, New Jersey. Desse modo, levando em consideração esse local e seu contexto histórico, pode-se imaginar que “plums” não seria uma fruta comum no café da manhã nesse local e nessa época; implicando, assim, mais um obstáculo para a tradução, pois seria necessário encontrar uma fruta equivalente que lembrasse as características da textura da fruta e que também fosse não tão comum em outro contexto, tendo em vista a língua de chegada.

Dessa forma, Arrojo conclui que o que torna a tradução difícil não são as características inerentes que o poema tem, mas a interpretação que o leitor constrói desse poema. Arrojo faz uma comparação com o crítico/narrador de Pierre Menard, pois, apesar de os textos de Cervantes e Menard terem exatamente as mesmas palavras, foi a leitura do narrador/crítico que possibilitou interpretar de forma diferente. O mesmo ocorre com o poema de Williams, ao sermos informados de que o texto não é um bilhete, mas sim um poema, então, é a nossa leitura que distingue o poema de um simples bilhete.

Após essas considerações sobre o modelo tradicional de tradução, bem como o conceito de tradução literária, Arrojo propõe repensar o conceito de “fidelidade”. Para isso, a autora pontua que Menard não pode ser completamente fiel ao texto de Cervantes, pois o texto não é um receptáculo de conteúdos tidos como estáveis e que são mantidos sob controle, os quais podem ser repetidos na íntegra. Isto é, o texto de Cervantes, assim como qualquer texto, seja literário ou não, apenas pode ser traduzido por meio de uma leitura, inserida em um determinado contexto e, conseqüentemente, apresentar uma interpretação. Ou seja, esta tradução está condicionada à recepção.

³¹ Poeta estadunidense (1883-1963). Williams era médico, poeta, romancista, ensaísta e dramaturgo. Junto com Ezra Pound e Hilda Doolittle (H.D.), Williams foi um dos principais poetas do movimento do Imagismo, também era associado ao movimento Modernista. Com isso, escreveu sobre questões e temas americanos.

Desse modo, assim como ocorre com Pierre Menard, nenhum leitor/tradutor pode evitar que seu contato com o texto seja mediado por suas experiências sociais, seus contextos históricos. Arrojo explicita melhor essa proposta:

Aquilo que consideramos *verdadeiro* será irremediavelmente determinado por todos os fatores que constituem nossa *história* pessoal, social e coletiva. Nesse sentido, é a história que dá luz à verdade, e não a verdade que serve de modelo para a história (ARROJO, 2007, p. 38).

A fim de podermos entender melhor um pouco dessa relação entre história e realidade, Arrojo propõe imaginarmos a seguinte situação: em São Paulo, em meados dos anos 1920 seria realizado um concurso de fantasia da Cleópatra, Rainha do Nilo e a vencedora seria aquela que apresentasse uma versão mais “fiel” da Cleópatra “original”, que viveu no Egito, um século antes de Cristo. O júri seria composto por homens e mulheres que foram selecionados devido ao seu conhecimento de história egípcia, bem como o conhecimento da biografia de Cleópatra. Além disso, o concurso também contaria com um fotógrafo encarregado de documentar o evento.

Então, Arrojo propõe o seguinte questionamento: se olhássemos a foto da vencedora hoje, o que veríamos? Reconheceríamos na foto várias características daquilo que consideraríamos os costumes da década de 1920. Assim, todo o arranjo da vencedora estaria marcado pela moda dos anos 20, isto é, seu traje, maquiagem etc. corresponderiam a essa época. Isso revelaria uma proximidade muito maior com a época da participante do evento do que com a época da Cleópatra “verdadeira”. Ou seja, embora a seleção dos trajes para se parecer com os trajes egípcios antigos fosse baseada em uma descrição minuciosa, encontrada em livros de história, o traje da Cleópatra dos anos 20 seria produzido com tecidos e cortes de costura disponíveis por alguém que viveu nos anos 20.

Arrojo se pergunta se não poderíamos repetir o concurso hoje³², buscando evitar os erros cometidos pelas Cleópatras dos anos 20. Assim, conforme sua visão, a versão construída também não revelaria costumes vigentes, bem como estilo e idiossincrasias de nossa época e de nossa cidade? Vejamos o que a autora afirma:

³² Importante ressaltar que esse “hoje” mencionado pela autora se refere aos anos 80.

Do mesmo modo que é impossível para Menard tornar-se Cervantes, e do mesmo modo que é impossível para as “Cleópatras” dos anos 20 e dos anos 80 tornarem-se Cleópatra, é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo são sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido. (ARROJO, 2007, p. 40).

Desse modo, podemos perceber que não há como resgatar exatamente as intenções do texto original. O que se pode fazer enquanto leitor, assim como tradutor, é expressarmos nossa visão desse autor e de suas intenções. Assim, o projeto de Menard é um produto de sua época, de sua teoria sobre linguagem, de sua comunidade interpretativa, bem como o é a interpretação proposta pelo narrador/crítico.

Desta forma, levando-se em conta o contexto histórico, podemos fazer um paralelo com a questão da equivalência. Pode-se dizer que toda tradução está fadada a se tornar datada, pois o que é uma palavra comum em determinada época pode não ser mais comum em outra. Assim, o tradutor realiza a tradução tendo em vista que determinada palavra pode soar como o equivalente mais acertado para determinado contexto, contudo aquele equivalente pode não ser mais considerado comum em outra época. Ou ainda, pode ocorrer também de que a tradução apresente um anacronismo, uma vez que o tradutor opte por determinado termo que não estava vigente na época em que o texto de partida foi escrito.

Para melhor exemplificar essa questão, selecionamos um trecho da obra *1984* de George Orwell, publicada em 1949. Na passagem em questão Winston, o personagem principal, escreve em seu diário a seguinte ideia: “When any ordinary person spoke to a capitalist he had to cringe and bow to him, and take off his *cap* and address him as 'Sir'. The chief of all the capitalists was called the King” (ORWELL, grifo nosso, [1949], 2002, p. 57).

Em Português Brasileiro, a tradução³³ está assim: “Quando uma pessoa comum dirigia a palavra a um capitalista, tinha de curvar-se e fazer reverência, além de tirar o *boné* e chamar o capitalista de ‘Senhor’. O chefe de todos os capitalistas era chamado de Rei”. (ORWELL, [1949], 2009, p. 92). Procuramos nos deter na escolha tradutória de “boné” como um equivalente da palavra “*cap*”. Tendo em vista o contexto inglês de

³³ Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn pela Companhia das Letras, 2009.

1940 (ano em que o livro foi escrito), é interessante destacar que este item do vestuário ainda não havia se popularizado como um acessório do dia a dia. Assim, a “boina”, o “chapéu” ou até mesmo o “quepe” são equivalentes que talvez se aproximem mais da ideia que envolve a palavra “cap”.

Do mesmo modo como Brum de Paula considera tanto as implicações culturais, como linguísticas como resistências, fazendo com que o outro seja manifestado pela tradução, Arrojo também apresenta conceitos semelhantes ao considerar o contexto em que uma tradução é produzida. Para Arrojo, o outro também se revela na tradução, pois o contexto histórico em que o texto é traduzido entrega as condições de produção em que aquela tradução foi elaborada, tendo sido bem exemplificado pelo exemplo da Cleópatra. Passemos, então, para as reflexões de Lori Chamberlain a respeito do papel do tradutor, de modo a traçar alguns aspectos sobre o modo como o tradutor se transforma em um produtor.

Lori Chamberlain, em seu artigo “Gênero e a metáfora da tradução” (1998), adota um viés feminista para dialogar com o conceito de tradução. Deste modo, a autora propõe discutir a questão da tradução dentro do paradigma baseado na noção de gênero, o qual regula os valores culturais por meio da distinção entre trabalho produtivo e reprodutivo. Para isso, a autora busca investigar a questão da figura do tradutor como um mero reprodutor, enquanto que o original (o autor) é considerado como um produtor.

Para tanto, Chamberlain utiliza um viés de comparação entre o feminino e o masculino – assim, a sua distinção estará pautada entre o escrever e o traduzir, ou seja, entre o original, considerado o “masculino” (o produtor) e seu derivado, o “feminino” (reprodutor). Deste modo, a tradução está ligada à figura feminina, isto é, ao papel de reprodução. Já o original está ligado à figura masculina, isto é, ao papel de produção. A partir dessa perspectiva, a originalidade da produção está associada ao paterno, bem como à autoridade; já a reprodução está vinculada ao feminino e à procriação, o que confere um viés ideológico determinado à tradução.

Além de promover um debate a respeito dessas diferenças, Chamberlain propõe questionar o conceito de fidelidade; para isso, a autora utiliza o exemplo das *belles infidèles* (existente desde o século XVII). Para Chamberlain, esse movimento implica uma “cumplicidade cultural entre as questões de fidelidade na tradução e no

casamento” (CHAMBERLAIN, 2005, p. 34-35). Isto é, traçando uma comparação com a questão de gênero proposta pela autora, o original, tal como o homem, é isento da possibilidade de ser infiel em sua relação à tradução, assim como ocorre no modelo conservador de um casamento entre um homem e uma mulher. Desse modo, a autora ressalta que:

O infame modelo “marido-mulher” opera aqui como deve ter sido no casamento tradicional: a esposa/tradução “infidel” é publicamente julgada por crimes que o marido/original por lei é isento de cometer. Em resumo, esse contrato isenta o original da culpa por infidelidade. (CHAMBERLAIN, 2005, p. 39)

Há uma relação entre beleza e infidelidade na ideologia do século XVII, que somente se aplica à mulher, estando os homens isentos deste tipo de infração no matrimônio.

Assim como Arrojo, Chamberlain também questiona o conceito tradicional de tradução, o qual propõe que no original está aquilo que é natural, verdadeiro e legítimo, enquanto que a tradução seria uma cópia, falsa e traidora, assim, metaforizada como uma bela infiel. Para melhor explicitar seu conceito de tradução enquanto subjugada ao original, Chamberlain apresenta diferentes perfis de tradutores que são descritos ao longo da história. Segundo a autora, Thomas Francklin, escritor e dramaturgo inglês do século XVIII, descreve o tradutor não como um reproduzidor, uma vez que é preciso usurpar o trono do autor, e tal usurpação está demarcada em nível de gênero gramatical. Assim, o tradutor será alguém que se configura como um homem sedutor; já o autor seria então o “amante”. Desse modo, o autor/texto se tornaria, relativamente, enfraquecido em relação ao tradutor, pois o autor é seduzido pelos galanteios do tradutor e se transforma em colaborador do projeto de se fazer bela e infiel. Isto é, a possibilidade de o tradutor se tornar um agente produtor está condicionada ao ato de seduzir o autor.

Ainda, o ato de traduzir é uma atitude política, tal como o empreendimento usado pelos alemães ao utilizar “*übersetzen* (traduzir) e *verdeutschen* (germanizar) alternativamente: “a tradução foi literalmente uma estratégia de incorporação linguística” (CHAMBERLAIN, 2005, p. 43). Indo então, em uma contraposição às *belas infiéis*, na obra de Friedrich Schleiermacher³⁴ é possível perceber o que a autora chama de

³⁴ Filósofo e teólogo (1768-1834), atuou como professor de Filosofia da Teologia em Humboldt University

“exemplo representativo que define a tradução como um problema de fidelidade à ‘língua-mãe’”. (CHAMBERLAIN, 2005, p. 43). Isto é, Schleiermacher atribui ao tradutor o perfil de pai, ele toma a posição que o tradutor deve ser fiel à língua-mãe para, assim, obter uma tradução legítima. Além disso, segundo Chamberlain, Schleiermacher também propõe que se o tradutor ousar produzir o texto de outra maneira – senão a fidelidade restrita ao original – seu produto final será algo incomum e depreciativo.

Na Inglaterra, a tradução durante o século XVI era compreendida como um “dever público”; um exemplo desse modelo se encontra no trabalho de Thomas Drant³⁵, que mostra o tradutor como uma figura onipotente, uma vez que, para ele, a tarefa do tradutor é raspar, suavizar, modificar o texto. Drant tem como conceito de fidelidade ao original talvez quase o mesmo que a geração das Belas Infiéis manifestaria mais tarde. Ou seja, é dever do tradutor atribuir ao texto de chegada elementos que o tornarão compreensíveis na cultura do texto alvo, segundo Chamberlain. Para tal feito, Drant se propõe como alguém capaz de fazer tais alterações no texto; alterações, contudo, que não modificariam o propósito de seu conteúdo.

Assim, para Chamberlain, o conceito de “fidelidade” no contexto da tradução muda conforme o propósito da tradução, a qual deve servir dentro de um contexto estético e cultural. Segundo a autora, as relações que se produzem na tradução, reproduzem muitas vezes o modo como os gêneros masculinos e femininos são representados na sociedade. De acordo com Chamberlain: “a fidelidade algumas vezes define a relação da tradução (feminina) com o original, especialmente com o autor original (masculino) da tradução” (CHAMBERLAIN, 2005, p. 45). Sendo assim, caso o texto for bom e belo é necessário que ele seja controlado em relação à sua propensão à infidelidade. Desse modo, a língua (feminina) deve ser protegida contra a difamação, o que é paradoxalmente esse tipo de fidelidade que poderia justificar o espólio de outra língua, como ocorre com o trabalho de tradutor de Drant, que revê a própria concepção do trabalho tradutório.

Chamberlain destaca que essa metáfora da tradução como feminina, como prática de infidelidade, põe em relevo tanto uma polêmica sobre os mitos da

of Berlin. Além disso, também traduziu Platão para a Língua Alemã.

³⁵ Clérigo e poeta inglês (1540-1578), traduziu Horácio para o Inglês; sendo que sua tradução foi a primeira completa das Sátiras de Horácio para a Língua Inglesa.

paternidade (ou autoridade) quanto uma ambivalência sobre o papel da maternidade. Para melhor explicitar essa questão, a autora apresenta o exemplo do trabalho de Serge Gavronsky³⁶, que ao lidar com a prática e a metáfora da tradução, propõe que a fonte de conflitos reside “na estrutura edípica que determina as opções do tradutor” (CHAMBERLAIN, 2005, p. 45).

Gavronsky representa o tradutor dentro do mundo das metáforas dividindo-o em dois grupos. O primeiro grupo é denominado como “devoto” – seria o tradutor como cavaleiro ou cristão que é aquele sujeito dependente do meio hierárquico para realizar sua tradução. Neste caso, seria aquele tradutor que vai submeter seus conhecimentos a uma ordem superior, realizando a tradução conforme seja do gosto de quem foi responsável pela encomenda da tradução. Gavronsky propõe que o esquema tal como senhor e escravo subjacente neste modelo metafórico de tradução é o elemento fundante do triângulo edípico.

[...] o escravo é voluntário (um serviçal hiperbólico, fiel): o tradutor se considera filho do pai-criador, seu rival, enquanto o texto se torna objeto de desejo, aquele que foi completamente definido pela figura paterna (...) Tradições (tabus) impõem ao tradutor um papel ritual altamente restrito. Ele é forçado a se diminuir (...) para respeitar as interdições do incesto. Confrontar o texto seria equiparar-se para eliminar (...) o pai-autor, o presente dominante. (GAVRONSKY, 1977 apud CHAMBERLAIN, 2005, p. 47).

Desse modo, o outro lado do triângulo edípico deve ser visto, segundo Chamberlain, como um desejo simbólico de matar o pai, representado, aqui, pelo texto/autor.

Já o segundo grupo, dentro do qual Gavronsky representa o tradutor, é focalizado com base na figura do canibal. Neste caso, o tradutor seria alguém que, não apenas se apropriaria do conteúdo do texto original, como também o devoraria agressivamente saboreando o texto e se alimentando das palavras contidas no texto fonte. Depois desse ritual, o tradutor anunciaria tais palavras em sua própria língua, desse modo, o tradutor estaria totalmente liberto do criador do ‘original’. Isto é, enquanto o tradutor “devoto” se refere aquele modelo de tradutor que tem um papel secundário, em relação ao texto original; o tradutor “canibal” seria aquele que libertaria

³⁶ Professor de francês, leciona no Barnard College (Nova York) desde 1960. Também atua como tradutor dos pares de língua Francês e Inglês.

os outros tradutores “da subserviência às restrições ‘culturais e ideológicas” (CHAMBERLAIN, 2005, p. 46).

A intenção de Gavronsky seria inserir o tradutor dentro de um plano em que suas ações (a tradução em si) fossem devidamente valorizadas com o caráter de ‘original’. Para isso, o tradutor, primeiramente, precisaria se libertar do estigma de subordinação da cultura de partida e suas ideologias. No entanto, para Chamberlain, seu modelo está estritamente inscrito nos moldes binários:

Ao repetir o tipo de violência que já vimos de modo tão notável em Drant, Gavronsky trai a dinâmica de poder de seu sistema “paternalista” (...) o tradutor, para Gavronsky, é um macho que repete em nível sexual os mesmos crimes que todo país colonizador comete em suas colônias. (CHAMBERLAIN, 2005, p. 47).

Ou seja, apesar de propor uma concepção antropofágica de tradução, Gavronsky ainda está ligado ao conceito binário do processo tradutório.

Nesse sistema metafórico analisado pela autora – ou seja, essas tradicionais nomenclaturas utilizadas para se referir à tradução e que estão ligadas à mulher, como a *bela infiel*, a língua-mãe – pode-se perceber que o tradutor reivindica para “si” o direito à paternidade, isto é, exige a legitimidade de seu texto. De acordo com Chamberlain, “afirmar que traduzir é como escrever é, então, tornar a tradução uma atividade criativa – mais do que recreativa” (CHAMBERLAIN, 2005, p. 51). Além disso, tais metáforas também sugerem uma relação entre o valor de produção *versus* reprodução; desse modo, enquanto a escrita (o original) é tida como uma atividade de maior valor, a tradução ainda precisa reivindicar esse direito.

Assim, a autora propõe que a transformação da tradução seja de uma atividade reprodutora para uma atividade produtora, isto é, de uma função secundária para uma função criadora. Desse modo, a tradução pode, então, ser caracterizada como uma atividade legítima, isto é, a tradução já não está mais definida como reprodutora, sendo marcada por ser infiel. Com isso, segundo a autora, esse aspecto: “pressupõe a codificação dos direitos da tradução como direitos de propriedade” (CHAMBERLAIN, 2005, p. 50). Além disso, a autora propõe que o motivo pelo qual a tradução é tão codificada se deve ao fato de que: “ela ameaça apagar a diferença entre produção e reprodução, essencial para a instituição do poder” (CHAMBERLAIN, 2005, p. 51). As traduções ainda podem passar por originais, desse modo, provocando um curto-circuito

no sistema. Segundo Chamberlain: “o fato de ser essencial que a *diferença* seja mantida é discutido em termos de vida e morte” (CHAMBERLAIN, 2005, p. 51).

Chamberlain também salienta que a tradução não partilha da nobreza ou triunfo que geralmente são associados à escrita, desse modo:

[...] apesar das reivindicações metafóricas de igualdade com os escritores, os tradutores são frequentemente ultrajados ou ignorados: não é incomum encontrarmos críticas de traduções em períodos de prestígio que nem sequer mencionam o tradutor ou o processo de tradução (CHAMBERLAIN, 2005, p. 52).

Isto é, de acordo com a autora, a distinção entre produção e reprodução se torna essencial, só assim é possível que o tradutor continue sendo representado através de um papel submisso – alguém dependente do texto de partida e que está à mercê do “verdadeiro” autor do texto.

Ao longo de diferentes épocas, o tradutor foi tratado apenas como um reprodutor, ou seja, como aquele que coloca (ou deveria colocar) na sua língua “exatamente” aquilo dito na língua de partida. A distinção entre produção e reprodução implica instituição de poder. Neste caso, tratar o tradutor como um produtor significa que esse tradutor é também um autor e, portanto, teria seus direitos autorais sobre o texto produzido/traduzido.

Ainda, como pontua Chamberlain, é importante ressaltar que uma tradução geralmente está dependente de uma instituição, isto é, a tradução é encomendada por alguém. No caso das traduções de *Animal Farm* de Orwell para o Português brasileiro, destacamos que elas foram encomendadas por diferentes instituições, sendo uma delas o instituto IPES em parceria com a Editora Globo e a outra a Biblioteca do Exército, as condições de produção do trabalho tradutório serão melhor exploradas a no capítulo a seguir.

Assim como defende Chamberlain, que o tradutor é um produtor, também Brum de Paula e Arrojo apresentam uma proposta semelhante, ao enfatizar que o tradutor atua realizando escolhas entre duas culturas e lidando com formas sintáticas diferentes. Sendo assim, delimitamos até aqui questões concernentes à inserção do outro em uma tradução por meio da cultura e também da língua. Essa delimitação será importante para a análise aqui empreendida, uma vez que o outro pode emergir ao longo da

comparação entre o original e as traduções. Além disso, também ressaltamos como o contexto histórico é importante para se pensar sobre a tradução, bem como o processo envolvido durante um trabalho tradutório. Essas questões também serão aprofundadas no próximo capítulo ao analisarmos o contexto histórico em que a obra de Orwell foi escrita na Inglaterra, em 1945, e traduzida para o Português Brasileiro, em 1964, e posteriormente retraduzida em 2006. Ainda, buscamos apresentar o papel do tradutor como um produtor, sendo assim, o tradutor não atua como um agente passivo no processo tradutório, pois é ele quem torna o texto de chegada algo independente e também original. Esta questão também será melhor explicitada no capítulo seguinte ao explorarmos quem são os tradutores de *Animal Farm*. Após delimitadas as considerações a respeito da tradução, passemos para as condições de produção em que *Animal Farm* foi produzido e traduzido.

2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

A fim de podermos situar melhor a obra de Orwell, iremos recorrer à noção de condições de produção, desenvolvida inicialmente por Michel Pêcheux e a seguir por Jean Jacques Courtine. Além disso, também pretendemos neste capítulo apresentar alguns aspectos sobre a vida do escritor George Orwell, a fim de que se possa compreender o processo percorrido por ele antes e durante a escrita de *Animal Farm* (1945). Também busca-se apresentar a obra e traçar um paralelo com a Revolução Russa de 1917, bem como a posterior stalinização do regime soviético que ocorreu após a morte de Vladimir Lenin, contextos que são alegorizados na obra de Orwell. Ao tratarmos da tradução brasileira de 1964 e também de 2006, procuramos apresentar o contexto histórico no qual *Animal Farm* foi traduzido no Brasil e tomamos também como nucleares as considerações a respeito de seus tradutores.

2.1 Noções de Condições de Produção

Para tratar sobre o conceito de condições de produção (CP), buscamos nesse momento refletir a respeito da noção de condições de produção desde a instauração deste conceito até sua remodelação. Para isso, iniciaremos a leitura das CP a partir de textos de Michel Pêcheux (1969-1997), passaremos pelos desdobramentos que o autor irá traçando ao longo da teoria e também dialogaremos com a releitura que Jacques Courtine (1981) propõe a respeito desse conceito.

Para Pêcheux, discurso não é pertencente a um sistema de normas, mas a um conjunto de sistematicidades que não são nem individuais nem universais e que são derivadas de estruturas de ideologias políticas; assim, segundo o autor, o discurso corresponde a “um certo *lugar* no interior de uma formação social dada” (PÊCHEUX, [1969]³⁷, 1997, grifo do autor, p. 77). Dessa forma, Pêcheux propõe que: “um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições dadas*” (Ibid., grifos do autor, p. 77). A partir

³⁷ Para fins de realização deste estudo, trabalharemos com a tradução advinda do inglês *Towards an automatic discourse analysis*, sendo publicada pela Editora Unicamp em 1997 sob o título *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. A tradução é realizada por Bethania S. Mariani, Eni Pulcinelli Orlandi, Jonas de A. Romualdo, Lourenço Chacon J. Filho, Manoel Gonçalves, Maria Augusta B. de Matos, Péricles Cunha, Silvana M. Serrani e Suzy Lagazzi.

desse conceito, Pêcheux reflete sobre o funcionamento do discurso político. Desse modo, este discurso político pode representar um partido, assim como determinados interesses de diferentes segmentos da sociedade que entram em conflito a partir de interesses distintos. Assim, o que o discurso enuncia tem uma força conforme o domínio ideológico em que se inscreve, conforme aquilo que ele representa em relação ao que é dito. Pêcheux argumenta também que um discurso não tem um início pois:

Se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era algo alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido (PÊCHEUX, 1997 grifo do autor, p. 77).

Ou seja, o orador pode imaginar, isto é, pode preceder o ouvinte, e assim articular aquilo que o ouvinte deseja escutar. A antecipação de imaginar o que o outro vai pensar parece ser constitutiva de qualquer discurso e, além disso, essa antecipação ocorre a partir de lugares sociais assumidos.

Com base na exploração de tais ideias, Pêcheux ressalta que seu propósito é explicitar os elementos teóricos que possibilitam pensar sobre os processos discursivos de modo geral; para isso, Pêcheux destaca:

[...] enunciaremos a título de proposição geral que os *fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento*, mas com a condição de acrescentar imediatamente que *este funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo* e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos “condições de produção” do discurso. (PÊCHEUX, 1997, grifos do autor, p. 78).

A partir desta premissa, Pêcheux apresenta a hipótese de que, tendo por base um estado dado de condições de produção, há uma estrutura definida que corresponde aos processos de produção do discurso a partir da língua (PÊCHEUX, 1997, p. 79).

A fim de delinear o conceito de CP³⁸, o autor apresenta duas teorias: o esquema reacional e o esquema informacional. Em relação à primeira teoria, Pêcheux argumenta que o “esquema reacional” é “derivado das teorias psicofisiológicas e psicológicas do

³⁸ A leitura deste conceito de Pêcheux foi realizada a partir de textos do autor e de anotações de aula da Disciplina “Tópicos da Análise do Discurso” ministrada pela Professora Doutora Ana Zandwais para a Pós-Graduação na linha de Pesquisa Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas em 2018.

comportamento (esquema estímulo-resposta ou ‘estímulo–organismo–resposta’), (PÊCHEUX, 1997, p. 79). Isto é, Pêcheux apresenta um esquema com base em Skinner³⁹ e Pavlov⁴⁰ e, assim, observa que a fisiologia é determinante do psicológico. Contudo, o autor se opõe ao esquema reacional e afirma ser necessária uma mudança epistemológica, a fim de situar a psicologia social ao lado de outras disciplinas, tendo em vista compreender a linguagem (PÊCHEUX, 1997, p. 79).

Já sobre a segunda teoria, o autor pontua que o “esquema informacional” é “derivado das teorias sociológicas e psicossociológicas da comunicação (esquema ‘emissor–mensagem– receptor’), (PÊCHEUX, 1997, p. 79). Neste caso, Pêcheux se apoia em Jakobson, o qual buscou construir uma teoria baseada no emissor-receptor, isto é, a mensagem transmitida pelo destinatário para ser decodificada pelo destinador. No entanto, Pêcheux apresenta uma proposta que irá se contrapor a tais questões. A partir disso, o autor apresenta a questão interacional entre as trocas de mensagem, o que prefere chamar de *discurso*, pois esta denominação leva a pensar, como o autor pontua, em efeito de sentido: “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo geral, de um ‘efeito de sentido’ entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 1997, p. 81).

Esclarecendo esse ponto, o autor observa que se pode averiguar os diferentes elementos estruturais das condições de produção do discurso e ressalta que os pontos “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 1997, p. 82). Esses lugares são representados pelos processos discursivos⁴¹ e, deste modo, Pêcheux propõe o conceito de formações imaginárias:

[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (PÊCHEUX, 1997, grifos do autor, p. 82).

³⁹ Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) foi um psicólogo behaviorista e filósofo americano. Também foi professor de Psicologia na Universidade de Harvard entre os anos de 1958-1974.

⁴⁰ Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936) foi um fisiologista, sendo conhecido principalmente pelo seu trabalho a respeito do Condicionamento Clássico, que consiste na repetição de respostas comportamentais em que pode ser possível criar ou remover respostas fisiológicas e psicológicas em seres humanos e animais.

⁴¹ Importante mencionar que Pêcheux passa a tratar o discurso como processo, pois, para o autor, o discurso é caracterizado como processo.

É importante ressaltar que A e B não são indivíduos empíricos, pois não se pretende tratar de um locutor individual, mas são lugares determinados em uma estrutura social, isto é, de uma formação social. Esses lugares estão representados nos processos discursivos, sendo assim, não é exatamente o próprio lugar que está determinando a fala – o empírico – mas uma imagem que as pessoas fazem desse lugar. Assim, esse lugar não é vazio, mas está ocupado pelo imaginário dentro de uma formação social. Desse modo, todo o processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias, isto é, os sujeitos falam a partir dos lugares sociais que ocupam, tendo como base a antecipação do dizer do outro, a partir de uma projeção dos lugares sociais dos interlocutores. Portanto, as formações imaginárias são essenciais para caracterizar as condições de produção. Sendo assim, as condições de produção são constitutivas dos processos discursivos.

Com base nos apontamentos a respeito do conceito de condições de produção, pode-se depreender que as CP se constituem dentro de uma correlação de força, isto é, a partir dos lugares que os sujeitos ocupam, tais forças estão em correlação de antagonismo, melhor dizendo, os conjuntos de discursos estão em relação de contradição e antagonismo. Sendo assim, essas relações podem ser transformadas dentro de um discurso. Como apontado anteriormente, essas forças são dadas pelo imaginário que se faz dos lugares ocupados pelos sujeitos em uma dada formação social.

No entanto, esse conceito de CP, nesta fase, segundo Pêcheux, está baseado em um: “*corpus* fechado de sequências discursivas (...) num espaço discursivo supostamente dominado por *condições de produção* estáveis e homogêneas” (PÊCHEUX, 1997, p. 308). Ao tratar as CP dentro de uma concepção de discurso estável e homogênea, tal conceito impede que se visualize o percurso histórico em que o processo discursivo se inscreve.

Em *A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas* (1975), Pêcheux e a linguista Catherine Fuchs buscam reformular alguns conceitos apresentados no trabalho discutido acima, a fim de compor um novo aparato epistemológico a partir de uma leitura crítica. Dessa forma, a questão em relação ao “o que” a língua significa já não está mais em jogo, sendo importante procurar pelo modo

“como” a língua significa, isto é, como ocorre o funcionamento da linguagem sob uma perspectiva discursiva e como produz efeitos de sentidos. Assim, segundo Pêcheux e Fuchs: “(...) estando os processos discursivos na fonte de produção dos efeitos de sentido, a língua constitui o lugar material onde se realizam estes efeitos de sentidos”. (PÊCHEUX & FUCHS, [1975]⁴², 1997, p. 171).

A partir de uma leitura de Althusser, os autores pretendem se ater ao campo do materialismo histórico, no que diz respeito à superestrutura ideológica e a sua ligação com o modo de produção que, por sua vez, domina a formação social. Para Althusser, o sujeito se constitui dentro da ideologia, assim como é através da ideologia que os sentidos são constituídos, ou seja, o sujeito é interpelado pela ideologia para que possa produzir o seu dizer. Assim, segundo Althusser:

[...] a ideologia “age” ou “funciona” de tal forma que “recruta” sujeitos como indivíduos (recruta-os a todos), ou “transforma” os indivíduos em sujeitos (transforma-os a todos) por esta operação muito precisa a que chamamos de *interpelação* (ALTHUSSER, 1980, p. 99).

O autor ainda destaca que: “só existe ideologia pelo sujeito e para o sujeito” (ALTHUSSER, 1980, p. 93). Já Pêcheux e Fuchs (1997) irão apontar que a interpelação do sujeito ocorre:

[...] sempre através de um conjunto complexo determinado de *formações ideológicas* que desempenham no interior deste conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e na transformação das relações de produção (PÊCHEUX E FUCHS, 1997, grifos dos autores, p. 167).

É na medida em que o sujeito é afetado pela história e pela língua que ele passa a produzir sentido. Sendo assim, o sujeito ocupa um lugar, no entanto, este lugar também não lhe é transparente. Deste modo, sendo considerado um sujeito não empírico e não totalmente consciente do seu dizer.

Revendo a teoria de Althusser e tendo em vista as formações ideológicas em que os interlocutores estão inseridos, Pêcheux e Fuchs (1997), com base em Althusser, propõem que: “a modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar *interpelação*, ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico” (PÊCHEUX &

⁴² Para realizar a leitura dessa obra, apoiamo-nos na tradução citada na nota 31, publicada pela Editora Unicamp em 1997.

FUCHS, 1997, grifo dos autores, p. 165-166). Dessa forma, o sujeito passa a ter a impressão de que ocupa o seu lugar em uma ou outra classe social, assumindo posições, tal como destacam os autores:

[...] *cada formação ideológica* constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras (PÊCHEUX et al., grifos dos autores, 1971, p. 102).

Os interlocutores mantêm uma relação com a formação ideológica, pois nela se reconhecem; sendo essa questão marcada *no* e *pelo* funcionamento do discurso. É sob esta perspectiva que o discurso é efeito de sentido, pois os interlocutores representam lugares imaginários determinados pela estrutura da formação social. A partir desta leitura se compreende o modo como o sujeito é afetado por determinações sociais e históricas.

Sendo assim, se deve conceber o discurso como um dos aspectos materiais da materialidade ideológica (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 166). Além disso, ao tratar do discurso, os autores propõem uma relação entre interlocutores e suas respectivas formações ideológicas e para que isso seja possível esses indivíduos devem se reconhecer a partir de uma posição dada, numa conjuntura (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 166). Desse modo, para os autores, “toda formação discursiva deriva de *condições de produção* específicas” (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, grifos dos autores, p. 167). A partir dessas questões, pode-se depreender que o discurso terá um significado a partir de condições de produção estabelecidas e a partir de posições ideológicas do sujeito.

Ainda buscando trabalhar o conceito de condições de produção e indo ao encontro da ideia explorada por Pêcheux e Fuchs, Pêcheux e a socióloga Claudine Haroche e o filósofo Paul Henry, em *A Semântica e o Corte Saussuriano* ([1971], 2008), irão apontar uma mudança de terreno em relação ao discurso e suas condições de produção. Eles observam que o discurso já não pode mais ser visto fora das condições históricas de produção, pois o contexto sócio-histórico passa a ser constitutivo da linguagem, para os autores: “com efeito, o laço que une as ‘significações’ de um texto às suas condições sócio-históricas não é meramente secundário, mas constitutivo das próprias significações”. (PÊCHEUX, 2008, p. 6). Sendo assim, a composição do

discurso deve ser analisada tendo em vista que este está inscrito em determinadas condições de produção, as quais são definidas na relação com a história das formações sociais.

Seguindo esse raciocínio, Orlandi em *Análise de Discurso: princípios e procedimentos* (2015) aponta que as condições de produção podem ser estabelecidas a partir do contexto imediato do discurso, mas estas também apresentam relação com o contexto sócio histórico:

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (p. 28-29).

Dessa forma, o conceito de CP não está mais respaldado apenas no exterior imediato, mas o campo de análise ocorre tendo em conta o espaço discursivo e ideológico onde se realizam as formações discursivas dentro dadas condições de produção. Para tanto, Orlandi (2015) salienta que: “As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e historicidade), o que é institucional (a formação social em sua ordem) e o mecanismo imaginário” (p. 38).

Tendo em vista os conceitos trabalhados até então com base nos apontamentos de Pêcheux, Fuchs e Haroche; passemos, então, para a proposta de reelaboração do conceito de CP proposto por Jean Jacques Courtine.

Segundo Nugara⁴³, Jean Jacques Courtine (1981) presenciou e participou do desenvolvimento da Análise do Discurso na França, tendo contribuído para a teoria: “articulando a análise das construções sintáticas a uma visão histórica capaz de interpretar os fatos de língua (e da fala) como portadora de uma ‘memória’ social e ‘ideológica’” (NUGARA, 2010, p. 251).

Em sua tese de Doutorado *Análise do discurso político: discurso comunista endereçado aos cristãos*, Courtine ([1981]⁴⁴, 2009) irá trabalhar em cima da articulação

⁴³ Silvia Nugara realizou uma entrevista com Jean Jacques Courtine, publicada em 2010, sobre as noções de discurso e corpo.

⁴⁴ Texto originalmente publicado na França, em 1981, sob o título *Analyse du discours politique (le discours communiste adressé aux chrétiens)*. Para fins de realização deste trabalho, apoiamos-nos na tradução feita pelos bacharéis em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Cristina de Campos Velho Birck, Didier Martin, Maria Lúcia Meregalli, Maria Regina Borges Osório, Sandra Dias Loguércio e Vicente Leclercq, sob a supervisão da professora Patrícia Chittoni Ramos Reuillard, e

entre língua e história. Dessa forma, o autor retoma os conceitos de condições de produção elaborados por Pêcheux para aproximá-los ao de formação discursiva proposto por Foucault, o qual pode ser entendido como um sistema de regularidades e dispersões.

Courtine observa que é necessário pontuar e superar algumas barreiras, de modo que a Análise do Discurso, especialmente em relação aos processos metodológicos, pudesse concatenar devidamente a materialidade linguística às condições de produção do discurso. Desse modo, o autor destaca que a noção de condições de produção apresenta dificuldades para elaborar uma teorização dentro da Análise do Discurso. Sendo assim, Courtine propõe redefinir o conceito de Condições de Produção.

Courtine observa que as CP têm sua origem dentro de três pilares, pautando-se na a) análise de conteúdo; b) sociolinguística; c) análise distribucionalista de Harris. O autor pontua que tais pilares já são problemáticos. No viés da Sociolinguística, esta se detém em certas variáveis que são responsáveis pelas CP do discurso, tais como: gênero, idade, classe social, análise quantitativa, o que, por sua vez, configura uma leitura quantitativa e acaba delimitando o sujeito dentro de parâmetros pré-definidos, contudo, essa noção acaba sendo baseada em determinações.

Ainda, Courtine também pontua que a origem das CP na Sociolinguística é indireta, pois a Sociolinguística americana, como ilustrada por Bright (1966) ou Fishman (1968) ignora a teoria da Análise do Discurso, considerando como relevante em relação ao discurso apenas as noções de bilinguismo e etnografia da comunicação. Assim, para que os parâmetros da Sociolinguística sejam admitidos como CP do discurso, foi necessária uma reinterpretação do quadro da “análise sociolinguística francesa do discurso” (COURTINE, 2009, p. 46).

Courtine assinala que a análise distribucionalista remete a uma origem implícita do conceito de CP, pois o termo “condições de produção” não se encontra no texto *Discourse analysis* (1952) de Harris. Em contrapartida, encontra-se o termo “situação”, o qual está correlacionado com o termo “discurso”, em que Harris propõe que se deve considerar como aquilo que faz parte do discurso apenas enunciados que foram

proferidos em uma situação imediata. Courtine pontua uma insuficiência na elaboração da noção de “situação”, pois questões como “particularidades de personalidade” e “experiência do indivíduo” ocupam o lugar do impensado, isto é, o do “extralinguístico”.

Courtine também destaca alguns pontos fracos na teoria de Pêcheux em relação às CP. Para isso, o autor salienta que os estados sucessivos do conceito de CP do discurso se dividem em dois conjuntos: o primeiro conjunto é denominado, segundo o autor, como: “*definições empíricas*, no qual as CP do discurso tendem a se confundir com a definição empírica de uma situação de enunciação” (COURTINE, 2009, p. 45). Já o segundo conjunto diz respeito às *definições teóricas*, as quais são apresentadas em *A Semântica e o Corte Saussuriano* em 1971.

Ainda segundo Courtine, é Michel Pêcheux em *Análise Automática do Discurso* (AAD-69) que apresenta, no quadro teórico da AD, a primeira definição sobre as condições de produção empíricas. Pêcheux teria elaborado essa definição a partir da noção do esquema transformacional de comunicação de Roman Jakobson; tal esquema tem como objetivo colocar em cena os protagonistas do discurso ao lado de seus referentes, atribuindo lugares determinados na estrutura de uma formação social. Sendo assim, para Courtine: “As relações entre esses lugares objetivamente definíveis encontram-se representadas no discurso por uma série de ‘formações imaginárias’ que designam o lugar que o remetente e o destinatário atribuem a si e ao outro” (COURTINE, 2009, p. 49), conforme já havíamos apontado anteriormente.

Sendo assim, para o autor: “A tentativa de definição geral, esboçada por Pêcheux (1969), não é, pois, de uma natureza que possa romper com as origens psicossociológicas da noção” (COURTINE, 2009, p. 50). Assim, nesta versão inicial da noção de condições de produção, elaborada por Pêcheux, segundo Courtine, ainda falta um acesso à história.

Courtine argumenta que se a noção de CP está assimilada a um “vetor de formações imaginárias”, o qual constitui o quadro geral para a definição de CP do discurso, então, segundo o autor, se faz necessário: “distingui-la das CP de *um* discurso ou de *vários* discursos particulares” (COURTINE, 2009, p. 50). Para tanto, Courtine destaca o trabalho de Lucile Courdresses (1971), em que a autora analisa as diferenças

enunciativas que caracterizam os discursos de L. Blum e M. Thorez⁴⁵; em tal trabalho as CPs são formuladas de modo a garantir:

A passagem contínua da história (a conjuntura e o estado das relações sociais) ao discurso (enquanto tipologias que nele se manifestam) *pela mediação de uma caracterização psicossociológica* (as relações do indivíduo com o grupo) de uma situação de enunciação (COURTINE, 2009, p. 50).

Tal enfoque vem ressaltar a posição a partir da qual, conforme o autor: “as problemáticas da enunciação se esforçam para apresentar as relações entre língua e discurso” (COURTINE, 2009, p. 51). Deste modo, queremos observar que a perspectiva de Courtine é fundamental na medida em que ele percebe que a relação entre língua e discurso se dá de uma forma mecanicista em Pêcheux.

Sendo assim, pode-se notar que a relação entre língua e discurso mediada pelo psicossociológico é capaz de apagar as determinações propriamente históricas de modo que tendo em vista o discurso, o que configura o processo de enunciação não esteja relacionado ao efeito de uma conjuntura, mas sim, segundo Courtine (2009, p. 51): “às características individuais de cada locutor ou ainda às relações interindividuais que se manifestam no âmago de um grupo”.

A partir dessas considerações, Courtine observa que pretende definir as CPs fora de uma operação psicologizante das determinações do discurso, uma vez que tratar as condições de produção a partir do caráter psicologizante, para Courtine:

[...] ameaça continuamente transformar essas determinações em simples circunstâncias em que interajam os “sujeitos do discurso”, o que equivale também a situar no “sujeito no discurso” a fonte de relações de que ele é apenas o portador ou o efeito (COURTINE, 2009, p. 52).

Desse modo, esse conceito estaria colocando as condições de produção em um lugar apenas circunstancial.

Courtine destaca ainda que a constituição dos corpora é um objeto que deve ser analisado tendo em vista que sua elaboração perpassa a noção de CP. Assim, os corpora são caracterizados por dois tipos: a) os corpora de arquivos, os quais são,

⁴⁵ Léon Blum (Partido Socialista Francês) e Maurice Thorez (Partido Comunista Francês) são ambos candidatos às eleições na França na década de 1930. Diferenciam-se pelo uso pronominal de pessoas em seus discursos; no discurso de Blum, a primeira pessoa e no discurso de Thorez, a primeira pessoa do plural.

segundo Courtine (2009, p. 77): “constituídos a partir de materiais preexistentes, como aqueles com os quais, por exemplo, os historiadores são confrontados” e também b) os corpora experimentais, os quais, de acordo com o autor: “equivalem à produção de sequências discursivas por locutores colocados em uma situação experimental definida” (2009, p. 77). Se valendo ainda do conceito de dominância, o qual determina que as CP são estáveis e homogêneas, garantindo, assim, as operações de constituição do *corpus*; Courtine propõe que tais aparatos acabariam falseando o corpus, uma vez que:

[...] o caráter indutor de uma instrução e da natureza homogeneizante de uma situação experimental que se confunde com a situação escolar que dominância, estabilidade e homogeneidade são garantidas na experimentação (COURTINE, 2009, p. 79)

Com base nas considerações apresentadas, o autor propõe uma redefinição das CP, a qual passa a ser relacionada às questões históricas, levando em conta as contradições ideológicas que estão presentes na materialidade dos discursos, e também relacionando esse conceito com o de formação discursiva (FD).

As formações discursivas estariam caracterizadas por sua natureza heterogênea e contraditória, uma vez que não somente palavras passam a ser suscetíveis de mudar de sentido conforme uma formação discursiva ou outra, como também funcionam discursivamente sob certas condições que são determinadas pela ordem da história. Desse modo, uma palavra pode remeter a determinado significado em uma formação discursiva, mas ao passar para outra formação discursiva, essa mesma palavra pode vir a ter um significado diferente, bem como funcionar de diferentes modos, migrando de uma FD para outra.

Tendo em vista as questões levantadas a respeito da noção de condições de produção, passemos a seguir para as considerações a respeito da trajetória de vida do escritor George Orwell.

2.2 Trajetória de Orwell

No intervalo do período entre guerras (1919-1939) pode-se notar uma rápida ascensão dos movimentos Nazista na Alemanha e Fascista na Itália. Em 1922, George

Orwell tem seu primeiro grande contato com o imperialismo britânico ao servir como policial na Birmânia; pois após finalizar seus estudos em Eton, Orwell não consegue uma bolsa de estudos na universidade, e seu pai – agora aposentado – se recusa a pagar a faculdade, então, ele se torna um oficial, servindo por cinco anos. (BLOOM, 2007, p. 9). Após esse período, Orwell teve também contato com o fascismo e o stalinismo ao lutar – voluntariamente – na Guerra Civil Espanhola (confronto que iniciou devido ao golpe militar empreendido pelo general Franco) junto às milícias do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), que representava os trotskistas espanhóis. Pode-se afirmar que o serviço prestado ao POUM serve como uma das bases para a escrita de *Animal Farm*, como veremos adiante.

Já em 1936, Orwell filia-se temporariamente ao partido inglês ILP (Independent Labour Party – Partido Trabalhista Independente), o qual mantinha boas relações com o POUM espanhol. No entanto, em seu prefácio à edição ucraniana, Orwell menciona nunca ter tido:

[...] opiniões políticas claramente definidas. Tornei-me um pró-socialista mais por desgosto com a maneira como setores mais pobres dos trabalhadores eram oprimidos e negligenciados do que devido a qualquer admiração teórica por uma sociedade planificada (ORWELL, [1945], 2007, p. 142).

O POUM é caracterizado por ser um Partido marxista espanhol fundado em 1935, definindo-se como um partido marxista revolucionário em oposição ao stalinismo. A fundação do Partido é resultado da unificação entre os partidos Esquerda Comunista de Espanha (ICE) e Bloco Operário e Camponês (BOC). Vale destacar que o ICE era um Partido de tendência trotskista, seus fundadores tencionavam criar um Partido unicamente marxista, o qual representasse o Partido do proletariado. Já o BOC era um Partido comunista, implementado principalmente na Catalunha.

Em *Lutando na Espanha* ([1938] 2006), Orwell irá relatar sobre a sua experiência de lutar ao lado do POUM acompanhado de sua esposa. Nesse livro, escrito em primeira pessoa, o autor descreve como os milicianos que serviam na Guerra eram tratados dentro do partido POUM, bem como suas observações na Guerra Civil Espanhola. Além disso, Orwell ([1938] 2006) apresenta, dentro do contexto político da época, a importância do levante das esquerdas na Espanha:

Para compreender o alinhamento no lado do Governo é preciso recordar como a guerra começou. Ao irromper a luta em 18 de julho, é provável que todos os antifascistas na Europa tenham sido tocados pela esperança, pois ali, finalmente, e pelo que parecia, a democracia punha-se de pé contra o fascismo. Por anos a fio os chamados países democráticos tinham-se curvado ao fascismo, a cada passo. Aos japoneses dera-se mão livre na Manchúria. Hitler tomara o poder e passara a massacrar os adversários políticos de todos os tipos. Mussolini bombardeara os abissínios enquanto cinqüenta e três nações (acho que foram cinqüenta e três) emitiam sons piedosos – e ficavam de fora. Mas quando Franco tentou derrubar um Governo levemente esquerdista o povo espanhol, contra todas as expectativas, levantara-se contra isso. Parecia – e talvez fosse – a virada da maré. (ORWELL, [1938], 2006, p. 53).

Cristiano Azevedo (2010)⁴⁶ apresenta, em seu Trabalho de Conclusão de Curso *Política, Economia e Sociedade: Uma análise da obra de George Orwell*, questões bastantes pertinentes em relação ao trabalho de Orwell na Espanha. Com as eleições de 1936, constitui-se na Espanha um governo em que a maioria dos representantes era de Esquerda; dessa forma, a Direita se prepara para lançar um golpe militar, comandado pelo General Franco, que se concretiza em 18 de julho do mesmo ano. No entanto, logo após o golpe, a classe trabalhadora teve um importante papel na resistência ao golpe, sendo que as terras e as fábricas foram tomadas por trabalhadores, bem como grande parte do transporte (AZEVEDO, 2010, p. 45). Conforme o conflito se estendia fora constituído o “Movimento Nacional” com base nas forças do nacionalismo e fascismo aliados “às classes aristocráticas e instituições tradicionais da Espanha (Exército, Igreja e Latifúndio)” (Ibid., p. 45). Já em outra vertente “organizava-se a ‘Frente Popular’ que formava o *Governo Republicano* representando os sindicatos, as organizações de esquerda e os partidários ao processo democrático” (AZEVEDO, grifos do autor, p. 45).

Sendo assim, as tropas do Movimento Nacional passaram a receber apoio militar e estratégico da Alemanha nazista e do governo fascista italiano, o que motivou maior participação da URSS na Frente Popular, que até então abrigava diferentes correntes da esquerda e de movimentos democráticos. Dessa forma, a URSS passou a exercer uma forte influência política, tal como relata Orwell em *Lutando na Espanha* ([1938],

⁴⁶ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para o Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

2006):

A virada geral para a direita data de outubro-novembro de 1936, quando a U.R.S.S. começou a enviar armas para o Governo e o poder começou a passar dos anarquistas para os comunistas. Com exceção de Rússia e México, nenhum outro país tivera a decência de vir acudir o Governo, e o México, por motivos óbvios, não podia enviar armas em quantidade maior. Por conseqüência, os russos encontravam-se em posição de ditar condições. Resta pouquíssima dúvida de que as mesmas diziam, em sua substância real: "Impeçam a revolução, ou não receberão armas", e que o primeiro passo contra os elementos revolucionários, a expulsão do P.O.U.M. do Generalato catalão, foi dado sob ordens emanadas da U.R.S.S. (p. 38).

Desse modo, com o apoio da URSS, os anarquistas foram gradativamente perdendo o poder e o governo para os comunistas apoiadores do regime de Stálin (AZEVEDO, 2010, p. 47).

Além disso, com os stalinistas tomando o poder, o partido POUM – sendo trotskista – foi perdendo condições de se manter belicamente, bem como já não havia mais meios de sustentar a alimentação para todos os militantes. Orwell assim descreve as privações sofridas nesse período:

Aqui estamos nós, soldados de um exército revolucionário, defendendo a democracia contra o fascismo, lutando numa guerra que foi travada por algum motivo, e o detalhe de nossas vidas é tão sórdido e degradante quanto seria numa prisão, quanto mais num exército burguês! Muitas outras coisas vieram, mais tarde, reforçar essa impressão, como por exemplo o tédio e a fome animalesca que despertava a vida de trincheira, as intrigas mesquinhas por causa de comida, as brigas importunas e ridículas em que se empenham homens esgotados por não dormirem o bastante. (ORWELL, p. 162).

Harold Bloom (2006), professor e crítico literário estadunidense, desenvolve um guia para ler a obra de Orwell, denominado *George Orwell's Animal Farm (Bloom's Guides)*, no qual salienta Bloom salienta que:

[p]ara espanto de Orwell, o expurgo operado por Stalin no Partido Comunista, iniciado em 1934, havia se espalhado para a Europa Ocidental – o POUM estava sendo perseguido pela polícia soviética, e os comunistas espanhóis começaram a vasculhar os pertences do casal. (BLOOM, 2006, p. 11, Tradução minha)⁴⁷.

Dessa forma, em meados de 1937, os comunistas stalinistas obtêm o controle (ou o

⁴⁷ "To Orwell's amazement, Stalin's purge of the Communist party, which had begun in 1934, had spread to Western Europe — POUM was being hunted down by the Soviet police, and Spanish communists began searching through the couple's things."

controle parcial) do governo espanhol e, ao contrário do esperado por Orwell, passam a perseguir os trotskistas e outros movimentos de esquerda, uma vez que tais militantes passam a ser acusados de serem espiões fascistas. Orwell acaba sendo atingido por uma bala desferida pelos stalinistas, à altura da garganta, fato que acaba danificando suas cordas vocais permanentemente; enquanto se recuperava, ele e sua esposa foram forçados a fugir da polícia comunista, pois foram acusados de traição, uma vez que o POUM havia sido declarado fora da lei.

Segundo Bloom, os seis meses que Orwell passou na Espanha causaram um impacto profundo em sua carreira como escritor; ele próprio declara isso em “Why I write”⁴⁸:

A Guerra Espanhola e outros eventos em 1936-37 viraram a balança e, a partir de então, eu soube onde estava. Todas as linhas de trabalho sério que escrevo desde 1936 foram escritas, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e pelo socialismo democrático, como eu o entendo. Parece-me um absurdo, em um período como o nosso, pensar que se pode evitar escrever sobre tais assuntos. (ORWELL, 1946, p. 4, Tradução minha)⁴⁹.

Pela sua vivência no conflito entre diferentes grupos socialistas na Espanha, Orwell declara ter compreendido: “mais claramente que nunca, a influência negativa do mito soviético sobre o movimento socialista ocidental” ([1945], 2007, p. 143). Apesar disso, é importante destacar que o autor nunca esteve na Rússia ou outra república soviética, sendo que seu conhecimento sobre as questões envolvendo a URSS provém de seu contato com os partidos pró-soviéticos na Europa Ocidental (principalmente na Espanha e na Inglaterra) e da leitura de livros e jornais, como ele próprio declara em seu prefácio à edição ucraniana. A partir de tais experiências, Orwell passou a acreditar que o modelo comunista soviético stalinista poderia se tornar algo fora de controle e desumano (HITCHENS, 2000). Sendo assim, após voltar da Espanha, o autor decide:

[...] denunciar o mito soviético numa história que fosse fácil de compreender por qualquer pessoa e fácil de traduzir para outras línguas.

⁴⁸ Ensaio publicado em 1946, disponível em: <http://www.orwell.ru/library/essays/wiw/english/e_wiw>.

⁴⁹ “The Spanish war and other events in 1936-37 turned the scale and thereafter I knew where I stood. Every line of serious work that I have written since 1936 has been written, directly or indirectly, against totalitarianism and for democratic socialism, as I understand it. It seems to me nonsense, in a period like our own, to think that one can avoid writing of such subjects”.

No entanto, os detalhes concretos da história só me ocorreram depois, na época em que morava numa cidadezinha, no dia em que vi um menino de uns dez anos guiando por um caminho estreito um imenso cavalo de tiro que cobria de chicotadas cada vez que o animal tentava se desviar. Percebi então que, se aqueles animais adquirissem consciência de sua força, não teríamos o menor poder sobre eles, e que os animais são explorados pelos homens de modo muito semelhante à maneira como o proletariado é explorado pelos ricos. (ORWELL, [1945], 2007, p. 145).

O autor, com base nessa visão, traça um paralelo entre a teoria da luta de classes de Marx e a opressão sofrida pelos animais, considerando ambas as formas de opressão advindas da falta de consciência do poder de classe:

[...] decidi analisar a teoria de Marx do ponto de vista dos animais. Para eles, claro, o conceito de luta de classes entre os seres humanos era pura ilusão, pois sempre que fosse necessário explorar os animais os seres humanos se uniam contra eles: a verdadeira luta se dava entre os bichos e as pessoas (ORWELL, [1945], 2007, p. 145-146).

Apesar de ter essas ideias em seu âmago durante o ano de 1937, *Animal Farm* é escrita somente em 1943.

Nesse ínterim, Inglaterra e União Soviética passam a ser aliadas devido ao rompimento do acordo estabelecido entre Hitler e Stalin. Em 1939, esses ditadores assinam o Pacto Germano-Soviético que visava a não agressão e a neutralidade entre Alemanha e União Soviética por dez anos. Porém, em 1941, Hitler rompe com este acordo e invade o território soviético em busca de minérios e petróleo. Sendo assim, a União Soviética entra propriamente na guerra a partir do momento em que Hitler rompe com esse tratado; dessa forma, os países aliados (Inglaterra, França) passam a ter o apoio da União Soviética e dos Estados Unidos, este último por ter a base de Pearl Harbor atacada pelos japoneses no mesmo ano. Enquanto isso, a Inglaterra, segundo Orwell (2007), passou por um período de isolamento quase total, sendo que o cidadão comum não tinha acesso a informações sobre os campos de concentração, as deportações em massa, as prisões sem julgamento, a censura da imprensa (p. 145). Isto é, as informações acerca do regime stalinista não estavam acessíveis a todos, mas Orwell aparenta ter um discernimento maior dessas questões, isso talvez tenha sido possível devido ao seu contato com as forças comunistas durante a Guerra Civil da

Espanha.

Em 1943 – durante a Segunda Guerra Mundial – acontece a Conferência de Teerã, evento que reuniu os três maiores estadistas da época – Stalin, Churchill e Roosevelt. Nessa conferência, é firmado um dos primeiros acordos entre essas potências mundiais: dividir o mundo em Zonas de influência. Esse acontecimento serve de inspiração para a escrita do final de *Animal Farm*, em que os porcos estão reunidos com os homens a fim de tramar uma negociação, e os outros animais – observando do lado de fora da janela – não conseguem reconhecer quem é porco e quem é homem: “as criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco” (ORWELL, [1945], 2007, p. 112). Nesta cena ainda os porcos estão vestidos, fumando, bebendo e fazendo acordo comerciais com os humanos, justamente o que o porco Major havia combatido em seu *Animalismo*.

Segundo Hitchens⁵⁰ (2007), essa cena já foi entendida como uma afirmação da equivalência moral entre o capitalismo e o comunismo. Já Orwell (2007), em seu prefácio à edição ucraniana⁵¹, afirma que tal cena foi interpretada, no ano de publicação, em 1945, pelos ingleses, como uma total reconciliação entre os porcos e os seres humanos, porém ressalta que seu propósito era que:

O livro terminasse com uma nota enfática de discórdia, pois escrevi o fim imediatamente depois da Conferência de Teerã, que todos julgavam ter estabelecido as melhores relações possíveis entre a URSS e o Ocidente. Pessoalmente, jamais acreditei que essas relações pudessem durar; e, como os fatos demonstraram, não estava muito enganado. (p. 146).

A partir desse exemplo podemos observar que os sentidos são dados aos enunciados de acordo com os lugares que os sujeitos ocupam e com as posições que assumem em determinados contextos históricos. Desse modo, o sentido dado a essa cena (uma analogia à Conferência de Teerã) escapa, uma vez que o leitor irá interpretar tal cena a partir do lugar que ocupa e das posições que assume em face das relações de

⁵⁰ Christopher Eric Hitchens (1949-2011) foi um escritor, colunista, ensaísta, crítico social. Hitchens também atuou como editor de mais de 30 livros, o que inclui cinco coletâneas de ensaios sobre cultura, política e literatura.

⁵¹ Este prefácio teria sido realizado para os ucranianos, os quais estavam alojados nos campos de refugiados da Alemanha. No entanto, a versão original em inglês acabou se perdendo e a versão publicada nos apêndices da edição de *A Revolução dos Bichos* (2007) feita pela Companhia das Letras se trata de uma retradução do texto ucraniano.

antagonismo entre o capitalismo e o socialismo.

Vale mencionar também as dificuldades pelas quais Orwell passou para que a obra *Animal Farm* pudesse ser publicada, bem como as editoras que recusaram seu texto. De acordo com o professor Crick⁵², Orwell estava com um contrato com a Editora de Victor Gollancz⁵³, assim, enviou *Animal Farm* para publicação, no entanto, essa acabou sendo a primeira editora a rejeitar a obra, sob o pretexto de que *Animal Farm* não funcionaria como um romance, devido ao seu caráter muito conciso.

Nos Estados Unidos, o livro também foi recusado sob o pretexto de que na América não havia espaço para histórias com animais, mesmo em uma época de grande influência da Walt Disney (HITCHENS, 2000). Segundo Bloom (2006, p. 15), nos Estados Unidos vinte editores rejeitaram o livro. Alguns alegaram que não estavam equipados para produzir a tiragem por causa de uma escassez de papel durante a guerra. No entanto, talvez o motivo que pese mais foi que Stalin havia recentemente se aliado à Inglaterra.

Segundo Crick, outra editora a recusar a obra o fez diante de observações levantadas por parte de um funcionário do Ministério da Informação⁵⁴; neste caso, esse Ministério indiretamente desaconselha a publicação da obra, deixando subentendido que uma vez publicado, isso poderia prejudicar o editor. Tal editora era a Jonathan Cape⁵⁵, a qual o rejeita por meio de uma carta, Orwell utiliza um trecho desta carta em seu prefácio (ORWELL, 2007, p. 126):

Mencionei a reação que colhi junto a um importante funcionário do Ministério da Informação quanto a *Revolução dos Bichos*, e devo confessar que a opinião que ele manifestou me fez pensar muito seriamente [...] Agora vejo o quanto a publicação do livro no momento atual pode ser considerada de extrema inconveniência. Se a fábula

⁵² Bernard Crick (1929-2008) foi um teórico político inglês; para ele, a política era um instrumento de pacificação, considerando que era melhor seguir o caminho político pacífico do que o caminho da violência. Em 1974, Crick começou a trabalhar em uma biografia de George Orwell com a ajuda da segunda esposa de Orwell, Sonia Brownell.

⁵³ Fundador da editora britânica humanitária Gollancz Ltd, muitas vezes apontado como defensor das causas de esquerda.

⁵⁴ Departamento do governo do Reino Unido criado ao fim da Primeira Guerra Mundial e retomado novamente durante a Segunda Guerra com o intuito de ser responsável pela publicidade e propaganda que era desenvolvida no país.

⁵⁵ Editora fundada por Herbert Jonathan Cape e conhecida por publicar importantes nomes da literatura, tais como Gabriel García Márquez, Thomas Pynchon, Roald Dahl e Doris Lessing.

tratasse de ditadores e ditaduras em geral, não haveria problema em publicá-la, mas ela, como agora entendi, corresponde tão completamente aos fatos ocorridos na Rússia soviética e a seus dois ditadores que só pode se aplicar à Rússia, excluindo as demais ditaduras. Outra coisa: seria menos ofensivo se a casta predominante na fábula não fosse a de porcos*. Creio que a escolha dos porcos para a casta governante irá certamente ofender muita gente, especialmente as pessoas mais suscetíveis, como sem dúvida é o caso dos russos.

*Não ficou muito claro se a modificação foi sugerida por ideia do próprio sr...ou se veio do Ministério da Informação, mas pelo tom eu diria que tem origem oficial.⁵⁶

O recorte acima se refere à carta de rejeição de Jonathan Cape, apoiada no comentário do funcionário do Ministério da Informação. Segundo Hitchens, Peter Smolka foi a autoridade, ou seja, o funcionário do Ministério, que pressionara Jonathan Cape a não publicar *Animal Farm*. Conhecido também como Smollett, Smolka foi ex-executivo do grupo jornalístico Beaverbrook e também foi membro da Ordem do Império Britânico.

O poeta T.S. Eliot, que na época era um dos diretores editoriais da Faber & Faber⁵⁷, também rejeita a obra de Orwell, após elogiá-lo comparando seu trabalho ao de Swift. Eliot argumenta que a fábula é negativa e trotskista, além disso, declara que os pontos de vista adotados não se encaixavam no momento histórico vigente, isto é, a recente união de Stalin com a Inglaterra (BLOOM, p. 15). Para rejeitar a obra de Orwell, Eliot usa mesma tática que Cape – uma carta como modo de recusa:

Não estamos convictos (...) de que esse é o ponto de vista correto a partir do qual se possa criticar a situação política no momento atual. É certamente o dever de qualquer editora, que apresenta outros interesses e motivos além da mera prosperidade comercial, publicar livros que vão contra a corrente do momento. (...) Eu acho que você dividiu seu voto, sem conseguir uma forte adesão compensatória de qualquer uma das partes – ou seja, daqueles que criticam as tendências russas do ponto de vista de um comunismo mais puro, e daqueles que, de um ponto de vista muito diferente, estão alarmados com o destino das pequenas nações. (ELIOT, Tradução minha⁵⁸)⁵⁹

⁵⁶ Este asterisco presente na citação é colocado pelo próprio Orwell.

⁵⁷ Conhecida por publicar principalmente obras de poesia.

⁵⁸ “We have no conviction ... that this is the right point of view from which to criticise the political situation at the present time. It is certainly the duty of any publishing firm which pretends to other interests and motives other than mere commercial prosperity to publish books which go against the current of the moment. (...) I think you split your vote, without getting any compensating strong adhesion from either party - ie those who criticise Russian tendencies from the point of view of a purer communism, and those who, from a very different point of view, are alarmed about the fate of small nations.”

⁵⁹ Recorte retirado da matéria de Bernard Crick, do jornal *The New York Times*; e também da matéria: “TS

Com o fim da Segunda Guerra, a aliança entre os países capitalista ocidentais e a URSS começa a ruir, dando espaço para a Guerra Fria. Tal fato também se torna propício para que a publicação da obra de Orwell seja possível. Dessa forma, *Animal Farm* acabou sendo aceita para publicação pela Secker & Warburg⁶⁰, em agosto de 1945. Segundo Crick (1972):

Finalmente, Frederic Warburg corajosamente decidiu publicá-lo, com o apoio de um relatório caloroso de T. R. Fyvel. Nenhum deles se lembra de nada sobre uma introdução projetada, mas Fyvel e outros me disseram que Orwell não era muito comunicativo sobre sua escrita atual, mesmo com seus amigos mais íntimos. (CRICK, Tradução minha⁶¹).

Pode-se depreender, portanto, que o motivo pelo qual tantas editoras acabaram recusando a obra de Orwell se deve ao seu contexto sócio-político à época, pois tais editores não estavam dispostos a se comprometer com uma obra que caracterizava por meio de metáforas a URSS de forma corrupta.

Assim como o texto original teve dificuldades para ser publicado, também a sua tradução no Brasil demorou a ocorrer, comparada ao contexto lusitano, em que a obra foi traduzida em 1946 (sob o regime fascista de Salazar), isto é, um ano após a publicação do texto original. No entanto, no Brasil, a obra apenas foi traduzida em 1964, por Heitor Aquino Ferreira, ou seja, 19 anos depois da publicação do texto original; sendo retraduzida apenas em 2006, isto é, 42 anos após a primeira tradução.

Tendo em vistas os aspectos explicitados, bem como a necessidade de compreender a influência do contexto russo sobre a obra, tecemos as considerações que seguem.

Eliot's damning verdict on George Orwell's *Animal Farm*" (O veredicto de TS Eliot sobre a Revolução dos Bichos de George Orwell) de Helen Pidd, do jornal *The Guardian*.

⁶⁰ Editora inglesa criada em 1936, conhecida pela postura antifascista e antissoviética.

⁶¹ "Finally, Frederic Warburg boldly decided to publish it, backed up by a warm reader's report from T. R. Fyvel. Neither of them remember anything about a projected introduction, but Fyvel and others have told me that Orwell was not very communicative about his current writing, even to his closest friends."

2.3 Condições de Produção: O Contexto Histórico na Rússia/URSS

Para melhor compreender a obra de Orwell, *Animal Farm*, é importante levar em conta o contexto russo do início do século XX, especificamente a Revolução Russa. Entre 1894 a 1917, a Rússia foi então governada pelo czar Nicolau II, sendo que a monarquia era sustentada, em grande parte, pela nobreza rural, a qual era dona da maior parte das terras cultiváveis. No entanto, os camponeses que estavam submetidos à nobreza latifundiária passavam por uma tensão social, sendo que reinava ainda a permanência do sistema feudal. Desse modo, a aristocracia era composta de uma minoria muito pequena da população russa, enquanto a grande maioria vivia na extrema pobreza e muitos inclusive não sabiam ler e nem escrever.

Em janeiro de 1905, ocorre um protesto pacífico em que um grupo de operários participava em frente ao Palácio de Inverno de São Petersburgo, uma das sedes do governo. O objetivo desse protesto era entregar um abaixo-assinado ao czar. No entanto, Nicolau II ordena que o exército abrisse fogo, matando assim mais de mil pessoas. Esse acontecimento ficou conhecido como Domingo Sangrento e provocou uma onda de protestos em todo o país.

Além disso, também durante o governo de Nicolau II, a Rússia passou por um processo de industrialização, através do qual aliou-se ao capital estrangeiro. Devido a essa industrialização surge, então, a classe operária, concentrada em grandes centros industriais, como Moscou e Petrogrado. Essa classe, apesar de ser igualmente explorada, tinha maior capacidade de reivindicar seus direitos. Apesar da aceleração industrial, as condições de vida continuavam piorando, a população russa enfrentou um período de alto índice de desemprego e teve seu salário diminuído. Além disso, havia uma grande falta de alimento para os trabalhadores operários, bem como para o povo do campo. Culminando em uma situação desoladora, Nicolau II acaba entrando para a Primeira Guerra Mundial e coloca a Rússia como membro da Tríplice Entente, aliando-se à Inglaterra e à França, contra a Alemanha e o Império Áustro-húngaro. Com as derrotas eminentes, a Rússia começou a ficar militarmente aniquilada e economicamente desorganizada. Os gastos com a guerra fizeram aumentar a insatisfação popular com o governo.

Grandes fortunas foram feitas com as encomendas governamentais de fuzis, balas e uniformes (...) empreendimentos foram desviados para a produção de material militar e paramilitar. Por outro lado, a produção de bens de consumo decaiu, provocando mais dificuldade para a população civil. Até o equipamento agrícola essencial estava em falta (...). Seguiu-se o racionamento, com os trabalhadores passando fome e as filas de pão tornando-se corriqueiras. (WOOD, [1987]⁶², 1991, p. 57)

Sendo assim, a participação da Rússia na guerra contribuiu significativamente para o aumento do apoio popular a uma revolução que fosse capaz de mudar totalmente o quadro político e econômico do país. Dessa forma, a população expressa seu descontentamento não só com relação aos revezes militares, mas também com as dificuldades domésticas, as quais eram atribuídas a uma incompetência do governo czarista.

A crise acabou atingindo seu auge em fevereiro de 1917, pois “os distúrbios ocorridos nas filas para comprar alimentos (...) logo evoluíram para demonstrações violentas, choques com a polícia e, por fim, motim militar” (WOOD, 1991, p. 60). Assim, o governo entrou em colapso e o czar foi forçado a abdicar, dessa forma, surgiu um Governo Provisório, que estava sob a chefia de Kerensky⁶³.

No entanto, mesmo com Kerensky no poder, pouca coisa havia mudado na Rússia. Desse modo, liderados por Lênin, os bolcheviques organizaram uma nova revolução, que ocorreu em outubro de 1917. Lênin expôs seu ponto de vista nas “Teses de Abril”, que foram publicadas pelo jornal *Pravda*, como explicita Wood:

Suas opiniões se baseavam firmemente na transformação da revolução burguesa-democrática em um levante do proletariado e no início de um Estado socialista dos trabalhadores, sob o *slogan* “Todo o poder aos Soviets” (WOOD, 1991, p. 63).

Dessa forma, sob a liderança de Lênin, os bolcheviques organizam uma revolução prometendo paz, terra, pão, liberdade e trabalho. Após assumir o governo da Rússia, Lênin instaura um regime socialista, assim, propondo a eliminação da propriedade

⁶² Para fins de realização deste estudo, trabalharemos com a tradução da obra *The origins of the Russian Revolution 1861-1917* publicada em 1987 e traduzida por Valter Lellis Siqueira, sendo disponibilizada pela Editora Ática em 1991.

⁶³ Alexander Fyódorovich Kérensky (1881-1970) foi um político social democrata, tendo exercido o cargo de Primeiro Ministro durante o Governo Provisório Russo.

privada e também a divisão uniforme de bens. Desse modo, as terras foram, então, redistribuídas para os trabalhadores do campo, os Bancos foram nacionalizados e as fábricas passaram para as mãos dos trabalhadores. Além disso, muitos integrantes da monarquia, além de seus simpatizantes e outros opositores do governo bolchevique foram perseguidos e condenados à morte pelos revolucionários.

No entanto, dentro do próprio Partido ocorria uma dissonância de ideias, pois Stalin – que era um soviète – apresentava um perfil mais autoritário, o que se intensificou após assumir o posto de chefe de estado no governo da Rússia, após a morte de Lenin. Muitos ideais da Revolução foram alterados, passando, assim, de um governo internacionalista para nacionalista e totalitário. A fim de melhor entendermos de que modo o contexto russo se assemelha à obra *Animal Farm*, buscamos também apresentar agora algumas comparações pertinentes.

2.4 Condições de Produção da Obra *Animal Farm*

Animal Farm é uma das principais obras de George Orwell, sendo publicada pela primeira vez em 1945 sob o título original *Animal farm: a fairy story*. Essa obra conta a história de uma fazenda chamada “Granja do Solar”⁶⁴, em que vivem o Sr. Jones e a sua esposa; Sr. Jones cria alguns animais, os quais costuma maltratar com o chicote. Assim, a figura do Sr. Jones pode ser comparada com a imagem da monarquia russa durante o governo dos czares, a qual agia de modo a cultivar o imperialismo, fomentando o crescimento das classes exploradas, da pobreza, do operariado e do campesinato.

Uma das figuras icônicas da fazenda é o porco Major. Este personagem é quem incute nos outros animais seu sonho revolucionário, convencendo os animais de que eles são subjugados pelo homem, isto é, pelo Sr. Jones, uma vez que os animais recebem apenas um alimento mínimo para fazer seus trabalhos e são forçados a trabalhar até que suas forças se esgotem. Aqui se representa, através do imaginário de animal trabalhador da fazenda do Sr. Jones, a figura do mujique, camponês que

⁶⁴ Esse é o nome dado à *Manor Farm* na tradução de Heitor Aquino Ferreira (1964), que por ser a versão mais conhecida no Brasil será utilizada como parâmetro para os termos citados em tradução.

trabalha para a nobreza russa por um prato de comida. Desse modo, o porco Major argumenta que: “nenhum animal da Inglaterra sabe o que é felicidade ou lazer (...). Nenhum animal na Inglaterra é livre. A vida do animal é feita de miséria e escravidão: essa é a verdade nua e crua” (ORWELL, [1945], 2007, p. 12).

Além disso, ele ainda representa o homem como um inimigo, conforme segue: “o Homem é o nosso verdadeiro e único inimigo. Retira-se da cena o Homem e a causa principal da nossa fome e da sobrecarga de trabalho desaparecerá para sempre” (Ibid., p. 12). Partindo desses pressupostos, de que o homem os oprime, o porco Major consegue convencer os demais animais de que eles deveriam rebelar-se contra a tirania do homem: eis o princípio análogo à questão da luta de classes e à política de enfrentamento dos bolcheviques. Conforme o Major, é necessário: “Trabalhar dia e noite, de corpo e alma, para a derrubada do gênero humano. Essa é a mensagem que eu vos trago camaradas: rebelião!” (ORWELL, [1945], 2007, p. 13-14). Partindo dos princípios de que a revolução existiria e de que os animais derrotariam o homem, o Major estabelece que nenhum animal deve ser como o homem, sendo assim, os animais deveriam evitar os vícios que acometem os homens:

Lembra-vos também que na luta contra o Homem não devemos ser como ele. Mesmo quando o tenhais derrotado, evitai-lhe os vícios. Animal nenhuma deve morar em casas, nem dormir em camas, nem usar roupas, nem beber álcool, nem fumar, nem tocar em dinheiro, nem comercializar. Todos os hábitos do Homem são maus. E, principalmente, jamais um animal deverá tyranizar outros animais. (...) Todos os animais são iguais (Ibid., p. 15).

É a partir dessa fala que o Major apresenta o seu lema principal: todos os animais são iguais. Desse modo, a figura de Major pode ser comparada à de Lênin e suas ideias marxistas, pois o líder da Revolução Russa teve papel um fundamental na disseminação dos ideais revolucionários entre a população russa proletária e camponesa, construindo novas práticas de gestão da sociedade.

No entanto, o Major morre prematuramente, contudo, suas ideias permanecem vivas entre os animais. Dessa forma, o estopim para que a revolução dos bichos ocorresse se dá pelo fato de que o Sr. Jones deixa os animais sem alimentação durante um dia inteiro. Após uma luta entre homens e animais, Sr. Jones, junto com seus peões e sua esposa são expulsos da granja. Agora, dois outros porcos tomam a posição de

liderança: Napoleão e Bola de Neve – auxiliados pelo porco Garganta, o qual possui um incrível poder de persuasão, tal como é ressaltado na obra: “Manejava a palavra com brilho (...) diziam que Garganta era capaz de convencer de que preto era branco” (ORWELL, [1945], 2007, p. 19).

É importante salientar também que após o dono da fazenda ser expulso, os animais mudam o nome da fazenda para a “Granja dos Bichos”. Os porcos Napoleão e Bola de Neve tomam a frente da fazenda, administrando as tarefas a serem cumpridas, assim como administrando os animais. Dessa forma, Napoleão apresenta traços característicos aos de Stalin, tais como: autoritarismo, intolerância, não cumprimento das proposições propostas; enquanto Bola de Neve pode ser metaforizado pela imagem de Trotsky, que é expurgado do Regime de Stalin. A expulsão do personagem Bola de Neve da fazenda se dá durante uma reunião para votar se o moinho iria ser construído ou não. Após ter exposto seus argumentos e ficar claro que os animais iriam votar em favor da construção do moinho, Napoleão chama os cães que saem ao encalço de Bola de Neve.

Houve um terrível ladrido do lado de fora, e nove cães enormes usando coleiras tachonadas com bronze entraram latindo no celeiro. Jogaram-se sobre Bola-de-Neve, que saltou do lugar onde estava mal a tempo de escapar àquelas presas. Num instante, zuniu porta afora com os cães em seu encalço. Espantados e aterrorizados demais para falar, os bichos amontoaram-se na porta para observar a caçada. Bola-de-Neve corria pelo campo em direção à estrada, como só um porco sabe correr, mas os cachorros se aproximavam. De repente ele caiu, e pareceu que o pegariam. Mas levantou-se outra vez e correu como um desesperado. Já os cães o alcançavam de novo. Um deles quase fechou as mandíbulas no rabicho de Bola-de-Neve, que o sacudiu bem na hora. Aí fez um esforço extremo e, ganhando algumas polegadas, se enfiou por um buraco da sebe e sumiu. (ORWELL, [1945], 2007, p. 47).

Isto é, o personagem Bola de Neve pode ser uma metáfora para se referir a Trotsky, uma vez que ambos são expulsos dos governos dos quais fazem parte.

Vale ressaltar que a população russa da União Soviética era formada por diferentes etnias, bem como diferentes línguas e tradições culturais. Esse detalhe também está apresentado em *Animal Farm*, uma vez que cada animal da Fazenda apresenta um traço de diferentes características que podem se enquadrar aos diferentes costumes da sociedade da época. Por exemplo, o cavalo, Sansão, persegue uma obstinação em sempre trabalhar ainda mais, sendo assim, esse personagem pode

representar o proletariado. Já as ovelhas apresentam semelhanças com a massa alienada; a égua branca, Mimosa, está sempre preocupada apenas com seu próprio bem-estar, assim, essa personagem pode representar a pequena burguesia, ou a nobreza russa, que não se importava muito com o que ocorria à sua volta. O burro Benjamin se assemelha ao intelectual, oriundo das classes em decadência, pois era um dos únicos que sabia ler; além disso, Benjamin costuma sempre se manter quieto em relação ao que acontecia ao seu redor.

No início da administração pelos próprios animais, há a tentativa de se viver o *Animalismo*, isto é, viver os preceitos que o porco Major havia estipulado. O conceito de animalismo também possui semelhanças com os conceitos de comunismo e socialismo, buscando estabelecer princípios para os animais revolucionários. Assim, baseado no animalismo, os animais criam regras para lembrar do modo pelo qual eles devem se comportar na nossa sociedade:

OS SETE MANDAMENTOS

1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.
2. Qualquer coisa que ande sobre quatro patas, ou tenha asas, é amigo.
3. Nenhum animal usará roupas.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais (ORWELL, [1945], 2007, p. 25).

Porém, Bola-de-Neve e Napoleão costumam discordar sobre alguns aspectos em relação à administração da fazenda. Napoleão tinha criado secretamente cães, os quais representam o serviço secreto militar, isto é, a KGB (Polícia Secreta Soviética) que não permitia oposição ao poder. Assim, servindo-se de uma oportunidade, Napoleão utiliza os cães para expulsar Bola-de-Neve da fazenda. De igual modo, ocorreu com Trotsky, que foi exilado da União Soviética; pois Trotsky defendia que a Revolução deveria se espalhar pelo mundo e a Rússia deveria ajudar nessa missão, enquanto Stalin preferia que o comunismo ficasse somente dentro do país. Além disso, Trotsky foi assassinado por um agente da GPU – Polícia Secreta da União Soviética –, sendo esse grupo antecessor da KGB.

Sendo assim, sem a interferência de seu rival, a autoridade de Napoleão se torna cada vez mais absoluta, de modo que ele passa a privar os animais de direitos

importantes, como o descanso e a comida em abundância. Além disso, Napoleão também muda algumas regras do Animalismo quando os outros animais não estavam por perto:

4. Nenhum animal beberá álcool *em excesso*
5. Nenhum animal dormirá em cama *com lençóis*
6. Nenhum animal matará outro animal, *sem motivo*
7. Todos os animais são iguais, *mas alguns são mais iguais que os outros.* (ORWELL, [1945], 2007).

Aqui pode-se observar, desde já, que a reformulação dos mandamentos aproxima os novos líderes dos velhos déspotas. Dessa forma, Napoleão se torna um tirano tal como o Sr. Jones, que representa o imaginário de burguês russo ou talvez até pior, procedendo justamente de modo contrário ao que tinha sido estipulado pelo Major: de que nenhum animal se portaria como o homem (os representantes da oligarquia).

Após trazer essas considerações a respeito da narrativa da obra de Orwell, passaremos, então, para as questões sobre o modo como as traduções foram produzidas no Brasil.

2. 5 Condições de Produção das Traduções Brasileiras

Após o estabelecimento de relações de analogia entre o contexto russo/soviético e a obra de Orwell, passemos, então, para as condições em que foram feitas as traduções brasileiras estudadas neste trabalho.

A primeira tradução de *Animal Farm* foi realizada devido a um programa de traduções implementado no Brasil pela instituição IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais). Importante ressaltar que essa instituição era formada por um grupo político-militar e funcionava desde 1961, cujo objetivo era, segundo René Dreifuss⁶⁵, “agir contra o governo nacional-reformista de João Goulart e contra o alinhamento de forças sociais que apoiavam a sua administração” (DREIFUSS, 1984, p. 161). Isto é,

⁶⁵ Historiador e cientista político (1945-2003). Em 1980, obteve seu Doutorado em Ciência Política na Universidade de Glasgow (Escócia). Desta pesquisa resultou a obra aqui referida *1964: A Conquista do Estado*. Além disso, no Brasil, Dreifuss também realizou pesquisas sobre as Forças Armadas, bem como sobre a formação do sistema de poder no país.

essa instituição agia como um meio de investigação, em que o foco era planejar tarefas anticomunistas. Assim, os membros do grupo político-militar costumavam se reunir para analisar a situação da vida brasileira cotidiana e contribuir com “soluções” para os problemas sociais.

Ainda, o IPES mantinha um setor denominado Grupos de Estudo e Ação, faziam parte desse setor subdivisões como o Grupo de Opinião Pública (GOP) e o Grupo de Assessoria Parlamentar (GAP); no entanto, chamamos a atenção para o Grupo de Publicações/Editorial (GPE), o qual foi formalizado em 1962, com o objetivo de “estimular e (...) sincronizar os esforços de propaganda por parte de indivíduos e grupos, cujos objetivos coincidiam com os do IPES” (DREIFUSS, 1984, p. 194). Deste modo, o GPE espalhava material impresso com uma mensagem ideológica “adequada” por todo o país.

Dentro deste grupo, Heitor Aquino Ferreira se destacava como o primeiro tradutor de *Animal Farm*, sendo essa tradução publicada pela primeira vez em 1964. A edição dessa tradução com a qual trabalharemos neste estudo é da Companhia das Letras, de 2007. O tradutor Heitor Aquino Ferreira é natural do Rio Grande do Sul, sendo um oficial aposentado do Exército pela Academia Militar das Agulhas Negras (Resende, RJ). Também integrou o corpo de oficiais na década de 60, atuando na Jarí Florestal e Agropecuária, pertencente ao grupo Petrobrás. Além disso, Aquino Ferreira também foi Assistente de Golbery do Couto e Silva no SNI (Serviço Nacional de Informações), trabalhando no Gabinete do Presidente da República no Governo de Ernesto Geisel (1974–1979).

Aquino Ferreira também tem uma carreira dentro das editoras, atuando na Editora Nova Fronteira, no Conselho Editorial da Editora Universidade de Brasília e no Arroio Grande Serviços Editoriais. Ferreira ganhou destaque como tradutor literário de inglês para o português, traduzindo obras como *O Mundo Restaurado* (1973) de Henry Alfred Kissinger e *Roosevelt e Hopkins: uma história da segunda guerra mundial* (1998) de Robert Emmet Sherwood.

O romancista José Rubem Fonseca, líder do IPES, era encarregado de supervisionar as atividades do GPE e também estava encarregado pela Unidade Editorial. Além disso, o General Liberato da Cunha Friedrich era o responsável pelas

publicações, sendo auxiliado por uma comissão de escolha, a qual era composta por José Garrido Torres, o General Heitor Aquino Ferreira e o General Golbery. Dessa forma, era possível para o GPE lidar com o setor editorial, de modo que, conforme expõe Dreifuss, o grupo de publicação:

[...] escrevia, traduzia e distribuía material impresso anticomunista, antitrabalhista e antipopulista, bem como publicava, traduzia e reimprimia livros, artigos e panfletos escolhidos. Através da Unidade Editorial, inseria comentários, debates e opiniões na imprensa e elaborava editoriais, divulgava notícias e artigos feitos de antemão por agências especializadas (DREIFUSS, 1984, p. 194-195).

Ainda, em relatório para o Comitê Diretor, Garrido Torres, um dos membros da comissão do IPES, adverte:

A abundância de literatura marxista nas nossas livrarias é óbvia a qualquer observador atento. Quase despercebido é o esforço de contrabalancear seus efeitos com a correspondente divulgação de livros, panfletos e artigos que ‘promovam’ o regime democrático e alertem os leitores de todas as camadas sociais contra os males e os mitos da doutrina socializante (IPES CD apud DREIFUSS, 1984, p. 195).

Desse modo, Torres apresenta um programa, o qual tencionava realizar publicações para jornais – para ser acessível ao grande público; publicação de panfletos – direcionada aos estudantes, militares e trabalhadores; e, por último, a publicação de livros – a fim de controlar o mercado editorial. Para realizar a publicação dos livros, a IPES busca um acordo com as editoras, ao se responsabilizar por adquirir uma certa quantidade de edições caso as vendas não fossem bem-sucedidas para o público.

O tradutor Aquino Ferreira possuía, portanto, intenções políticas em relação à publicação de *Animal Farm*. Podemos acompanhar o seu raciocínio na escolha de traduzir essa obra por meio de uma carta que Aquino Ferreira envia à Sônia Seganfreddo⁶⁶, em 25 de outubro de 1962. Esta carta está disponível na obra de Dreifuss (1984, p. 689) em formato de foto, assim, está com a caligrafia de Aquino Ferreira. Para facilitar a leitura da carta, neste trabalho, empenhamo-nos em disponibilizar uma transcrição de um trecho:

Nosso grupo no exército – que a esquerda insiste sempre em chamar de golpista – continua a existir embora sensivelmente enfraquecido, entre

⁶⁶ Sônia de Maria Saraiva Seganfreddo fez parte do grupo de estudantes de Direita dos anos 60, sendo subsidiada pelo IPES para publicar seu livro *UNE, instrumento de subversão* (1963).

outros motivos pela falta de liderança depois que nossos chefes de maior valor e projeção passaram para a reserva, alguns até pela excelente razão de que fora do Exército puderam trabalhar com maior rendimento & isso porque o fato tem ligação com o problema que desejo tratar com k'.

Temos improvisado nós mesmos e encaminhado para editores amigos várias obras de grande valor [ilegível] democrática anticomunista. A maioria sairá brevemente (Djilas – “Conversations with Stalin” que será publicado na minha terra pela Editora Globo, a cujo diretor ligam-me laços de amizade, *Strausz-Hupé* – “The Protected Conflict”, Suzzane Labin – “Il Est Moins Cinq”; Raquel de Queiroz – “Crônicas Engajadas”; George Orwell – “Animal Farm”, e várias outras. (DREIFUSS, 1984, p. 690-691).

Desse modo, pode-se perceber que a tradução da obra de Orwell está contemplada por um objetivo pré-estabelecido, isto é, disponibilizar ao público brasileiro um material capaz de construir uma crítica ao Regime Comunista através da tradução da obra de Orwell. Também é interessante notar que Aquino se considera um democrata; contudo, não se sabe qual o conceito de democracia que ele tinha; assim como também não se sabe se, de fato, ele era ou não um democrata. Ainda, o que se registra é que Aquino comenta que a Esquerda chama o seu grupo de golpista, nesse caso, também há dúvidas sobre qual exatamente seria esse grupo. O que se sabe é que as obras a serem traduzidas não foram escolhidas simplesmente por seu valor estético.

Vale ressaltar também que o ano da publicação de *Animal Farm* no Brasil é 1964 – o ano da implementação do Regime Militar no país. Sendo assim, pode-se afirmar que um dos objetivos do Regime Militar era evitar o avanço das organizações populares do Governo de João Goulart, o qual estava sendo acusado de ser comunista, aliado da URSS. Desse modo, ocorre o afastamento do Presidente da República, João Goulart, uma vez que o Marechal Castelo Branco toma o poder do país. Vale destacar que, na época, os militares justificaram o golpe alegando a existência de uma ameaça comunista no país. O Regime Militar durou 21 anos (1964-1985) e trouxe a lei do AI-5, traduzida como lei de censura à imprensa e aos críticos do governo, bem como restrições aos direitos políticos e, também, uma perseguição policial aos opositores do regime.

A segunda tradução de *Animal Farm* no Brasil é apenas de 2006, ou seja, existe um intervalo de 42 anos de diferença entre ambas traduções, o que é, no mínimo, curioso devido à grande popularidade da obra no país. Essa nova tradução é

disponibilizada pela Biblioteca do Exército, sendo o seu tradutor o Coronel Luiz Carlos Carneiro de Paula. Interessante destacar que Carneiro de Paula ganhou a Medalha de Mérito Histórico Militar Terrestre, que tem por objetivo agraciar civis e militares que apoiam a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB). Este tradutor, Luiz Carlos Carneiro de Paula, recebeu a medalha devido ao seu estímulo, solidariedade e apoio *histórico*, bem como apoio na divulgação da causa da AHIMTB. Ainda, o tradutor é também editor das revistas do “Exército” e “A Defesa Nacional”, que também contribui colaborando com a AHIMTB. Além disso, Carneiro de Paula é professor emérito da Escola de Comando e Estado-Militar do Exército, atuando ainda como assessor do 1º Vice-presidente do Clube Militar. O tradutor também contribui com o Clube Militar na preparação de candidatos ao concurso da Escola de Estado-Maior do Exército.

Já a Biblioteca do Exército (BibliEx) foi fundada em 1882, no Rio de Janeiro, por uma iniciativa de Franklin Dória, ministro da Guerra. A BibliEx publica livros sobre diversos temas, como geografia, história militar, geopolítica, filosofia, literatura, entre outros. Além disso, também disponibiliza livros mensalmente aos seus assinantes.

Importante destacar também que o ano de publicação da segunda tradução – 2006 – é também o ano de eleição à presidência no Brasil, em que Luís Inácio Lula da Silva se reeleger, isto é, mantêm-se no governo do país um representante dos ideais da centro-esquerda; desse modo, talvez essa nova tradução também tenha tido o objetivo de renovar a luta dos antissocialistas e reavivar a memória sobre acontecimentos históricos no regime soviético, através das analogias produzidas pela obra de Orwell.

Tendo explicitado as condições de produção da tradução levando em conta, em primeiro lugar, a trajetória de Orwell, o contexto histórico da Rússia/URSS, em que a obra *Animal Farm* é baseada, bem como as relações entre esse contexto com a obra e também considerando os aspectos que explicitam as condições em que a obra foi traduzida no Brasil, passemos agora para a análise das referidas traduções.

2.6 Análise das Traduções

Busca-se nesta seção realizar uma análise das traduções da obra *Animal Farm* (1945) de George Orwell, sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa. Assim,

destacamos novamente que iremos nos deter na tradução de Heitor de Aquino Ferreira, realizada em 1964, buscando compará-la com a tradução de Luiz Carlos Carneiro de Paula, de 2006. A análise será baseada em um *corpus* selecionado após a leitura do original e das traduções, buscando investigar determinados recortes que possam auxiliar na compreensão das relações entre o contexto soviético e o contexto de produção da obra de Orwell. É por meio também de contrapontos entre as equivalências semânticas produzidas por Heitor Aquino Ferreira e Luiz Carlos Carneiro de Paula que buscaremos caracterizar determinados efeitos de sentido produzidos por essas traduções. Em relação às equivalências, é importante ressaltar que elas são produzidas pelos tradutores. Isto é, esses equivalentes semânticos não estão cristalizados na língua, mas sim são produzidos por meio do trabalho do tradutor.

Para a análise das traduções, tomamos os recortes de enunciados que remetem à questão da designação⁶⁷ como pontos de referências fundamentais. Ou seja, o modo como os tradutores estabelecem equivalências de sentido entre os nomes atribuídos em Língua Inglesa e os nomes escolhidos para figurar nas traduções brasileiras.

Desse modo, os recortes de análise foram organizados tendo em vista as suas similaridades semânticas, assim, para fins de análise, os recortes foram analisados tendo em vista o seu funcionamento similar. Esses conjuntos foram resultado de uma análise prévia para a construção de um arquivo que nos permitisse estabelecer um contraponto entre o funcionamento semântico dos enunciados na passagem da língua fonte, Língua Inglesa, para a Língua Portuguesa sob condições de produção realizadas em contextos históricos distintos.

Em relação à organização dos recortes, traremos exemplos pontuais, os quais estão expostos por meio de quadros comparativos. Assim, tais quadros aparecem organizados de forma em que a primeira coluna está denominada como “Autoria” e traz o autor da obra, bem como os autores dos textos de chegada, isto é, os tradutores; destacamos também que a disposição de tais autores se dá em ordem cronológica, a partir da publicação original. A segunda coluna, denominada “recorte analisado”, serve

⁶⁷ Destacamos o Trabalho de Conclusão de Curso *As Equivalências de Sentido no Exercício Tradutório: um Estudo de Handmaid's Tale* realizado por Laís Callegaro Fritzen e apresentado em 2018 no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse trabalho trata das relações de aportuguesamento dos nomes na tradução da obra *Handmaid's Tale*.

para mostrar primeiramente o texto de partida e, em seguida, as respectivas versões do recorte selecionado para análise, conforme cada autoria; vale mencionar ainda que dentro de cada recorte destaca-se em negrito a unidade que será analisada de modo mais detido.

Tendo em vista que buscamos embasamento na Análise do Discurso e em questões enunciativas, procederemos a análise tomando por base marcas enunciativas e linguísticas nos textos, as quais poderão nos auxiliar a averiguar as condições de produção em que cada obra foi escrita, tanto a de autoria de Orwell, *Animal Farm*, quanto as suas duas traduções em português brasileiro.

Em relação aos aspectos históricos de base linguística, é importante destacar mais uma vez que *Animal Farm* é escrito em 1945 em inglês britânico. A sua primeira tradução para o Português Brasileiro data de 1964. Ou seja, 19 anos após a publicação do texto de partida. A retradução data de 2006, isto é, 42 anos após a tradução da primeira versão e 61 após a publicação do texto em Língua Inglesa. Assim, é importante mencionar essas datas, pois a língua está sujeita à variação e à temporalidade. Ao analisar os aspectos discursivos e linguísticos será importante considerar esses fatores, tanto em Inglês quanto em Português.

Outro ponto a mencionar é que optamos por utilizar a tradução de Aquino Ferreira quando uma citação da obra for necessária em que o foco não seja a tradução em si, mas que sirva para fins de esclarecimento do enredo da obra. Essa escolha se dá pelo fato de que a tradução de Aquino é a mais conhecida no Brasil, sendo a primeira na ordem das traduções, mas não necessariamente a que menos está sujeita a equívocos. Ainda, essa tradução já foi publicada por diferentes editoras, como Editora Globo, RBS Publicações, InfoGlobo, Folha da Manhã-Publifolha, CEDIC, Editora Germape, Claro Enigma, e Companhia das Letras, a qual utilizamos aqui. Além disso, também é uma tradução disponibilizada em diferentes mídias, como em livro em áudio, disponibilizado pela Editora Audio Companhia, e em E-book, feita pela Companhia Digital.

Tendo explicitado o corpus e o modo como procederemos a análise, passemos, então, propriamente para a análise das questões que merecem ser destacadas em função dos problemas e também das soluções semânticas e discursivas para as quais

as traduções apontam. Destacamos que os problemas semânticos em que iremos nos apoiar para fins de averiguar o modo como se procede a tradução reportam-se à seleção lexical e à designação, com intuito de investigar: (a) determinados nomes próprios presentes na obra *Animal Farm* e também (b) a seleção pronominal, de forma a analisar que efeitos de sentido esses enunciados causam ao serem traduzidos para a língua de chegada.

2.6.1 Seleção lexical e designação

Retomando o nosso objetivo que consiste em selecionar questões que serão destacadas em função de problemas e também de soluções semântico-discursivas, passaremos a caracterizar determinados itens de acordo com o modo como se destacaram na leitura das traduções. Assim, procuramos refletir sobre questões relacionadas com a designação. Por designação estamos nos pautando nas definições a partir de Eduardo Guimarães (2018).

Sob a ótica de Eduardo Guimarães, designação não é sinônimo de referência, tal como é caracterizada na semântica tradicional. Para o autor, a designação se refere à:

[...] significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história. (2017, p. 12).

Sendo assim, a designação se refere ao sentido das palavras, cuja unidade de análise é o enunciado, o que, por sua vez, segundo Guimarães, se difere da lexicografia, em que a unidade de análise é a própria palavra. Dessa forma, uma palavra ou uma expressão, de acordo com Guimarães: “significam por estarem integradas em um enunciado que é enunciado por integrar-se a um texto” (2018, p. 151). Isto é, não há como fazer referir sem significar.

Tendo em vista as questões de designação, selecionamos aqui determinados nomes próprios advindos da obra de *Animal Farm*.

Primeiramente, buscamos analisar as razões da transição do nome “Manor Farm”, como é intitulada a granja do Sr. Jones, para “Animal Farm” – o modo como os animais a denominam. Na passagem selecionada os porcos revelam para os demais

animais que nos últimos três meses aprenderam a ler e a escrever com o auxílio de um velho livro de ortografia encontrado no lixo de Jones. Assim, eles decidem mudar o nome da granja de “Manor Farm” para “Animal Farm”, com o intuito de demarcar seu território e a inversão de poder, e de ideologia, através da linguagem. Escolhemos esse recorte para refletir, em primeiro lugar, sobre a questão ideológica interna à narrativa. A seguir, sobre as decisões dos tradutores. Abaixo, montamos um quadro com as escolhas lexicais feitas pelos tradutores a partir do texto fonte.

Quadro 1 – Seleção lexical: *Animal Farm*

Autoria	Recorte analisado
Orwell	Then Snowball (for it was Snowball who was best at writing) took a brush between the two knuckles of his trotter, painted out MANOR FARM from the top bar of the gate and in its place painted ANIMAL FARM . (ORWELL, [1945], 1970, p. 16)
Ferreira	Então, Bola-de-Neve (que era quem escrevia melhor) pegou o pincel entre as juntas da pata, cobriu de tinta o nome GRANJA DO SOLAR do travessão superior e, em seu lugar, escreveu GRANJA DOS BICHOS . (FERREIRA, [1964], 2007, p. 24)
Paula	Então, Bola-de-Neve (que era quem escrevia melhor) pegou o pincel entre as unhas da pata, apagou o nome FAZENDA DO SOBRADO do travessão superior e, em seu lugar, escreveu FAZENDA DOS ANIMAIS . (PAULA, 2006, p. 32).

Fonte: Elaboração própria

Primeiramente, é importante estabelecer como se procede o funcionamento da expressão “manor farm” em Língua Inglesa. Como já mencionado, o nome da granja do Sr. Jones no texto de partida é “Manor Farm”, essa expressão “manor farm” é tradicionalmente atribuída ao sentido de fazenda de uma casa senhorial na Inglaterra, em que o produto advindo do campo é utilizado para abastecer a casa. Ainda, o vocábulo “manor” pode significar, segundo o *Cambridge Dictionary*, “uma grande casa antiga com terras pertencentes a ela, especialmente na Europa”⁶⁸ (Tradução minha). Ou seja, “manor” pode ser considerado como um local onde o proprietário é alguém de posses, isto é, essa questão já abre o sentido para uma distinção entre classes, de modo que a fazenda que pertence ao Sr. Jones pode ser considerada como uma

⁶⁸ “a large old house in the country with land belonging to it, especially in Europe”. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/manor>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

propriedade abastada, em oposição à designação que será empregada posteriormente, quando a fazenda pertencer aos animais. Essa questão será melhor pormenorizada adiante.

Observamos que Ferreira opta por traduzir “manor” como “solar”, que, segundo o Dicionário Aurélio, significa “herdade ou morada de família nobre e antiga” (1971, p. 1126). Essa acepção pode ressoar com o sentido representado pelo vocábulo em inglês – de uma habitação imponente e abastada – uma vez que “solar” pode ser considerado como um lugar nobre. Desse modo, a tradução acaba mantendo a distinção entre classes presente no texto de partida. Já Carneiro de Paula opta pela tradução como “sobrado”, o que, segundo ainda o Dicionário Aurélio, significa “casa de dois ou mais andares” (1993, p. 508), assim, remetendo à ideia de um local espaçoso; desse modo, passando uma ideia contrária àquela que “solar” – de uma casa imponente e senhorial. Nesta tradução pode-se dizer que há o apagamento da questão da divisão de classe, a qual está presente na língua de partida e é mantida pela tradução de Aquino Ferreira. Esse apagamento ocorre, pois o vocábulo “sobrado” remete a um sentido de uma propriedade mais despojada.

Com intuito de melhor visualizar como estamos refletindo a respeito desses enunciados, elaboramos um quadro para que possamos caracterizar melhor nosso raciocínio.

George Orwell	Manor	Casa senhorial
Aquino Ferreira	Solar	Sentido de propriedade imponente.
Carneiro de Paula	Sobrado	Sentido de pequena propriedade.

Desse modo, podemos observar que o tradutor Aquino Ferreira é que traz uma equivalência de sentido que mais se aproxima com o texto de partida, uma vez que a palavra “solar” remete a essa ideia de um local mais abastado, o que já não pode ser contemplado pela palavra “sobrado”. Assim, aqui a divisão de classes está marcada pelo uso da palavra “solar” enquanto uma grande propriedade e “sobrado” como uma residência mais humilde.

Já pensando somente no vocábulo “farm”, segundo o *Cambridge Dictionary*,

temos que ele se refere a “uma área de terra, juntamente com uma casa e pavilhões, usados para o cultivo e/ou manutenção de animais como negócio”⁶⁹ (Tradução minha). Isto é, está presente aqui também o sentido de uma grande propriedade, em que há o desenvolvimento de um negócio, marcando a qualidade de pequeno burguês, o que também remete à ideia de classes. Nota-se que Ferreira opta por traduzir esse vocábulo como “granja”, que, segundo o Dicionário Aurélio, se refere a uma “pequena propriedade rural de criação de pequenos animais para abate, venda de ovos, cultivo de hortaliças, etc.” (AURÉLIO, 1993, 277). Desse modo, o vocábulo “granja”, passa a impressão de se referir a uma fazenda pequena ou a um sítio, isto é, uma pequena propriedade rural. Ocorre então o apagamento da ideia de classe burguesa, presente no termo de partida, uma vez que granja pode ser entendida como uma pequena propriedade, em que o que é desenvolvido nesse local possa ser de consumo próprio. Carneiro de Paula, traduz como “fazenda”, passando a ideia de uma propriedade de maior extensão e status, tal como aponta o Aurélio: “grande propriedade rural, de lavoura ou de criação de gados” (AURÉLIO, 1993, p. 246). O que, por sua vez, dialoga com o sentido presente no termo “farm”, de uma grande extensão de terras e, assim, essa tradução acaba por manter também aquele sentido de distinção de classe presente na língua inglesa.

Trazemos novamente o quadro para melhor ilustrar o modo como estamos refletindo a respeito desses enunciados.

George Orwell	Farm	Área de cultivo – negócios próprios
Aquino Ferreira	Granja	Sentido de pequena propriedade para suprimir necessidades menores e próprias.
Carneiro de Paula	Fazenda	Sentido de grande propriedade produtora de lucros.

Neste caso, podemos observar aqui que dessa vez é Carneiro de Paula que mantém o sentido de grande propriedade, o que também está sugerido pela língua de partida.

⁶⁹ “an area of land, together with a house and buildings, used for growing crops and/or keeping animals as a business”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/farm>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

Assim, podemos notar que há uma distinção entre classes, a qual pode ser notada por meio das escolhas semânticas dos tradutores, proposta principalmente na tradução de Carneiro de Paula ao optar pelo vocábulo “fazenda” como um equivalente para “farm”, tendo em vista de que o produto advindo da fazenda serve como subsídio para sustentar o dono/produtor. Já Aquino Ferreira traduz essa expressão como “granja”, contudo, esse vocábulo já não passa mais o sentido de grande propriedade nem de fonte de lucro, pois, neste caso, o vocábulo “granja” traz a ideia apenas de pequena produção, o que não pode transmitir a ideia de que o produtor consegue viver do subsídio do produto advindo de sua propriedade.

Voltando à língua de partida, tomando o nome que o Sr. Jones havia posto na fazenda, “Manor Farm”, podemos observar que o vocábulo “manor” qualifica “farm”. De modo semelhante, ao trocar o nome da fazenda para “Animal Farm”, também se tem a construção em que a palavra “animal” funciona como um adjetivo para “farm”. Segundo a *Azar Grammar*⁷⁰, nesse caso, se a expressão “Animal Farm” estivesse marcada pelo apóstrofo – constituindo-se como: “animal’s farm” – então, a presença do apóstrofo sugeriria o sentido de posse e isso significaria que a fazenda pertenceria aos animais. Contudo, como essa expressão não está marcada pelo apóstrofo, assim, abre-se o sentido para a questão da identidade. Isto é, não há a marca de genitivo nessa expressão, o que indicaria imediatamente a ideia de que “farm” pertence a “animal”. Tendo em vista essa premissa, podemos dizer que “farm” pode ser entendida como “composta por animais” e/ou é “para os animais”. Portanto, o uso da expressão sem a marca de posse, sem o genitivo, vem a caracterizar a nova identidade dos proprietários da fazenda que expulsaram os antigos. Desse modo, se poderia traduzir essa expressão como “Fazenda Animal”.

Tanto Aquino Ferreira quanto Carneiro de Paula traduzem essa expressão com o sentido de posse, nesse caso: “granja dos bichos”, de acordo com a tradução de Aquino Ferreira, e “fazenda dos animais”, pela tradução de Carneiro de Paula; assim, demarcam um sentido unilateral de posse – de que a propriedade pertence aos animais.

Importante mencionar que a tradução é o efeito de uma tomada de posição na narrativa. Para refletir melhor sobre essa questão, tomemos novamente o exemplo da

⁷⁰ Gramática de Inglês para professores de Inglês, publicada pela Pearson Longman.

obra: “Então, Bola-de-Neve (que era quem escrevia melhor) pegou o pincel entre as juntas da pata, cobriu de tinta o nome GRANJA DO SOLAR do travessão superior e, em seu lugar, escreveu GRANJA DOS BICHOS” (FERREIRA, [1964], 2007, p. 24). Neste caso, na tradução entra a questão da determinação a partir da ideia de posse. Enquanto no texto de partida a questão de classe é marcada pelas escolhas lexicais como “manor farm”, na tradução a questão da classe surge tanto pelos itens lexicais traduzidos quanto pela presença do complemento que está indicando a posse. Isto é, o complemento indireto de *Fazenda* (“dos animais”) e de *Granja* “dos bichos” é que irá remeter à força dominante dos explorados em detrimento dos antigos exploradores. Essa questão está diretamente ligada à luta de classes, isto é, há uma correlação de forças entre os “animais” que representam inicialmente os dominados e os “humanos”, os quais representam os exploradores do trabalho alheio, configurando a questão ideológica central do romance.

Tendo em vista o quadro abaixo, observemos como se dá o funcionamento da expressão analisada.

George Orwell	Animal Farm	Não há como afirmar que a fazenda é propriamente dos bichos pela falta do uso do apóstrofo.
Aquino Ferreira	Granja dos Bichos	Pequena propriedade que pertence aos bichos.
Carneiro de Paula	Fazenda dos Animais	Grande propriedade que pertence aos animais.

Aqui é interessante notar que os vocábulos analisados anteriormente “granja” e “fazenda” agora estão funcionando para qualificar a fazenda que foi conquistada pelos animais. Isto é, neste momento da história, a Revolução já ocorreu e a fazenda agora está sob regime dos animais. Tendo isso em vista, retomemos, então, as considerações apontadas anteriormente sobre as questões de classe em relação aos vocábulos “granja” e “fazenda”. Podemos notar que “granja” remete a uma pequena propriedade, o que evidencia que o produto advindo dessa terra não é suficiente para poder manter os custos de vida das pessoas que nela residem. Assim, a expressão “granja dos animais” acaba por apagar o sentido de grande propriedade. Além disso, esse vocábulo representa um tipo de propriedade com fins específicos, desse modo, remetendo à

representação dos explorados. Já a expressão “fazenda dos animais”, na tradução de Carneiro de Paula, traz o sentido de grande propriedade em que o produto advindo da terra é suficiente para sustentar a família que nela reside. De modo a podermos afirmar que, neste caso, esse vocábulo remete tanto ao sentido de força dominante como a uma relação identitária dos novos proprietários.

Observemos também o funcionamento do vocábulo “animal”, que na língua de partida, segundo o *Cambridge Dictionary*, significa: “algo que vive e se move, mas não é humano, pássaro, peixe ou inseto. Qualquer coisa que viva e que se mova, incluindo pessoas, pássaros, etc.”⁷¹ (Tradução minha). Assim, podemos observar uma condição de “animal” com um sentido mais amplo, pensando-se inclusive na espécie humana como sendo animal. No entanto, esse vocábulo, em seu sentido informal, expressa uma conotação interessante, segundo o *Cambridge Dictionary*, conforme segue: “uma pessoa desagradável e cruel ou alguém que se comporta mal”⁷² (Tradução minha). Isto é, “animal” pode ter um sentido pejorativo que traz a questão de remeter a alguém violento, agressivo.

Aquino Ferreira opta por traduzir essa palavra como “bicho”, em Português a palavra “bicho” faz referência à palavra “animal”. Vejamos como esse termo é significado no dicionário. A primeira acepção do Dicionário Michaelis para “bicho” propõe: “1. Denominação genérica que se dá aos seres do reino animal, à exceção do homem; animal.”⁷³. Esse conceito também é bastante amplo, podendo ser atribuído a qualquer espécie que viva na superfície da Terra, menos ao homem. As acepções pejorativas trazem o seguinte:

[...] 9. Designativo do ser humano como ser mortal, sem valor, pequeno e passível de decomposição. 10. Gente vulgar ou de pouca conta; criado, servo. 11. Pessoa muito feia ou ridícula. 12. Indivíduo bruto, grosseiro ou muito retraído e intratável.⁷⁴

Nota-se que esse conceito já está remetendo a um sentido figurado, assim “bicho” pode

⁷¹ “something that lives and moves but is not a human, bird, fish, or insect. Anything that lives and moves, including people, birds, etc.”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/animal>. Acesso em: 19 nov. 2019.

⁷² “an unpleasant, cruel person or someone who behaves badly”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/animal>. Acesso em: 19 ago. 2019.

⁷³ Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=bicho>. Acesso em: 11 jan. 2020.

⁷⁴ Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=exNQ>. Acesso em: 11 jan. 2020.

ser utilizado como adjetivo para classificar um ser que é pouco sociável, assim como também caracteriza alguém vil.

Carneiro de Paula opta por traduzir como “animal”, escolhendo assim o sentido mais literal da palavra. O Dicionário Aurélio traz como primeira acepção para “animal” a seguinte ideia: “ser vivo organizado, dotado de sensibilidade e movimento (em oposição às plantas)” (1996, p. 32). Nota-se que essa primeira acepção é bastante ampla, trazendo apenas uma diferenciação em relação às plantas. Ainda para essa palavra, a próxima acepção do Dicionário Aurélio traz: “animal irracional, pessoa muito ignorante, ou cruel, ou estúpida” (1996, p. 32). Neste caso, já podemos notar um sentido figurado que está funcionando de modo mais pejorativo, interessante comentar que há aqui também a ideia de um ser irracional, em oposição ao homem, que detém a razão.

Trazemos novamente o quadro comparativo para ilustrar melhor como estamos refletindo a respeito da palavra “animal” (bicho/animal).

George Orwell	Animal	Alguém desagradável
Aquino Ferreira	Bichos	Alguém vil
Carneiro de Paula	Animais	Ser irracional

Assim, baseando-se no sentido figurado que a palavra “bicho” traz, vale notar que esse vocábulo apresenta um caráter negativo mais depreciativo do que a palavra “animal”. Desse modo, podemos dizer que os “bichos” estão abaixo dos “animais”, uma vez que “bicho” pode ser entendido como um ser inferior aos homens e também aos animais. Já escolha pela palavra “animal” em Português remete novamente ao funcionamento de uma oposição de classes, em que os animais representam os seres irracionais sendo subjugados e explorados em uma contraposição com os humanos que representam a classe racional, tornando-se os algozes.

O próximo recorte coletado para a análise se refere à palavra “Squealer”, que é o nome próprio de um dos porcos que auxiliam na administração a granja após a saída do Sr. Jones.

Importante mencionar que para a tradução de nomes próprios dos animais da granja, o tradutor Aquino Ferreira opta por traduzir todos os nomes próprios que aparecem na obra. Já o tradutor mais recente, Carneiro de Paula, opta por manter os

nomes na forma inglesa, com a exceção de “Snowball”, que é traduzido como “Bola-de-Neve”, e “Napoleon”, que é adaptado ao padrão mórfico da Língua Portuguesa, “Napoleão”. O nome próprio “Squealer” também é uma exceção na tradução de Carneiro de Paula, pois este é um vocábulo que ele traduz e o faz de forma distinta da solução de Aquino Ferreira. Por tal razão e pelo fato de que o personagem Squealer é uma figura que possui semelhanças com a figura de Molotov, escolhemos analisar o funcionamento deste vocábulo nos enunciados que seguem.

Quadro 2 – Seleção lexical: *Squealer*

Autoria	Recorte analisado
Orwell	The best known among them was a small fat pig named Squealer , with very round cheeks, twinkling eyes, nimble movements, and a shrill voice. He was a brilliant talker, and when he was arguing some difficult point he had a way of skipping from side to side and whisking his tail which was somehow very persuasive. The others said of Squealer that he could turn black into white. (ORWELL, [1945], 1970, p. 10)
Ferreira	Dentre estes, o mais conhecido era um porquinho gordo chamado Garganta , de bochechas redondas, olhos sempre piscando, movimentos lépidos e voz aguda. Manejava a palavra com brilho e, quando discutia algum ponto mais difícil, tinha o hábito de dar pulinhos de um lado para o outro e abanar o rabicho, o que era uma coisa bastante persuasiva. Diziam que Garganta era capaz de convencer de que preto era branco. (FERREIRA, [1964] 2007, p. 19)
Paula	Dentre eles, o mais conhecido era um porquinho gordo chamado Chalaça , de bochechas redondas, olhos sempre piscando, movimentos ligeiros e voz aguda. Ele era um orador brilhante e, quando discutia algum assunto difícil, tinha o hábito de dar pulinhos de um lado para o outro e abanar o rabicho, o que era de qualquer modo persuasivo. Os outros diziam que Chalaça poderia converter o preto em branco (PAULA, 2006, p. 26).

Fonte: Elaboração própria

No trecho selecionado para a análise, o narrador está apresentando os porcos e explicando quem é Squealer, procurando focar nas suas características. Para fins de análise, buscamos refletir sobre a diferença de designação entre ambas escolhas tradutórias.

Para melhor averiguar como este vocábulo funciona, começamos analisando como se dá o desdobramento desta palavra na língua de partida. O verbo “squeal”, em sua forma substantivada, se refere a “1. produzir um som longo ou muito alto ou chorar;

2. reclamar de algo de modo chamativo”⁷⁵ (*Cambridge Dictionary*, Tradução minha). Isto é, esse vocábulo funciona para informar sobre uma determinada forma de agir, buscando salientar que essa ação se dá de modo chamativo. Já o substantivo, “squealer”, tendo em vista o seu uso informal, pode ser traduzido como “informante”, pois “squealer” se refere a uma pessoa, segundo o Dicionário Oxford: “que informa alguém à polícia ou a uma pessoa em autoridade”⁷⁶ (*Oxford Dictionary*, Tradução minha). Dessa forma, tendo em vista os sentidos referentes ao vocábulo em inglês, tanto o sentido de alguém agitado, que costuma produzir sons altos, típicos dos porcos, quanto de alguém que entrega determinada situação à polícia podem funcionar para o personagem Squealer, uma vez que esse porco tem como característica pular para lá e para cá durante seus avisos aos outros porcos. Do mesmo modo, o personagem costuma também se fazer ouvir ao levantar a voz, como podemos notar no seguinte trecho: “Com toda certeza, camaradas, gritou Garganta, quase suplicante, dando pulinhos de um lado para outro e sacudindo o rabicho”⁷⁷ (ORWELL, [1945], 2007, p. 34).

Em relação ao sentido de ser informante da polícia, podemos traçar uma relação com a palavra “pig” (porco), que em inglês, com o sentido de gíria, significa “policia”. Assim, o personagem Squealer pode ser considerado como alguém que leva a informação até Napoleão, o porco que se torna a figura de autoridade entre os animais. Isto é, a escolha semântica da designação proposta por Orwell está relacionada à representação da imagem do espião, do informante, do delator que leva informações aos membros do Partido (pensando em uma analogia, neste caso, com o regime de Stalin) que era totalitário.

Aquino Ferreira traduz o nome próprio Squealer como “Garganta”. Segundo o Dicionário Priberam, “garganta”, no sentido figurado, refere-se ao “ato ou dito de quem exhibe feitos inventados ou exagerados. = Bazófia, Fanfarronice, Gabarolice”⁷⁸. Assim, essa palavra pode servir como um adjetivo para denominar uma pessoa que é bastante comunicativa ou mesmo um contador de lorotas; alguém que

⁷⁵ “to make a long, very high sound or cry; to complain about something loudly” Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/squeal>>. Acesso em: 9 ago. 2019.

⁷⁶ “A person who informs on someone to the police or a person in authority.” Disponível em: <<https://www.lexico.com/en/definition/squealer>>. Acesso em 10 ago. 2019.

⁷⁷ Texto de partida: “Surely, comrades, cried Squealer almost pleadingly, skipping from side to side and whisking his tail” (ORWELL, [1945], 1970, p. 24.)

⁷⁸ Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/garganta>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

tem a habilidade da oratória para convencer as demais pessoas. Desse modo, a tradução modifica a construção pela designação, da imagem do personagem Squealer, que do sentido de informante passa à condição de orador. Dessa forma, podemos relacionar o papel que Squealer assume com o contexto russo pós-revolucionário, ao pensar sobre os papéis do agitador e do propagandista, assim, reforçando o que foi salientado anteriormente, a imagem do personagem Squealer, que poderia ser entendida como a do informante, passa à condição de orador, de “propagandista” das ideias do líder.

Craig Brandist (2016) ao reportar-se às concepções de “palavra viva” na Rússia, traz algumas concepções de V. Lênin (apud BRANDIST):

O Propagandista... deve apresentar “muitas ideias”, e tantas, que de imediato todas essas ideias, em todos os seus conjuntos, poderão ser (relativamente) assimiladas somente por poucas pessoas. O agitador, falando a respeito dessa mesma questão, tomará a mais conhecida de seus ouvintes e o melhor ou mais relevante exemplo, – apresentando uma explicação completa da contradição do propagandista. O Propagandista age desse modo principalmente pela forma impressa, o agitador serve-se da “palavra viva”. (LENIN apud. BRANDIST, 2016, p. 16)

Sendo assim, o agitador se utilizava das estratégias da “palavra viva” para tornar vivos os argumentos do propagandista; esse, por sua vez, seria o indivíduo que lidaria com a palavra escrita e que apresentaria ‘muitas ideias’, as quais seriam assimiladas somente por poucas pessoas. Já o agitador tomava as ideias levantadas pelo propagandista, apresentando-as aos ouvintes com as adequações retóricas e linguísticas necessárias ao contexto, esclarecendo as contradições colocadas pelo propagandista.

O personagem Squealer se encaixa como a figura do agitador, uma vez que ele tem o poder de convencer os demais animais da fazenda através do uso do *logos*. Contudo, é importante destacar que ocorre uma subversão do papel do agitador proposto por Lênin. Assim, fazendo um paralelo com a imagem de Viatcheslav Molotov ⁷⁹, Ministro das Relações Exteriores da URSS e um dos principais

⁷⁹ Vyacheslav Mikhailovich Molotov (1890-1986) foi Primeiro Ministro da União Soviética, indicado por Stalin. Atuou como Presidente do Conselho de Comissários do Povo de 1930 a 1941 e como Ministro de Relações Exteriores de 1939 a 1949 e de 1953 a 1956. Molotov foi o principal signatário do Pacto Germano-Soviético de 1939 (também conhecido como Pacto Molotov-Ribbentrop).

colaboradores de Josef Stalin. Tendo em vista a função exercida por Molotov, pode-se afirmar que a propaganda se caracteriza pelo uso de sua retórica não pelo bem dos interesses coletivos, mas pela defesa da alta cúpula do Partido. Ao estabelecer relações de analogia entre o contexto soviético através de seus legisladores e o contexto de *Animal Farm*, Orwell busca mostrar como a propaganda passa a caracterizar-se, no período pós-leninista, pela pura retórica e pela manutenção dos interesses dos membros da alta cúpula do Partido em detrimento do bem-estar das forças sociais.

Um exemplo que pode ilustrar essa questão se encontra logo no início da tomada de poder da fazenda pelos porcos, quando a maçã e o leite somem do consumo dos animais. Eles procuram por esses alimentos por algum tempo, até que acabam encontrando nos pertences dos porcos. No entanto, os animais acreditavam que o acordo feito com os porcos seria de que as frutas seriam distribuídas igualmente, mas acabam descobrindo que esses alimentos iam todos para os porcos. Sendo assim, alguns dos animais tentaram murmurar algo a respeito, pois precisavam de uma explicação. Então o porco Squealer é enviado pelos outros porcos (os quais não têm o domínio da palavra) para prestar esclarecimentos; ilustramos a fala de Squealer na obra de Orwell:

“Camaradas!”, conclamou. “Não imaginais, suponho, que nós, os porcos, fazemos isso por espírito de egoísmo e privilégio. Muitos de nós até nem gostamos de leite e de maçã. Eu, por exemplo, não gosto. Nosso único objetivo ao ingerir essas coisas é preservar a saúde. O leite e a maçã (está provado pela ciência, camaradas) contêm substâncias absolutamente necessárias à saúde dos porcos. Nós, os porcos, somos trabalhadores intelectuais. A organização e a direção desta granja dependem de nós. Dia e noite velamos por vosso bem-estar. É por vossa causa que bebemos aquele leite e comemos aquelas maçãs. Sabeis o que sucederia se os porcos falhassem em sua missão? Jones voltaria! Sim, Jones voltaria! Com toda certeza, camaradas”, gritou Garganta, quase suplicante, dando pulinhos de um lado para outro e sacudindo o rabicho, “com toda certeza, não há dentre vós quem queira Jones de volta”. (ORWELL, [1945], 2007, p. 33-34).

Seguindo na questão das possíveis relações entre os acontecimentos no contexto soviético e na obra de Orwell, salienta-se, primeiramente, que Molotov foi um dos editores do Pravda. O Pravda foi o principal jornal da União Soviética, o qual era

utilizado para divulgar publicações a serviço dos dirigentes do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). O modo de justificar as ações de Squealer, ainda que pela via da oralidade, apresenta relações com o modelo de apresentação de conteúdos falaciosos enunciados no jornal Pravda que promovia a circulação de ideologias stalinistas e suas teses autoritárias à época do Regime de Stalin.

Ainda refletindo sobre as semelhanças que Squealer tem com Viatcheslav Molotov, podemos assinalar que tanto Squealer quanto Molotov eram exímios oradores, como um exemplo dessa questão podemos citar que Molotov é responsável por anunciar à nação russa o acordo com a Alemanha, o que ficou conhecido como o Pacto Germano-Soviético. Importante lembrar que esse tratado ocorreu após anos de propaganda anti-nazista, e coube a Molotov anunciar ao público que o maior inimigo da URSS era agora seu aliado. O discurso justifica o acordo de não agressão entre os dois rivais, o qual Molotov salienta como sendo um dever:

[...] pensar nos interesses do povo soviético, nos interesses da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – ainda mais porque estamos firmemente convencidos de que os interesses da URSS coincidem com os interesses fundamentais dos povos de outros países.⁸⁰

Em uma analogia com o personagem Squealer, vale mencionar que ele também é encarregado de levar notícias importantes aos demais animais quando necessário, inclusive explicar sobre determinado acontecimento que os animais não compreenderam muito bem, como o caso da negociação com os humanos, pois fora acordado entre os animais que nenhum animal fará comércio com os humanos. No entanto, Napoleão entra em acordo com Whymper, o qual fica encarregado de atuar como um mediador entre a granja dos animais e o mundo exterior. Assim, Squealer percorre a granja para tranquilizar os animais

Assegurou-lhes que tal resolução contra o engajamento no comércio e o uso de dinheiro jamais fora aprovada, aliás nem sequer apresentada. Era pura imaginação, e provavelmente tinha origem em mentiras inventadas por Bola-de-Neve. Alguns bichos ainda estavam em dúvida,

⁸⁰ Discurso proferido em 31 de agosto de 1939, trecho utilizado para citação original em inglês: “*It is our duty to think of the interests of the Soviet people, the interests of the Union of Soviet Socialist Republics – all the more because we are firmly convinced that the interests of the USSR coincide with the fundamental interests of the peoples of other countries.*” Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/molotov/1940/peace.htm>> Acesso em: 9 set. 2019.

porém Garganta, astuto, perguntou: “Vocês estão certos de que não sonharam? Existe algum registro dessa resolução? Está escrita em algum lugar?”. E uma vez que realmente não existia nada assim escrito, os animais se convenceram do engano. (ORWELL, 2006, p. 56).⁸¹

Voltando para as questões a respeito da tradução, tendo em vista que o personagem Squealer possui habilidades para o manejo com a língua e, assim, adquire facilidade de convencimento por meio das palavras, a tradução deste nome próprio como “Garganta” faz referência a esse conjunto de características do personagem, pensando em relação à língua de partida, uma vez que o vocábulo “garganta” em Português é uma palavra que traz à tona essa questão da habilidade com a palavra, com o bom manejo da língua ou mesmo com a capacidade de ludibriar o outro. Assim, é notável que Garganta tem o domínio da oratória bastante presente em seus discursos e, assim, representa as práticas de oratória realizadas pelos soviets, vale comentar que Stalin foi um sovieta.

Carneiro de Paula opta por traduzir a palavra “squealer” como “Chalaça”; que, segundo o Dicionário Aurélio significa “zombeteiro. Gracejo pesado; chocarrice” (1996, p. 115). Essa escolha denota que o sentido proposto pelo primeiro tradutor, Aquino Ferreira, de alguém que consegue convencer a partir de sua oratória, já não está mais presente nesta escolha tradutória. Assim, pode-se perceber que há aqui uma inversão do sentido que é proposto pelo primeiro tradutor com o nome “Garganta”, pois a escolha por “Chalaça” remete a uma característica mais de zombeteiro. Assim, o vocábulo “chalaça” acaba fugindo totalmente da premissa de alguém que possui boa habilidade oratória, uma vez que o personagem Squealer se caracteriza por ter um poder de convencimento por meio das palavras e também por ser um porco que não é dado a zombarias. Dessa forma, tendo em vista que esse é o nome que denomina o porco, então, a imagem que se faz desse personagem já não é mais de alguém que possui uma habilidade com a oratória. Desse modo, comparando ambas escolhas de tradução, podemos afirmar que há um funcionamento antagônico em relação a ambos

⁸¹ Texto de partida: “He assured them that the resolution against engaging in trade and using money had never been passed, or even suggested. It was pure imagination, probably traceable in the beginning to lies circulated by Snowball. A few animals still felt faintly doubtful, but Squealer asked them shrewdly, “Are you certain that this is not something that you have dreamed, comrades? Have you any record of such a resolution? Is it written down anywhere?” And since it was certainly true that nothing of the kind existed in writing, the animals were satisfied that they had been mistaken.” (ORWELL, 1970, p. 44-45).

vocábulos, uma vez que a palavra “chalaça” acaba por descaracterizar o personagem Squealer, enquanto a palavra “garganta” apresenta traços que são associáveis ao personagem.

Sendo assim, vale comentar que as escolhas de designação dos tradutores são incompatíveis entre si, na medida em que remetem a sentidos distintos. Ocorre uma incompatibilidade de escolhas de designações entre os tradutores. A designação “Chalaça” já apresenta o personagem somente do ponto de vista moral, tornando opaca a ambiguidade do personagem, assim, esse nome vilipendia o personagem. A incompatibilidade entre as traduções “Chalaça” e “Garganta” talvez se dê devido ao espaço temporal e às designações histórico-políticas que permitam trazer novas traduções que antes eram inexistentes.

Entre os demais animais da granja, escolhemos também o nome da égua Clover para fazer uma análise, pois, como já mencionado, se Carneiro de Paula opta por manter os nomes próprios em sua forma inglesa, Aquino Ferreira não o faz. Sendo assim, escolhemos analisar este nome especificamente para melhor refletir sobre a escolha de cada tradutor. Optou-se pelo vocábulo “clover”, pois este é um exemplo interessante para pensar sobre as condições de produção de cada obra, já que enquanto um tradutor traduz este nome, o outro mantém na escrita da língua de partida.

Quadro 3 – Seleção Lexical: *Clover*

Autoria	Recorte analisado
Orwell	Clover was a stout motherly mare approaching middle life, who had never quite got her figure back after her fourth foal. (ORWELL, [1945], 1970, p. 2)
Ferreira	Quitéria era uma égua volumosa, matronal, já chegada à meia-idade, cuja silhueta não mais se recompusera após o nascimento do quarto potrinho. (FERREIRA, [1964], 2007, p. 10)
Paula	Clover era uma égua corpulenta e maternal, já chegada à meia-idade, cuja silhueta não mais se recompusera após o nascimento da quarta cria. (PAULA, 2006, p. 16).

Fonte: Elaboração própria

Neste trecho em questão, os animais estão sendo apresentados ao leitor na ordem em que vão chegando para a reunião com o Major. Clover, a égua, chega junto com o cavalo, Boxer.

Vejamos, primeiro, o funcionamento da palavra “clover” em Língua Inglesa. De

acordo com o *Cambridge Dictionary*, a palavra “clover” se refere a uma planta semelhante ao trevo, “uma planta pequena com três folhas redondas em cada haste, muitas vezes sendo alimento das vacas”⁸² (Tradução minha). Esse pode ser considerado um sentido mais comum para essa palavra, pois a planta trevo é bastante popular. No entanto, o “trevo” também pode remeter a uma simbologia. Assim, vale destacar que o símbolo “trevo” remete à ideia de sorte, o qual se tornou sagrado para os antigos druidas que habitavam a Inglaterra por volta do ano 200 a.C. Tendo em vista essa premissa, pontuamos que essa simbologia que permeia a palavra “clover” também está presente na cultura de Língua Inglesa, assim, o nome da égua pode remeter também a uma analogia com a boa sorte, com a força, o vigor.

Ainda, segundo o *Dicionário Exitus*, a palavra “clover” combinada com “to be” ou “live in” é uma expressão idiomática que se refere a “estar na boa vida” (1983, p. 113). Embora essa expressão não esteja presente na obra *Animal Farm* é interessante pontuar que tanto Clover como os demais animais da fazenda não desfrutam de uma boa vida, mas o que ocorre é o contrário disso, sendo exigido que trabalhem desmedidamente e ganhem pouco alimento para sustentar sua força de trabalho. Assim, não há como associar a expressão idiomática “live in clover” com a personagem em questão e nem com os demais animais.

Vale pontuar também que o vocábulo “clover” também pode ser utilizado como nome próprio feminino em inglês. Contudo, aparentemente “Clover” não é um nome próprio muito popular entre os ingleses. Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas Britânico⁸³, o nome “Clover” não consta no ranking entre os cem nomes mais populares da Inglaterra e País de Gales, contado desde 1904 a 1994. Isto é, este já não era um nome popular na época em que *Animal Farm* foi escrito, 1945, pelo menos não como nome próprio.

Observemos, agora, como essa palavra foi trabalhada por ambos os tradutores. Pontuamos, primeiramente, que nenhum dos tradutores opta por traduzir “Clover” como “trevo”, que remeteria, assim, ao sentido mais literal da palavra. Como já pontuado

⁸² “a small plant with three round leaves on each stem, often fed to cows”. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/clover>>. Acesso em: 9 ago. 2019.

⁸³ Office for National Statistics. Disponível para consulta em: <<https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/birthsdeathsandmarriages/livebirths/articles/babynamessince1904howhasyoursperformed/2016-09-02>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

anteriormente, o nome usado em inglês, Clover, não era um nome próprio popular usado para pessoas. Contudo, Aquino Ferreira acaba buscando um nome próprio comum, tendo em vista o contexto de sua época, usado para pessoas para a tradução de “Clover”, propondo “Quitéria” como equivalente. Partindo dessa premissa, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁸⁴, o nome próprio “Quitéria” está entre os mais populares tendo em vista os anos de 1950-1960, época em que *Animal Farm* foi traduzido por Aquino Ferreira.

Ainda buscando traçar uma analogia entre ambas designações, podemos pontuar que o nome “Clover” não sendo caracterizado como um nome popular no contexto de escrita do texto de partida, não determina o modo de seleção lexical de Aquino Ferreira, que traduz esse nome tendo em vista uma designação popular nos anos 60, o que já descola do sentido proposto no texto de partida. Contudo, observando este vocábulo hoje, anos 2000, é notável que a designação “Quitéria” já não é mais um nome popular. Desse modo, vale lembrar que o nome “Quitéria” foge do universo agrícola e remete a uma designação lusitana, que tem um papel marginal em termos de escolhas de nomes próprios de pessoas. Dessa forma, essa escolha lexical torna-se estranha por remeter a um nome próprio sem nenhum vínculo simbólico com o contexto do romance.

Como já mencionado anteriormente, o tradutor Carneiro de Paula acaba não traduzindo outros nomes próprios ao longo da obra. Isso pode ser observado em relação à designação para “Clover”, em que o tradutor opta por utilizar a forma em inglês, assim, eximindo-se de buscar uma equivalência dessa palavra no texto de chegada, usando a designação própria da Língua Inglesa.

Nesse caso, vale retomar novamente os sentidos a que a palavra “Clover”, em inglês, pode remeter. Primeiramente, pontuamos que “clover” pode remeter à ideia de “trevo”, uma planta que traz boa sorte; além disso, essa palavra, ao ser combinada com “live in/to be”, torna-se uma expressão idiomática, cujo sentido do enunciado se refere a “estar tranquilo na vida”; ainda, essa palavra também pode ser utilizada para denominar pessoas, isto é, também funciona como um nome próprio. Tendo em vista todos esses

⁸⁴ Consulta referente ao Censo Demográfico. Endereço para acesso: <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search/response/246>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

sentidos que o vocábulo em inglês propõe, é de se notar que em Português todas essas conotações se perdem, pois o vocábulo “clover”, ao ser trazido para o Português em sua forma “original”, remete apenas a um nome estrangeiro, ao qual o falante de português monolíngue não tem acesso ao significado.

Assim, ao deixar esse e outros vocábulos na sua forma inglesa, o sentido que o tradutor Carneiro de Paula acaba trazendo para dentro da obra é de estranhamento, pois não há como associar esse nome a algo na língua de chegada, uma vez que os falantes de Português, no Brasil, são, em sua maioria, monolíngues.

Passaremos, a seguir, para a seção que trata a respeito da letra de dois hinos da obra de Orwell e também de um poema composto para Napoleão.

2. 6. 2 Música e Poesia

Esta seção foi criada para refletir a respeito das letras de músicas e também do poema os quais se encontram em *Animal Farm*. Observa-se a importância de se ter um índice para analisar tais aspectos, pois as músicas são tratadas como hinos, os quais perpassam o restante da obra, sendo entoados pelos animais da granja em reuniões, deliberações, geralmente como uma cerimônia de encerramento desses encontros. Vale mencionar que o hino cumpre um papel muito importante para um povo, pois ele representa e expressa o reconhecimento identitário, ou seja, torna imediato o reconhecimento identitário de determinado povo. No caso da obra *Animal Farm* o hino irá funcionar como um modo de afirmar que os animais pertencem ao seu novo sistema de governo, o Animalismo, em contrapartida com o sistema de governo antes em voga, o dos humanos.

Durante a obra *Animal Farm* são apresentados dois hinos, o primeiro é “Beasts of England”, que trata sobre a união de todos os animais para lutar pela revolução; o segundo hino serve para a fazenda, que, a esta altura da narrativa, já pertence somente aos animais. O motivo pelo qual há dois hinos para representar os animais é porque o primeiro hino, “Beasts of England”, acaba sendo substituído, com o passar do tempo, por aquele em homenagem à fazenda. Tendo em vista essa questão da troca de um hino pelo outro, podemos dizer que a mudança de hino que ocorre no decorrer da

narrativa metaforiza o distanciamento do regime dos pressupostos iniciais da Revolução. Ainda, é criada também uma poesia em homenagem a Napoleão e esse poema acaba representando um distanciamento maior do que o segundo hino, pois, neste caso, irá ocorrer um apagamento da interpelação dos animais, questões que serão melhor exploradas adiante.

Assim, ao longo dessa seção buscamos acompanhar, primeiramente, qual o funcionamento ideológico simbólico/metafórico de “Beasts of England” dentro da obra e os motivos que levam este hino a ser substituído. Após isso, passaremos para a análise do segundo hino, a fim de compreender o seu funcionamento dentro da obra. No quadro a seguir selecionamos, então, um trecho de “Beasts of England”.

Quadro 4 – Letra de Música: *trecho de Beasts of England*

Autoria	Recorte analisado
Orwell	Beasts of England, beasts of Ireland, Beasts of every land and clime, Hearken to my joyful tidings Of the golden future time. (ORWELL, [1945], 1970, p. 9)
Ferreira	Bichos da Inglaterra e da Irlanda, Daqui, dali, de acolá, Escutai a alvissareira Novidade que virá. (FERREIRA, [1964], 2007, p. 16)
Paula	Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda, Bichos de todas as terras e de todos os climas, Escutai minhas alegres e boas notícias De um radioso tempo futuro (PAULA, 2006, p. 23).

Fonte: Elaboração própria

O porco Major é quem ensina aos demais animais da granja a letra e a melodia do hino “Beasts of England”, como se nota na passagem a seguir: “O velho Major limpou a garganta e começou a cantar. De fato, a voz era roufenha, mas ele entoava bem, e a melodia era bastante movimentada, algo entre ‘Clementine’ e ‘La cucaracha’”⁸⁵ (ORWELL, [1945], 2007, p. 15-16). Pode-se notar que as melodias mencionadas “‘algo entre ‘Clementine’ e ‘La cucaracha’” trazem à tona a ideia de um contraponto entre uma música romântica, Clementine, e uma música com o

⁸⁵ Texto de partida: “Old Major cleared his throat and began to sing. As he had said, his voice was hoarse, but he sang well enough, and it was a stirring tune, something between ‘Clementine’ and ‘La Cucaracha’” (ORWELL, [1945], 1970, p. 7).

funcionamento pejorativo, La cucaracha, que coloca em cena um inseto menor, representando, assim, a metáfora do ridículo.

Após esse hino ter sido ensinado, alguns dos animais aprenderam a cantá-lo rapidamente e outros decoraram a sua melodia. O que vale ressaltar aqui é que esse hino se mantém imediatamente na memória dos animais, sendo entoado em diferentes ocasiões, como quando se deu a Revolução e, então, os animais cantaram esse hino sete vezes seguida.

Além disso, o hino *Beasts of England* pode ser considerado uma analogia à *Internationale*, hino escrito por Eugène Pottier⁸⁶ em junho de 1871 e musicado por Pierre Degeyter⁸⁷ em 1888, a qual foi amplamente utilizada por diversas correntes de esquerda. A canção foi mais tarde usada como primeiro hino nacional da União Soviética em 1943 e hino da Terceira Internacional Comunista até 1944. Pode-se dizer que tanto a *Internationale* quanto a *Beasts of England* estabelecem aproximações quanto às formas de reconhecimento dos militantes com os princípios básicos do Marxismo e do Animalismo, respectivamente. Além disso, outro paralelo que podemos traçar com a *Internationale* é que há uma promessa de um futuro promissor. Assim, a letra do hino *Beasts of England* pode ser considerada como uma metáfora e uma ressonância do slogan da *Internationale*, bem como uma promessa de encantamento aos animais. Essas questões serão melhor detalhadas adiante.

É interessante destacar também que Stalin acabou substituindo a *Internationale* por outro hino, mais patriótico ou nacionalista; isso ocorre durante a Segunda Guerra Mundial, mais especialmente já no fim da guerra, em 1944. Desse modo, em uma analogia com o contexto da União Soviética, podemos dizer que a eliminação gradual de *Beasts of England* como hino da granja poderia corresponder à substituição, em 1944, da versão russa da *Internationale* pelo hino Nacional da União Soviética durante o regime stalinista.

Importante notar, porém, que enquanto *Beasts of England* é proibida de ser

⁸⁶ Poeta, operário e militante anarquista francês, foi membro da Comuna de Paris. Contudo, após a derrota da Comuna, em junho de 1871, escreveu o poema *L'Internationale*, que se tornou o hino da Primeira Internacional (1871-1876) e tem sido usado pela maioria dos partidos socialistas e de esquerda desde então.

⁸⁷ Pierre Chretien Degeyter (1848-1932) foi comunista e compositor. Antes de compor a música para a letra de Pottier, a *Internationale* costumava ser entoadada seguindo a melodia de Marselhesa, hino da França.

cantada pelos animais em *Animal Farm*, a *Internationale* não foi proibida na União Soviética, permanecendo enquanto hino do Partido Comunista. Contudo, a ênfase na proibição do hino no livro de Orwell torna-se fundamental, pois trata-se de colocar em pauta o modo como o processo de interpelação/identificação dos animais é controlado pelo líder, que neste caso está representado por Napoleão. Ao banir o hino da fazenda, Napoleão acaba cerceando a forma como os animais podem vir a se identificar como um povo; limitando-os a serem representados pelo segundo hino e descaracterizando as suas identidades ao proibir a circulação de *Beasts of England*.

Pensando em relação à língua de partida, o primeiro fator que podemos notar na construção desse hino é o funcionamento da imagem da besta pela escolha do vocábulo “beast”. Assim, podemos dizer que “beast” representa um ser irracional, ao inserir essa palavra no hino, a irracionalidade passa a fazer parte do âmbito coletivo. Desse modo, “the beast” é usado para dividir entre o terreno dos humanos e o dos animais. Isto é, as classes dominantes, representadas pelos humanos, contra as classes dominadas, representadas pelos animais. Sendo assim, o hino *Beasts of England* interpela os animais para mostrar a divisão entre os animais e os humanos. Além disso, é interessante observar a questão do direcionamento de lugar, o qual é representado pelo verso: “every land and clime”. Neste caso, vale notar que há uma convocação para que todos os animais participem da Revolução e não somente os bichos da Inglaterra e Irlanda, assim – o apelo é direcionado a todos os animais; essa questão da interpelação universal também pode ser observada no hino *Internationale*.

Destacamos a primeira estrofe da *Internationale*, que traz: “De pé! Ó vítimas da fome / De pé! famélicos da terra / A indolente razão ruge e consome / A crosta bruta que a soterra! / De pé! De pé não mais senhores! / Se nada somos em tal mundo, / Sejamos todos, ó produtores!”⁸⁸. Pode-se notar que nessa estrofe também está presente uma convocação para que o proletariado se una na causa contra as imposições do opressor. Observemos novamente como está disposta toda a primeira estrofe de *Beasts of England*: “Beasts of England, beasts of Ireland, / Beasts of every land and clime, / Hearken to my joyful tidings / Of the golden future time.” (Bichos da Inglaterra e da

⁸⁸ Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/musica/international.htm>. Acesso em: 22 nov. 2019.

Irlanda, / Daqui, dali, de acolá, / Escutai a alvissareira / Novidade que virá.) (ORWELL, 2007, p. 16). Podemos notar que há também a convocação na letra de *Beasts of England*, de modo que há um apelo, expresso ao convocar os animais para lutar em causa da derrubada do opressor. Ou seja, o chamado presente No hino da *Internationale* ressoa diretamente em *Beasts of England*. Dessa forma, este hino interpela os animais para que eles se juntem em prol da Revolução. Assim, podemos estabelecer uma relação de analogia entre a interpelação do proletariado na internacional socialista e a interpelação dos animais como símbolo da revolução.

Buscamos observar agora como se dá o funcionamento dessa convocação na tradução. Nota-se que para o verso: “Beasts of every land and clime,”, o tradutor Aquino Ferreira propõe: “Daqui, dali, de acolá,”. Podemos observar que neste caso não ocorre uma tradução pontual, tendo em vista o sentido literal. Pensando no funcionamento do sentido, de que há uma interpelando dos animais, os chamando para se unir em causa da Revolução, então, a escolha pelos dêiticos “Daqui, dali, de acolá,” consegue trazer a ideia de um chamado, pois os dêiticos têm a função de remeter para fora do texto. Dessa forma, essa tradução também consegue refletir o sentido de uma interpelação aos animais, pois há a inclusão de todos os animais, de várias partes da Terra, assim, eles passam a se identificar com o hino.

Assim, a escolha de equivalência em convocar os bichos por meio de dêiticos, proposta pelo tradutor Aquino Ferreira, precisa ser analisada tendo em vista o lugar do qual esse enunciado é proferido, observemos, novamente a construção desses versos: “Bichos da Inglaterra e da Irlanda, / Daqui, dali, de acolá,”. Aqui podemos notar que há, primeiramente, uma especificação em convocar os bichos da Inglaterra e da Irlanda e, a partir desse lugar, chamar então os bichos de outros lugares. Isto é, “daqui” pode ser entendido como “Inglaterra e Irlanda”, enquanto o dêitico “dali” pode remeter a um local mais próximo do Reino Unido e “de acolá” pode se referir a um lugar mais distante do Reino Unido, remetendo, talvez, ao restante da Europa. Nesse sentido, pode-se dizer que a interpelação se dá em referência aos animais primeiramente da Inglaterra e Irlanda e, depois, se estende para os animais que estão no entorno do Continente Europeu.

Carneiro de Paula traduz esse verso como “Bichos de todas as terras e de todos

os climas,” assim, o tradutor acaba realizando uma tradução mais literal, focada em passar a ideia geral da letra do hino. Ainda em relação a esse trecho do hino, destacamos novamente que ele funciona para interpelar os animais de todos os territórios para se unirem. Pensando no aspecto de lugar, podemos observar que há uma especificação de que, primeiramente, são os bichos da Inglaterra e da Irlanda que estão sendo convocados, como podemos notar: “Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda”. Mas, o seguinte verso traz: “Bichos de todas as terras e de todos os climas,” o que abre a possibilidade para que essa convocação se estenda a todos os bichos – de um modo geral – provenientes de todos os lugares do globo e, ainda, de todos os ambientes climáticos. Desse modo, nota-se que essa tradução traz a questão da interpelação dos animais de uma forma mais ampla, sendo que a convocação desses animais está direcionada não somente aos bichos provenientes da Inglaterra/Irlanda e seu entorno, como o Continente Europeu, mas perpassa outras nações. Assim, Carneiro de Paula ao traduzir esse trecho como “Bichos de todas as terras e de todos os climas,” também traz a ideia de que são todos os animais que estão sendo convocados para se unir em prol da Revolução, resguardando, ao mesmo tempo, uma seleção mais transparente e vernacular.

Dessa forma, observa-se que ambos os tradutores trouxeram a questão da interpelação para a tradução, evidenciando assim que há uma identificação de todos os animais e de todos os territórios. No entanto, vale pontuar que o modo como essa convocação é mantida pelos tradutores se dá de formas diferentes, pois enquanto um utiliza a imagem por meio dos dêiticos, o que torna essa interpelação mais opaca e próxima ao lugar de onde o hino é proferido; outro opta por uma linguagem mais transparente e vernacular, abrindo a possibilidade para que animais de outras nações também possam se unir na causa da Revolução.

Em relação à questão de se opor contra o opressor e também da promessa de um futuro promissor, temas que estão presentes na *Internationale*, vale mencionar que essas temáticas também ressoam em *Beasts of England*. Vejamos o início da terceira estrofe da *Internationale*: “Messias, Deus, chefes supremos, / Nada esperamos de nenhum! / Sejamos nós que conquistemos / A terra mãe livre e comum!”. É de se notar que há uma negação a qualquer tipo de poder, do qual nada esperam e, assim, há o

propósito de que eles mesmo irão conquistar a sua liberdade. Em *Beast of England* temos: “Soon or late the day is coming, / Tyrant Man shall be o'erthrown⁸⁹, / And the fruitful fields of England / Shall be trod by beasts alone. (Mais hoje, mais amanhã / O tirano vem ao chão, / E os campos todos da Inglaterra / Só os bichos pisarão) (ORWELL, p. 16)”. Neste caso, está clara a menção à Revolução, de modo que os animais serão quem tomarão o poder e os humanos irão ser despejados de seu cargo de gestão, de autoridade. Essa questão também está presente na *Internationale*, pois está nítida a ideia de que uma terra livre será conquistada e de que o proletariado já não mais irá tolerar um poder que os subjuga e, assim, procederá a luta pela liberdade.

Vejamos, a seguir, como se dá o funcionamento do segundo hino presente na obra *Animal Farm* e também de que forma as escolhas semânticas das traduções interferem nos sentidos empregados pelos tradutores.

2. 6. 2. 1 Seleção Pronominal

O próximo trecho selecionado para a análise se refere ao segundo hino presente na obra, uma vez que o primeiro hino, *Beasts of England*, é substituído por um segundo e, assim, é banido. Esse novo hino não recebe um nome durante a narrativa, por esse motivo nos referiremos a ele apenas como segundo hino. O fato desse hino não ter sido nomeado tem um valor simbólico, pois consiste em um hino cuja letra nega a própria realidade da Fazenda dos Animais, como as práticas de execução e extermínio dos dissidentes; práticas que ecoam medidas adotadas por Stalin. Como o hino apresenta apenas dois versos, destacaremos ele na íntegra:

⁸⁹ Interessante notar o uso da palavra “o'erthrown”, pois ela é considerada como uma palavra arcaica, sendo utilizada mais comumente na poesia. Pensando nessa característica, podemos notar que o hino “Beasts of England” é muito antigo, fato que podemos observar pelo comentário do Major: “há anos, (...) minha mãe e outras porcas costumavam cantar uma antiga canção da qual só conheciam a melodia e as três primeiras palavras” (ORWELL, p. 15). Isto é, dentro da narrativa não está especificado em que época essa cantiga foi elaborada, contudo, pela presença desse arcaísmo podemos dizer que é uma canção já bem antiga. Isso pode demonstrar que os preceitos da Revolução já estavam presentes no imaginário dos animais.

Quadro 5 – Seleção pronominal: *segundo hino*

Autoria	Recorte analisado
Orwell	Animal Farm, Animal Farm, Never through me shalt thou come to harm! (ORWELL, [1945], 1970, p. 61)
Ferreira	Granja dos Bichos, Revolução dos Bichos, Nenhum de nós jamais te fará mal. (FERREIRA, [1964], 2007, p. 74)
Paula	Fazenda dos Animais, Fazenda dos Animais, Não te farão mal, jamais! (PAULA, 2006, p. 90).

Fonte: Elaboração própria

É de se notar, em um primeiro momento, que esse hino representa uma questão simbólica divergente do que propunha o hino anterior. Mencionamos novamente que o funcionamento de “Beasts of England” representa um símbolo identitário dos animais, uma vez que funciona como um modo de interpelação dos animais, o qual representa os propósitos do coletivo e da Revolução. Neste novo hino, a representação do coletivo já não está mais presente.

Importante aqui abrir uma digressão para tratar sobre a figura de Napoleão, pois, adiante, poderemos verificar como o personagem em *Animal Farm* tem semelhanças com o Imperador. Em 1799, Napoleão executou o Golpe do 18 de Brumário, fato que é considerado como o início da Era Napoleônica. Assim, o poder passou a ser dividido por três governantes, contudo, em 1804, Napoleão torna-se Imperador. Para formalizar essa conquista, foi realizada a coroação de Napoleão, ocasião em que ele retirou a coroa das mãos do Papa e coroou a si mesmo, demonstrando que nem mesmo a igreja estava acima de seu poder. Sabe-se que Napoleão liderou por uma série de batalhas com o intuito de estabelecer uma expansão territorial da França, seu objetivo estava pautado em consolidar um fortalecimento da nação francesa. As guerras napoleônicas causaram milhares de mortes, tanto de soldados, como de civis, principalmente negros, uma vez que Napoleão reinstalou a escravidão nas Colônias francesas, revogando a abolição decretada pela Revolução Francesa. Mesmo sendo o responsável por todas essas atrocidades, Napoleão ganha a admiração na nação francesa, pois é ele quem projeta o país no mundo, assim como também cria o Código Civil e o Código Penal. Sendo assim, pode-se afirmar que Napoleão foi um déspota, uma vez que seu governo foi marcado por características autoritárias, porém sem a oposição expressiva do povo.

O personagem na narrativa de *Animal Farm*, assim como Napoleão, também apresenta as características semelhantes a um déspota, como poderemos observar adiante.

Feita essa digressão, retomemos a questão acerca do hino. Para melhor compreender o modo como se dá a implementação desse novo hino na narrativa, pontuaremos algumas questões referentes à narrativa.

Napoleão acaba se tornando uma autoridade muito intransigente, sendo que em determinado momento acaba mandando executar os animais que traíram sua autoridade à semelhança de Stalin que enviava os inimigos para o Grande Expurgo, fato que será melhor debatido adiante. Contudo, Napoleão não possui provas de tais traições, apenas suspeitas; mesmo assim a chacina acontece na frente dos outros animais como uma forma de aviso. Após essa chacina, os animais ficam sem saber que atitude tomar, sem saber como se expressar em palavras a respeito dessa atitude de Napoleão, o que leva a égua Quitéria a cantar *Beasts of England*:

Por fim, sentindo que assim expressaria as palavras que não consegue encontrar, começou a cantar “Bichos da Inglaterra”. Os outros animais, sentados à sua volta, foram aderindo e cantaram o hino três vezes – bem na melodia, mas lenta e tristemente, como nunca haviam cantado antes⁹⁰. (ORWELL, [1945], 2007, p. 75).

Dessa forma, “*Beasts of England*” acaba tendo seu sentido modificado agora, sendo utilizada para expressar críticas à direção da granja pós-revolução, bem como a desilusão com a política vigente. O hino assim seria um símbolo do resgate pelos ideais que motivaram a Revolução em primeiro lugar. Por esse motivo, Napoleão tenta substituir a canção, argumentando, no entanto, que tal música é antiquada e não mais necessária após a Revolução. O porco-poeta Mínimo, seguidor de Napoleão, é quem compõe o novo hino.

Ao contrário do hino “*Beasts of England*”, em que se cantava sobre o dia em que a Revolução chegaria e todos os animais reinariam livres em seus campos; nessa nova música, o único foco é o de preservar a própria fazenda, sem serem considerados os

⁹⁰ Texto de partida: “At last, feeling this to be in some way a substitute for the words she was unable to find, she began to sing *Beasts of England*. The other animals sitting round her took it up, and they sang it three times over—very tunefully, but slowly and mournfully, in a way they had never sung it before.” (ORWELL, [1945], 1970, p. 60).

ideais que a regem. Isso pode denotar o contraste entre Stalin e Trotsky, uma vez que o primeiro passa a defender o Comunismo num só país, o que gera o aumento do nacionalismo e, de certa forma, ofusca as premissas iniciais do governo soviético, enquanto o segundo advoga a revolução permanente, que assim como a letra de *Beasts of England* pressupõe a contínua liberação dos povos (animais, no sentido da obra de Orwell) ao redor do mundo.

Neste novo hino que substitui o anterior, tem-se: “Animal Farm, Animal Farm, / Never through me shalt thou come to harm!”, (Fazenda dos animais, Fazenda dos animais / Nunca através de mim você será prejudicado!). Cabe considerar, em um primeiro momento, o funcionamento da catáfora, em que “Never through me shalt thou come to harm!” está funcionando como uma retomada de “Animal Farm, Animal Farm,”, o que marca o sentido de uma promessa, de que não se fará mal à fazenda.

Vale notar também que o verso “Never through me shalt thou come to harm!” é um imperativo, uma ordem que se impõe aos cidadãos da fazenda; o que a diferencia completamente de *Beasts of England* que expunha os ideais coletivos almejados pelos animais.

Nota-se que na língua de partida – em inglês – há um direcionamento sobre o que não deve ser prejudicado, ou seja, a fazenda, a qual em si própria passa a ser o bem máximo e não mais a libertação dos animais; o que aproxima o regime de Napoleão do que havia anteriormente, o do Sr. Jones. Além disso, vale notar também o uso incisivo de um pronome na primeira pessoa representado pelo pronome “me”, em inglês, isto é, o “eu” é quem está falando. O “eu” que fala é a própria personificação da fazenda, a qual se confunde aqui com o próprio Napoleão invertendo a realidade porque o algoz passa a ser o próprio defensor. Ou seja, o pronome “me” passa a caracterizar aqueles que se comprometem de modo indeterminado. Fato que é oposto ao hino anterior, pois em *Beasts of England* os animais eram considerados como figuras centrais. Além disso, aquela interpelação à qual os animais foram submetidos com o hino anterior, de fazer parte de um todo, de ser parte de uma união e de se identificar ao serem representados pelos ideais de luta que a letra do hino transmitia já não está mais presente nesse novo hino, pois há a personificação da fazenda, fazendo com que ocorra o efeito contrário. Nesse caso, os animais se desidentificam com esse

novo hino, uma vez que eles não são representados por esses ideais. Desse modo, o hino em vez de simbolizar um desejo coletivo dos animais da fazenda se constitui mais propriamente como uma ameaça a eles. Os animais não são mais evocados por um ideal, senão por uma promessa de repassar um mal que não cometeram.

Aquino Ferreira traduz este verso por “Nenhum de nós jamais te fará mal”; assim, os sujeitos desse verso passam a ser os próprios animais, dando um sentido inclusivo e coletivo que não há no original. Desse modo, o hino, na tradução de Aquino Ferreira, se constitui como se os animais aderissem (ao menos dentro do hino) à promessa de Napoleão, não transmitindo assim o sentido impositivo do texto em inglês. Dessa forma, nessa tradução podemos notar que os animais são interpelados como defensores da fazenda, assim, aderem aos novos ideais desse hino.

Carneiro de Paula traduz essa passagem como: “Não te farão mal, jamais!”, observa-se que nessa solução já não se inclui mais o “eu”, que refere ao texto de partida, tampouco o “nós”, tal como Aquino Ferreira optou por traduzir. Isso faz com que o sujeito do verso fique indefinido, podendo se referir a inimigos tanto de dentro quanto de fora da fazenda (o que ressalta o sentido nacionalista que há tanto na figura de Stalin quanto de Napoleão, isto é, de que o algoz é o outro). Em relação à interpelação dos animais, é de se notar que aqui ela também fica indefinida, sendo que, neste caso, o sujeito interpelado é a própria fazenda, no entanto, não há como identificar “quem” está incumbido de defender a fazenda. Desse modo, essa tradução acaba colocando os algozes como sujeitos externos à fazenda, um outro que pode ser um inimigo vindo de fora, propondo um sentido excludente, deixando de fora os animais, os quais não mais são figuras centrais na luta pelos ideais libertários.

Mantendo-se na questão dos excertos poéticos da obra, o próximo recorte analisado se refere a um trecho do poema “Comrade Napoleon”, composto também por Mínimo. Esse poema é composto alguns dias após a composição do segundo hino analisado acima. Assim, vale notar que, diferente dos hinos anteriores que tratavam sobre a Revolução e a granja, isto é, um bem comum a todos os animais, esse poema tem o intuito somente de prestar homenagem a Napoleão. Assim, esse poema se constitui como a transição completa dos ideais coletivos para o culto de uma personalidade específica e não mais sobre um bem comum, o que vem a caracterizar o

mito falacioso da construção de um herói, questões que serão abordadas mais detalhadamente adiante. Assim, selecionamos esse recorte para refletir sobre a construção da imagem do herói dentro da obra *Animal Farm*.

Quadro 6 – Seleção pronominal: *trecho de Comrade Napoleon*

Autoria	Recorte analisado
Orwell	Had I a sucking-pig, Ere he had grown as big Even as a pint bottle or as a rolling-pin, He should have learned to be Faithful and true to thee, Yes, his first squeak should be “Comrade Napoleon!” (ORWELL, [1945], 1970, p. 64)
Ferreira	Tivesse eu um leitão e, Antes mesmo que atingisse o tamanho de um barril ou garrafão Já teria aprendido a ser eternamente Teu fiel e leal seguidor. E o primeiro Guincho que daria meu leitão seria: “Camarada Napoleão!” (FERREIRA, [1964], 2007, p. 77)
Paula	Tivesse eu um leitão e, antes mesmo que atingisse o tamanho de um garrafão ou de um barril Já teria aprendido a ser, Fiel e leal a ti. E o seu primeiro guincho seria: “Camarada Napoleão!” (PAULA, 2006, p. 96).

Fonte: Elaboração própria

Mesmo após *Beasts of England* ter sido banida e no seu lugar passar a ser usado o hino analisado anteriormente, Napoleão ainda manda compor um poema em sua própria homenagem. Ele também orienta que o poema seja fixado junto com os mandamentos do Animalismo para que todos os animais pudessem ler:

Napoleão aprovou esse poema e mandou escrevê-lo no grande celeiro, na parede oposta àquela em que estavam os Sete Mandamentos. Sobre ele foi colocado o retrato de Napoleão de perfil, executado por Garganta⁹¹ (ORWELL, [1945], 2007, p. 78).

O poema mencionado é apresentado no texto justamente no momento em que o poema

⁹¹ Texto de partida: “Napoleon approved of this poem and caused it to be inscribed on the wall of the big barn, at the opposite end from the Seven Commandments. It was surmounted by a portrait of Napoleon, in profile, executed by Squealer in white paint” (ORWELL, [1945], 1970, p. 64).

é disposto no celeiro e escrito junto aos mandamentos. Além disso, é solicitado também que o seja recitado em momentos importantes, como os desfiles e as “Manifestações Espontâneas”, em homenagem às lutas e triunfos da Granja dos Bichos, que são descritos como: “Sansão e Quitéria conduziam sempre a bandeira verde com o desenho do chifre e do casco e o dístico VIVA O CAMARADA NAPOLEÃO! Em seguida, havia recitação de poemas compostos em honra de Napoleão”⁹² (ORWELL, [1945], 2007, p. 92).

Nesse sentido, comparando com o contexto soviético, vale mencionar que Stalin criou o “Prêmio Stalin” para patrocinar artistas alinhados com o regime, bem como um concurso para escolher o novo hino nacional. A letra vencedora desse concurso, aprovada pelo próprio Stalin, assim como Napoleão aprova o poema em sua homenagem, foi criada por Sergey Mikhalkov em colaboração com Gabriel El-Registan⁹³, sendo a música composta por Alexander Alexandrov⁹⁴. Um trecho do refrão da canção diz o seguinte: “Através das tempestades brilhou-nos o sol da liberdade, / E o grande Lênin iluminou-nos o caminho, / Stalin educou-nos à dedicação ao povo, / Inspirou-nos ao trabalho e às façanhas!”⁹⁵. Desse modo, percebe-se assim uma relação entre o novo hino da União Soviética em que há uma menção honrosa a Stalin, e o poema a Napoleão. No entanto, diferente do hino à URSS na qual há apenas uma breve menção a Stalin, no poema a Napoleão essa característica perpassa todo o

⁹² Texto de partida: “Boxer and Clover always carried between them a green banner marked with the hoof and the horn and the caption, ‘Long live Comrade Napoleon!’ Afterwards there were recitations of poems composed in Napoleon's honour” (ORWELL, [1945], 1970, p. 79).

⁹³ Sergey Vladimirovich Mikhalkov (1913 - 2009) foi um autor soviético russo de livros infantis e fábulas satíricas. Interessante pontuar que Mikhalkov teve a oportunidade de escrever a letra do hino nacional de seu país em três ocasiões diferentes. E Gabriyel' Arkadyevich Ureklyan (1899-1945), mais conhecido como El-Registan foi um poeta armênio soviético, tendo atraído a atenção de Joseph Stalin quando apresentou seu esboço do novo hino soviético. Stalin escolheu essa canção e instruiu os autores sobre as mudanças a serem feitas. Assim, sendo adotado como o hino nacional da União Soviética em 1944.

⁹⁴ Alexander Vasilyevich Alexandrov (1883-1946) foi um compositor russo soviético. Durante sua carreira, também trabalhou como professor do Conservatório Estadual de Moscou e se tornou Doutor em Artes. Seu trabalho foi reconhecido pelos prêmios de Artista do Povo da URSS e Prêmio Stalin.

⁹⁵ Trecho na tradução em inglês: “Through days dark and stormy where Great Lenin lead us / Our eyes saw the bright sun of freedom above / And Stalin our leader with faith in the people, / Inspired us to build up the land that we love.” Retirado do site Marxists.org. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/ussr/sounds/lyrics/anthem.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2019. Texto de partida em russo: “Сквозь грозы сияло нам солнце свободы, И Ленин великий нам путь озарил. На нас вырастил Сталин - на верность народу На труд и на подвиги нас вдохновил”.

poema.

Em relação ao modo como o poema é escrito, vale notar a intenção de uma linguagem mais rebuscada no texto de partida, considerada inclusive arcaica, marcada no trecho destacado pela preposição “ere” (“antes”) e pelo pronome oblíquo “thee” (“te”). Talvez a escolha por uma linguagem mais rebuscada para o poema tenha relação direta com a personalidade de Napoleão e a forma de representar esse personagem, isto é, a escolha por uma linguagem mais elevada mantida ao longo de todo o poema pode servir para retratar a intenção de elevar o personagem. Além disso, a escolha por essa linguagem talvez possa também indicar uma referência a Stalin, pois ele foi conhecido por ter um gosto literário conservador. Vale notar que a biblioteca pessoal de Stalin é composta, em sua maioria, por textos em russo, os quais foram escritos por bolcheviques, marxistas e socialistas; estão presentes autores como Lenin, Marx, Molotov, Trotsky, Engels, Plekhanov, Rosa Luxemburgo. Interessante pontuar que os livros nos quais Stalin fez anotações estão disponíveis em formato digital, assim, sua coleção faz parte do “Arquivo Digital de Stalin” (Stalin Digital Archive⁹⁶ – SDA, em inglês). Ainda, Stalin não considerava relevantes movimentos literários mais inovadores, como o Modernismo e o Futurismo.

Vale lembrar que ao contrário da canção *Beasts of England*, que pedia uma insurreição contra a tirania e um crescente senso de unidade entre todos os animais, o poema de Mínimo retrata Napoleão como um animal maior e melhor que todos os outros, merecendo a total devoção de todos os demais. Desse modo, tal poema pode ser entendido como um arsenal de propaganda a Napoleão, já que ao longo do poema, Napoleão tem seu culto de personalidade expandido ao ponto de ser referido quase como uma divindade, como se pode notar em outros trechos do poema: “Amigo dos orfãozinhos! / Fonte de felicidade! (...) Tu és aquele que tudo dá, tudo / Quanto as pobres criaturas amam (...) Os bichos todos, grandes, pequenos, / Dormem tranquilos, enquanto / Zelas tu por nós na solidão”⁹⁷ (ORWELL, [1945], 2007, p. 77).

Através desse poema podemos observar a devoção ao personagem Napoleão,

⁹⁶ O qual está disponível neste endereço eletrônico: <<https://www.stalindigitalarchive.com/frontend/>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

⁹⁷ Texto de partida: “Friend of the fatherless! / Fountain of happiness! (...) Thou art the giver of / All that thy creatures love, / (...) Every beast great or small / Sleeps at peace in his stall, / Thou watchest over all” (ORWELL, [1945], 1970, p. 64).

que é caracterizado de modo contraditório na narrativa e no poema: (a) na narrativa dos feitos da Fazenda, é caracterizado por uma tendência autoritária muito severa, considerado um fascista, um perverso, sendo responsável pela chacina dos animais; (b) no poema, é representado como um herói que protege todos os animais, zelando pelo bem-estar de todos os presentes na Fazenda. Contudo, mais do que representar o seu autoritarismo, o poema também demonstra a personalidade megalomaniaca de Napoleão. Tanto a rigidez em governar quanto a personalidade ególatra são características semelhantes ao comportamento de Stalin. Ao assumir o poder da URSS, Stalin apresenta uma conduta de ditador, sendo que o Grande Expurgo é um dos acontecimentos mais marcantes de seu governo.

O Grande Expurgo se refere a uma campanha de repressão política na União Soviética que ocorreu de 1936 a 1938. Envolveu um expurgo em larga escala do Partido Comunista e funcionários do governo; quem expressasse opinião contrária ao governo poderia ser preso, executado ou enviado a campos de trabalho forçado, como os Gulags. Ainda, outro ponto semelhante com o personagem Napoleão são as prisões sumárias, isto é, sem necessidade de provas de que os acusados fossem mesmo culpados; tal qual na fazenda dos animais, assim, perseguições políticas por toda União Soviética se tornam comuns.

Estima-se que o número total de mortes devido à repressão stalinista em 1937–38 esteja entre 680.000 e 1.200.000. Segundo Ellman⁹⁸ (2002, p, 1153-1154), é possível averiguar os dados sobre as mortes por repressão entre os anos 1937–38 pelos registros da NKVD⁹⁹ e as estatísticas demográficas, isto é, os censos referentes ao território soviéticos de 1926, 1937 e 1939. Ainda de acordo com o autor, há uma grande variedade de estimativas, as quais não estão baseadas em documentos oficiais contemporâneos, mas sim em fontes pessoais não-oficiais e fontes literárias. Desse modo, mesmo com todas essas fontes disponíveis, o número exato tanto de execuções quanto de repreensão ainda é impreciso, mas de qualquer forma seria um número

⁹⁸ Michael John Ellman é professor de Economia na Universidade de Amsterdã desde 1978. Seus trabalhos incluem questões sobre a economia da União Soviética, economia de transição, Rússia e sistemas econômicos comparativos.

⁹⁹ O Comissariado do Povo para Assuntos Internos (Народный комиссариат внутренних дел) – abreviado NKVD, era o ministério do interior da União Soviética. Estabelecido em 1917, a agência foi originalmente encarregada de realizar trabalho policial regular, bem como de supervisionar as prisões e os campos de trabalho do país.

bastante expressivo para um breve período.

Essas questões destacadas a respeito do personagem Napoleão podem ser entendidas como uma sátira, em que emerge a prática do culto à personalidade. Em uma analogia com a União Soviética, ocorre a colocação da imagem de Stalin acima da representação do estado, o que também é algo que ocorre na fazenda em *Animal Farm*, uma vez que, desde a implementação do segundo hino, os animais já não são mais prioridade no governo de Napoleão e, agora, ao implementar esse poema em sua própria homenagem, fica mais nítido ainda que o objetivo já não está mais ligado às questões do coletivo, de que todos os animais têm direitos iguais, bem como cumprir com os ideais do Animalismo. Partindo-se dessas questões, podemos afirmar então que a figura de Napoleão passa a vir acima da dos animais e também da Fazenda, o que faz com que esse personagem se torne o único soberano e, assim, as questões que dizem respeito ao coletivo já não são mais prioridades.

Buscando observar a construção do personagem Napoleão à vista da imagem de Stalin, levando em conta a questão do culto à personalidade, podemos perceber que há uma propaganda em relação a Napoleão que está baseada no propósito de exaltar as suas qualidades e virtudes, fazendo com que as necessidades da Fazenda e dos animais sejam subjugadas para enaltecer a imagem de déspota. Vale pontuar que o culto à personalidade pode envolver propagandas, as quais são elaboradas com o propósito de enaltecer a imagem do líder, visando a sua constante bajulação por parte de meios de comunicação e muitas vezes perseguição aos dissidentes de um regime de governo. Tendo em vista essas premissas e considerando a figura de Napoleão, podemos observar que a encomenda de um poema em sua própria homenagem dialoga diretamente com as características que envolvem o culto à personalidade.

A fim de considerar como essa questão é refletida nas traduções, observemos primeiramente a construção do enunciado na língua de partida. O vocábulo “thee” que está presente no verso “Faithful and true to thee,” é a forma oblíqua do pronome “thou”, uma forma antiquada para “you” no singular (tu, você), usado especialmente em linguagem eclesiástica ou literária. Isto é, como já mencionado anteriormente, é notável a presença de uma linguagem considerada arcaica e demasiadamente rebuscada.

No caso das traduções, como equivalência para o vocábulo “thee”, pode-se notar

que ambos optaram por utilizar a segunda pessoa do verbo (tu). Assim, Ferreira traduz como: “Já teria aprendido a ser eternamente / Teu fiel e leal seguidor. E o primeiro / Guincho que daria meu leitão seria: / ‘Camarada Napoleão!’”. Podemos notar, desse modo, que há nessa passagem a representação do culto à personalidade, o qual já está determinado ser previamente mais importante do que a Fazenda e os demais animais, isto é, o povo que nela habita. Assim, antes mesmo de que o leitão possa crescer ele já estaria condicionado a aprender a ser *eternamente* fiel e seguidor de Napoleão. Ou seja, antes mesmo de servir ao regime do Animalismo, ou servir à Fazenda, é preciso servir a Napoleão. Ainda, as primeiras palavras desse leitão seriam *Camada Napoleão*, denotando, assim, que a bajulação ao líder Napoleão já se inicia desde a tenra infância dos porcos. Também vale notar nessa tradução o acréscimo do advérbio “eternamente”, o qual não está presente no texto de partida. A presença desse advérbio implica reforçar a ideia de que os animais devem aprender a serem fieis e leais a Napoleão. Outro acréscimo a se notar é a palavra “seguidor”, que também não está presente no texto de partida e que também serve para reforçar a ideia de que os animais devem seguir a Napoleão sem contestações. Esses acréscimos funcionam como uma forma de compensação, buscando produzir um sentido hiperbólico que é transmitido pelo arcaísmo do texto de partida.

Carneiro de Paula traduz essa passagem como: “Já teria aprendido a ser, / Fiel e leal a ti. / E o seu primeiro guincho seria: / ‘Camarada Napoleão!’”. Essa opção de tradução mantém a ordem sintática do inglês, em que “thee” se encontra ao fim do verso. É interessante observar que os acréscimos inseridos pelo primeiro tradutor, Aquino Ferreira, já não estão presentes aqui nessa tradução, que fica mais colada ao texto de partida, mas sem as características expressivas do uso de arcaísmos. O emprego da segunda pessoa “tu” em português pode ter um sentido – de certa forma – arcaizante em regiões centrais do Brasil onde seu emprego está em desuso, contudo, é importante destacar que esse uso não transmite o mesmo tom de “thou” e “thee”, que são pronomes ausentes da fala cotidiana da grande maioria das variantes do inglês, o que as torna imediatamente reconhecíveis enquanto formas arcaicas ou literárias. Funcionamento esse que ocorre de forma diferente nas línguas latinas, uma vez que a pessoa “tu” é comumente reconhecida nas línguas portuguesa e espanhola.

3 CONCLUSÃO

Buscou-se investigar neste trabalho o processo de tradução da obra *Animal Farm* (1945) de George Orwell, que foi traduzida para a Língua Portuguesa Brasileira em 1964 pelo tradutor e militar Heitor Aquino Ferreira. A segunda tradução dessa obra apenas ocorre em 2006 pelo também militar Luiz Carneiro de Paula.

Assim, a fim de proceder a análise de tais traduções e compará-las com o texto de partida, foi necessário refletir, em um primeiro momento, a respeito das noções sobre a sinonímia, com o intuito de poder averiguar de que modo está funcionando o trabalho das equivalências nas relações entre línguas e culturas.

Desse modo, a partir da ótica de Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1986), podemos observar que ele propõe uma definição antagônica entre conotação e denotação, de modo a opor o que pertence à língua e o que pertence ao contexto. Essa definição acaba por excluir o aspecto sociológico da língua, o que faz com a questão do uso concreto da língua pela sociedade não seja levada em conta. Com base nisso, pode-se observar que Mattoso Câmara propõe refletir sobre a sinonímia tendo em vista uma definição puramente linguística, deixando de considerar o contexto social de uso da língua. Para fins de refletir sobre os aspectos de língua aqui neste trabalho, essa noção proposta por Câmara Júnior não se torna muito favorável, uma vez que para proceder a análise foi fundamental destacar questões a respeito do contexto social e histórico. Considerando-se que a primeira tradução de *Animal Farm* foi realizada durante o Regime Militar e a segunda sob o Regime de Esquerda.

Já a partir de Frank Palmer (1986), podemos notar que o aspecto mais relevante em relação à sinonímia é que não há sinônimos integrais. Dessa forma, para provar que os sinônimos são diferentes, o autor propõe cinco maneiras de investigar esse aspecto. Assim, o primeiro aspecto trata sobre as relações de equivalência entre as variações dialetais; o segundo aspecto aborda sobre a variação de registro; o terceiro está pautado na não oposição entre significado cognitivo e valorativo da palavra; o quarto diz respeito às palavras que são limitadas quanto à sua ocorrência, por fim, o quinto aspecto é sobre a relação entre sentido e contexto histórico. Podemos observar que Palmer com intuito de provar que os sinônimos não funcionam de modo integral,

podemos observar que Palmer propõe um conceito de sinonímia do ponto de vista da semântica de cunho sociológico. Desse modo, diferentemente de Câmara Jr., Palmer reflete em torno de várias possibilidades de equivalência entre palavras, as quais envolvem os usos de empréstimos, variações dialetais, significados valorativo e cognitivo. Essa noção é bastante cara e serviu como um norte neste trabalho para orientar a respeito das diferenças semânticas ocorridas entre a língua de partida em comparação com a língua de chegada.

Para refletir ainda em torno das questões de sinonímia, buscamos nos apoiar também em Rodrigues Lapa (1987). Lapa pontua que é importante refletir a respeito da pluralidade dos meios de expressão. Desse modo, ele assinala que ao se considerar o sinônimo como simplesmente palavras que têm o mesmo sentido, então, é evidente que não há sinônimos, pois isso é impossível. Ou seja, não há como as palavras apresentarem o mesmo sentido. Isto é, de acordo com Lapa, para um mesmo objeto pode haver nomes diferentes, contudo, esses nomes não podem ser equivalentes. Em relação ao trabalho que desenvolvemos, essa hipótese se confirmou, considerando que as equivalências entre nomes produziram efeitos de sentidos distintos.

Desse modo, não se pode simplesmente substituir uma palavra por outra e ainda assim elas expressarem exatamente o mesmo sentido. Com base nessa premissa, para Lapa, cada palavra, em um determinado momento histórico adquire um sentido específico, o qual possui especial relevo no seu contexto de uso. Importante pontuar mais uma vez que essa noção proposta por Lapa dialoga diretamente com as questões abordadas neste trabalho, uma vez que o funcionamento da língua precisa ser observado levando-se em conta o seu contexto de uso e os aspectos históricos aos quais a língua está submetida.

Após delimitar nosso escopo em relação à teoria linguística, foi necessário entrar no campo dos Estudos de Tradução, de modo a refletir sobre a forma como a tradução lida com as questões de equivalência, antes discutidas sob a ótica da sinonímia. Para tanto, apoiamos-nos em Miriam Brum de Paula (2009) para refletir sobre o processo de como o outro surge por meio da tradução, fato que tem uma ligação direta com a questão da intraduzibilidade. Em vistas de compreender esse processo, Brum de Paula, propõe duas perspectivas para refletir sobre como o outro se instaura na tradução.

Assim, a primeira perspectiva está ligada às resistências culturais; e a segunda, às resistências da língua. Esses dois tipos de resistências podem implicar a presença do estrangeiro, isto é, de um aspecto fora da cultura de chegada no discurso, bem como das ideologias que o outro carrega no seu discurso e que precisam ser apreendidas pelo tradutor. Desse modo, nesses dois tipos de resistência, a presença do “outro” no discurso está em jogo permanente.

As resistências culturais dizem respeito ao aspecto amplo da língua, que perpassa os contextos sociais e culturais em que uma língua se insere e que determinam as relações lexicais de um texto. Desse modo, para Brum de Paula, a intraduzibilidade não está presente apenas no nível linguístico, mas está também associada às relações interculturais, as quais são atravessadas por uma diversidade de línguas e culturas. Dessa forma, a intraduzibilidade está presente no nível da exterioridade à língua. Tendo em vista essa premissa, é necessário para o tradutor recorrer, então, às questões de ordem históricas e sociais que permeiam o texto de partida. Pontuamos, então, que essa noção serviu para refletirmos em cima das questões culturais e históricas que permeiam o texto de partida. Tendo em vista o texto de Orwell, não há como ignorar que sua obra reflete diretamente as questões políticas com as quais ele se envolveu ao longo de sua vida como militante do POUM e que vieram a determinar sentidos que ele produziu na escrita de seu texto.

A partir disso, é preciso pontuar que apesar de se reconhecer que existe uma intraduzibilidade, o tradutor é incumbido de realizar uma pesquisa acerca das questões históricas e sociais, as quais permeiam o texto e, desse modo, é o tradutor quem introduz no texto de chegada escolhas e modificações que podem ser significativas ou não. Portanto, pode-se afirmar que é o tradutor quem insere no texto de chegada a presença do “outro”, uma vez que o tradutor instaura formas de interpretação frente ao intraduzível. Esse modo de instaurar a presença do outro pode se dar pela utilização dos empréstimos, de substituições e criações lexicais que dialogam com as questões de resistências da língua. A presença do outro em nossas análises pôde ser ilustrada pela escolha do nome “Clover”, em sua forma inglesa, que não corresponde exatamente a um empréstimo, mas caracteriza o lugar do outro, uma vez que esse vocábulo em Português não tem um sentido imediato.

As resistências da língua, de acordo com a autora, são determinadas pela multiplicidade de línguas; desse modo, isso permite o surgimento de equivalentes que possibilitam a tradução e também oferece condições para que o “outro” se instale no texto traduzido. Porém, é importante ressaltar que existe a distância cultural que perpassa o texto de partida e o texto de chegada. Esse também é um dos fatores que dá espaço para que seja instaurada a intraduzibilidade. Ou seja, não há uma correspondência de equivalência total entre as unidades decodificadas de todas as línguas; a partir daí o trabalho do tradutor se dá sempre nos limites da intraduzibilidade. Considerando-se, então, essas premissas, para Brum de Paula, não há uma correspondência de equivalência tradutória direta entre duas línguas. Isto é, as palavras – e isso em todas as línguas possíveis – são revestidas de sentidos heterogêneos. É por causa dessa premissa que podemos conceber o intraduzível como algo intrínseco às condições de uso da palavra em contextos históricos diferentes; assim, não se pode levar em conta somente o número de acepções que a palavra pode ter em função das combinações das quais participa, segundo os enunciados em que está inserida, questão que foi discutida ao refletirmos sobre as noções de sinonímia. Desse modo, ao surgir no texto de partida um determinado enunciado cuja intraduzibilidade seja total, então, o tradutor pode utilizar como uma solução para trazer esse sentido para a língua de chegada os recursos do empréstimo, da nota de rodapé e das substituições lexicais. Em relação às traduções analisadas em nosso trabalho não encontramos a presença do empréstimo, de substituições lexicais, mas vale notar que a resistência da língua pôde oferecer dificuldades aos tradutores. Como exemplo dessa questão, citamos o caso do poema em homenagem a Napoleão. É de se notar que há – na língua de partida – o uso de uma linguagem arcaica, representada principalmente pelos vocábulos “thee” e “ere”, a qual foi traduzida para a língua de chegada de modo parcial, não transmitindo todo o sentido de um poema deveras arcaico.

A partir de Rosemary Arrojo (2007) buscamos pontuar questões sobre o contexto em que um texto é produzido, fato que influencia tanto na dimensão em que o “outro” se manifesta na tradução quanto no papel que o tradutor irá ou buscará ter dentro do texto.

Para refletir sobre como se estabelece a questão do contexto, que é investigado no trabalho da tradução, buscamos considerar novamente o exemplo que Arrojo propõe.

A autora tece questões a respeito do conto de “Pierre Menard, autor del Quijote” de Jorge Luis Borges. Menard, ao tentar traduzir para a sua época a obra de Cervantes, acaba por reproduzi-la na íntegra, pois Menard não estava interessado em propor um novo Quixote, mas sim trazer o próprio Quixote, desse modo: “não se propunha copiá-lo. Sua admirável ambição era produzir algumas páginas que coincidissem — palavra por palavra e linha por linha — com as de Miguel de Cervantes” (BORGES, 1944, p. 25). Assim, fazendo um cotejo com o trabalho do tradutor, Arrojo destaca que mesmo que o tradutor conseguisse empreender uma repetição total de um determinado texto, mesmo assim a tradução não poderia recuperar a totalidade do “original”, pois a tradução entrega uma leitura, ou seja, revela uma interpretação do texto de partida – que é o lugar do outro. Tendo em vista a obra de Orwell, aqui vale pontuar que a questão da interpretação é percebida nas traduções analisadas tendo em vista a seleção lexical como “Napoleão”, “Garganta” e “Chalaça”. Destacamos ainda que o caso dos vocábulos “Garganta” e “Chalaça”, os quais funcionam de modos antagônicos, entregando, assim, a interpretação dos tradutores e colocando em cena a presença do outro.

Vale pontuar que o contexto e as condições em que o texto está inserido passam a ser determinantes para a interpretação e, conseqüentemente, a tradução sob a qual o tradutor irá trabalhar. Desse modo, com base na leitura do conto de Menard, Arrojo observa que uma tradução não diz respeito simplesmente à transferência de significados estanques (estático no tempo) de uma língua para outra, pois não há como pensar o processo de significação fora de um contexto histórico. Além disso, os sentidos de uma determinada palavra se modificam com o passar do tempo, o que foi analisado ao tratarmos sobre a sinonímia pela ótica de Lapa, ao tratar sobre a importância do contexto para determinar o sentido de uma palavra. Desse modo, não há como esperar que as palavras possuam sentidos estanques e, assim, sejam decodificadas pelo tradutor. É por causa desses fatores que não há como resgatar exatamente as intenções do texto “original”, o que se pode fazer enquanto leitor, assim como tradutor, é expressarmos a *nossa* visão desse autor e de suas intenções. Assim, retomando o exemplo proposto por Arrojo em relação ao conto de Luis Borges, podemos afirmar que o projeto de Menard é um produto de sua época, de sua teoria sobre linguagem, de sua comunidade interpretativa, bem como o é a interpretação

proposta pelo narrador/crítico. Portanto, tanto o contexto em que o texto é produzido, quanto o contexto histórico se tornam fundamentais para se refletir a respeito do trabalho que a tradução exerce sob o texto, pois a língua é passível de mudanças conforme o contexto em que está inserida. Neste caso, também podemos destacar a tradução do nome próprio “Squealer” por “Garganta” realizada pelo tradutor Aquino Ferreira e a tradução de “Chalaça” por Carneiro de Paula, considerando que a primeira tradução se dá dentro do Regime Militar e a segunda se inscreve em um contexto totalmente antagônico ao de 64, o que explicaria não só as escolhas lexicais feitas, mas os efeitos de sentidos distintos.

Após delimitadas essas questões, pontuamos a respeito dos conceitos propostos por Lori Chamberlain (2005), que estabelece considerações sobre o papel do tradutor, de modo a averiguar o modo como o tradutor se transforma em um produtor.

Para demonstrar como essa transformação ocorre, Chamberlain utiliza um viés de comparação entre o feminino e o masculino. Assim, ela distingue o trabalho da escrita do trabalho da tradução, estabelecendo uma distinção entre o original, que é considerado, então, o “masculino” (o produtor) e seu derivado, o “feminino” (reprodutor). Ou seja, Chamberlain estabelece um sistema metafórico para refletir sobre a questão do tradutor como um reprodutor. Com isso, pode-se afirmar que a tradução está ligada à figura feminina, isto é, ao papel de reprodução. Já o “original” está ligado à figura masculina, isto é, ao papel de produção. Partindo dessa perspectiva, nota-se que a originalidade da produção está associada à figura paterna, bem como à autoridade; já a reprodução está vinculada ao feminino e à procriação, o que confere um viés ideológico determinado à tradução.

Essas metáforas propostas pela autora sugerem, ainda, uma relação entre o valor de produção *versus* reprodução; ou seja, enquanto a escrita (o original) é tida como uma atividade de maior valor, a tradução ainda precisa reivindicar esse direito. Tendo em vista essa problemática, a autora propõe uma transformação da tradução, de modo que ela passe de uma atividade reprodutora para uma atividade produtora, isto é, de uma função secundária para uma função produtora. Só assim a tradução pode ser caracterizada como uma atividade legítima, sendo não mais definida como um trabalho reprodutor. Dialogando com o que foi proposto por Arrojo anteriormente, podemos

afirmar que toda a tradução exerce um papel de produtora, uma vez que a tradução só ocorre, primeiramente, após a prévia interpretação do texto de partida. É por esse motivo que o mesmo texto pode ter diferentes traduções, caso que foi aqui analisado.

Tendo, então, explicitado o modo como refletimos a respeito da sinonímia e dos Estudos de Tradução, passamos a nos deter sobre a noção de condições de produção, que é desenvolvida inicialmente por Michel Pêcheux (1969) e, a seguir, por Jean Jacques Courtine (1981). Destaca-se que foi estritamente importante refletir a respeito dessa noção, pois ela serviu como um alicerce para podermos situar melhor a obra de Orwell.

Em um primeiro momento, Pêcheux caracteriza as condições de produção pensando em um conceito, o qual está baseado em um corpus fechado. Desse modo, ao tratar as condições de produção dentro de uma concepção de discurso estável e homogênea, tal conceito impede que se visualize o percurso histórico em que o processo discursivo se inscreve.

Ao trabalhar com os linguistas Claudine Haroche e Paul Henry, Pêcheux consegue então estabelecer uma mudança de terreno em relação ao discurso e suas condições de produção. Dessa forma, o discurso já não pode mais ser visto fora das condições históricas de produção, pois o contexto sócio-histórico passa a ser constitutivo da linguagem, o qual é definido na relação com a história das formações sociais.

A figura de Courtine é decisiva para a reconstituição do conceito de condições de produção, pois é ele quem consegue observar que é necessário superar algumas barreiras, de modo que a Análise do Discurso, especialmente em relação aos processos metodológicos, pudesse concatenar devidamente a materialidade linguística às condições de produção do discurso. Observa-se também que é a partir da perspectiva de Courtine que se torna possível perceber que a relação entre língua e discurso se dá de uma forma mecanicista em Pêcheux.

Desse modo, Courtine propõe redefinir o conceito de Condições de Produção, relacionando-a diretamente às questões históricas, levando em conta as contradições ideológicas que estão presentes na materialidade dos discursos, e também relacionando esse conceito com o de formação discursiva. A partir dessa perspectiva,

as formações discursivas se caracterizam por sua natureza heterogênea e contraditória, assim, não apenas palavras passam a ser suscetíveis de mudar de sentido de acordo com uma determinada formação discursiva ou outra, mas também funcionam discursivamente sob certas condições que são determinadas pela ordem da história. Ao trazer esses conceitos para a noção de condição de produção, Courtine, então, consegue retirar essa noção da via de condição homogênea.

Após delimitar esse escopo teórico, buscamos averiguar sobre a trajetória de vida do escritor George Orwell, de modo que podemos traçar alguns contextos específicos pelos quais Orwell passou e, assim, observou-se o quanto esses contextos foram determinantes para a formação do escritor na construção de uma visão crítica sobre as questões políticas de seu contexto histórico.

Pontuamos, então, que Orwell conheceu de perto regimes fascistas e opressores, pois ele serviu voluntariamente como policial na Birmânia e também lutou na Guerra Civil Espanhola – junto às milícias do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), que representava os trotskistas espanhóis –, situações onde pôde conhecer tanto o imperialismo britânico quanto o Regime Franquista.

Ao ser voluntário na Guerra Civil Espanhola, Orwell acompanhou de perto a ascensão de regimes totalitários. Uma vez que os stalinistas tomaram o poder, o POUM foi, aos poucos, não mais conseguindo se manter belicamente, além disso, já não havia mais meios de sustentar a alimentação para todos os militantes. Vale mencionar também que os stalinistas passam a perseguir os trotskistas e outros movimentos de esquerda, pois esses militantes passam a ser acusados de serem espões fascistas. Ressalta-se que foi durante esse período que o autor teve a inspiração para escrever *Animal Farm*.

Tendo esclarecida essas questões a respeito do modo de vida de Orwell, desenvolvemos considerações a respeito do contexto histórico referente à Rússia, buscando destacar elementos pré e pós revolucionários.

Sendo assim, buscamos traçar considerações a respeito do contexto russo do início do século XX, especificamente sobre a Revolução Russa, com intuito de observar quais fatores culminaram na Revolução. Apontamos que durante o governo de Nicolau II, a Rússia passou por um processo de industrialização, assim, a partir dessa

industrialização surge, então, a classe operária. Vale destacar que essa classe, apesar de ser igualmente explorada, tinha maior capacidade de reivindicar seus direitos. No entanto, mesmo com aceleração industrial estando presente no país, as condições de vida continuavam piorando para a classe trabalhadora. Desse modo, população russa enfrentou um período de alto índice de desemprego, assim como teve seu salário diminuído e dificuldade em encontrar alimentos.

Todos esses fatores juntos acabaram culminando em uma situação intolerável, assim, Nicolau II acaba entrando para a Primeira Guerra Mundial. No entanto, a Rússia sofre grandes derrotas e acaba se tornando economicamente desorganizada. Esses fatos contribuem para a insatisfação popular com o governo, pois ao invés de investir no povo, o país estava investindo na guerra. Assim, pode-se afirmar que participação da Rússia na guerra contribuiu significativamente para o aumento do apoio popular a uma Revolução que fosse capaz de mudar totalmente o quadro político e econômico do país.

O auge dessa crise foi em 1917, quando o governo entrou em colapso. Assim, liderados por Lênin, os bolcheviques organizaram uma nova revolução. Após assumir o governo da Rússia, Lênin instaura um regime socialista. No entanto, dentro do próprio Partido ocorria uma dissonância de ideias, uma vez que Stalin demonstrava ter um perfil mais autoritário, o que acabou se intensificando após a morte de Lenin, quando Stalin assume então posto de chefe de estado no governo da Rússia. Ressalta-se que com essa mudança de governo, muitos ideais da Revolução acabaram sendo alterados, o que contribuiu para a ascensão de um governo internacionalista para nacionalista e totalitário.

Uma vez determinados os contextos históricos sob o qual nos apoiamos, foi necessário trazer, então, o enredo contado pela obra *Animal Farm*, buscando traçar um paralelo com o contexto russo soviético. Vale repetir novamente que *Animal Farm* é uma das obras mais populares de George Orwell, sendo lida em diversos países, desse modo, o seu enredo geralmente é bastante conhecido.

Assim, buscando traçar paralelos do enredo da obra com o contexto russo soviético, pudemos determinar que o dono da fazenda, o Sr. Jones, pode se referir à imagem da monarquia russa durante o governo dos czares, que tinha como intuito

cultivar o imperialismo e, com isso, fomentar o crescimento das classes exploradas, da pobreza, do operariado e do campesinato.

A respeito da figura dos quatro porcos presentes na obra, pontuamos também algumas considerações que estabelecem uma analogia com o contexto russo soviético. O porco Major é um dos personagens centrais da obra, pois é ele quem propõe a ideia de Revolução aos demais animais. Pontuamos, então, que figura de Major pode ser comparada à de Lênin e seus ideias marxistas, já que o líder da Revolução Russa teve papel um fundamental na disseminação dos ideais revolucionários entre a população russa proletária e camponesa. Essa influência também pode ser percebida na imagem de Major, uma vez que é esse personagem quem instrui os demais animais sobre a Revolução e também os ensina a respeito dos preceitos do Animalismo, corrente que pode ser comparada aos ideais marxistas.

Outros dois porcos fundamentalmente importantes na história são Napoleão e Bola de Neve. Em relação a esses personagens, entendemos que Napoleão é caracterizado por ter traços característicos aos de Stalin, tais como: autoritarismo, intolerância, não cumprimento das proposições propostas. Enquanto Bola de Neve pode ser metaforizado pela imagem de Trotsky, o qual foi expurgado do Regime de Stalin, assim como Bola de Neve também é expulso da fazenda por Napoleão.

A respeito do porco Garganta, podemos determinar que ele representa, principalmente, uma metáfora ao Molotov, uma vez que Garganta detém um incrível poder de persuasão em relação à oratória, tal como Molotov, o qual era conhecido por ser um exímio orador.

Após termos traçado uma comparação entre o enredo presente na obra *Animal Farm* e o contexto russo soviético, buscamos nos deter, então, nas questões relacionadas às condições de produção das traduções brasileiras. Desse modo, ressaltamos, novamente, que há somente duas traduções para o Português Brasileiro disponíveis até o momento, sendo que a primeira delas foi realizada apenas em 1964 pelo tradutor Heitor Aquino Ferreira. Importante pontuar mais uma vez que essa tradução foi encomendada pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) em parceria com a Editora Globo. Já a segunda tradução data de 2006 e foi realizada pelo tradutor Luiz Carlos Carneiro de Paula, sendo encomendada pela Biblioteca do Exército.

Portanto, vale destacar novamente que as únicas traduções disponíveis no Brasil são feitas e encomendadas por militares. Essa questão é estritamente importante, pois isso denota que as únicas traduções que temos no país são fruto de instituições, o que pode remeter a uma linha ideológica que se concentra somente nos interesses anti-comunistas.

Uma vez esclarecido todos esses fatores, buscamos então trabalhar com a análise das traduções. Dessa forma, a fim de conseguir trabalhar em cima da análise das traduções, buscamos refletir a respeito do funcionamento semântico dos enunciados, buscando compreender o modo como eles são trabalhados na língua de partida e como eles foram traduzidos na língua de chegada.

Dessa forma, podemos destacar que em relação ao primeiro quadro analisado, “Seleção lexical: Animal Farm”, pôde-se notar a instauração da questão da interpelação dos animais e da luta de classes. Essas questões são representadas pelas expressões selecionadas para a análise “Manor Farm” – “Animal Farm”, no texto de partida; “Granja do Solar” – “Granja dos Bichos, na tradução de Aquino Ferreira; “Fazenda do Sobrado” – “Fazenda dos Animais”, na tradução de Carneiro de Paula. Assim, podemos notar que os animais são interpelados na medida em que é feita uma seleção lexical que caracteriza o status das propriedades em dois momentos históricos diferentes.

No segundo quadro, “Seleção lexical: Squealer”, observou-se o trabalho dos tradutores na medida em que a escolha pela designação para uma equivalência para “Squealer” se divergiu entre ambos tradutores. Sendo que o primeiro tradutor, Aquino Ferreira, traduz como “Garganta” e o segundo, Carneiro de Paula, traduz como “Chalaça”, demarcando assim a divergência de sentido entre essas duas palavras, uma vez que a primeira consegue trazer as características presentes no personagem do texto de partida; isto é, a questão de ser considerado um orador; mas a segunda tradução acaba por apagar as características de orador presente nesse personagem porque “Chalaça” expressa uma condição negativa de liderança.

Em relação à “Seleção Lexical: Clover”, quadro 3, podemos averiguar a respeito do funcionamento da não tradução, uma vez que Carneiro de Paula propõe deixar o vocábulo “Clover” em sua forma “original”. A escolha por manter essa designação da forma como advém da língua inglesa implica um estranhamento para o leitor da língua

de chegada, tendo em vista que o leitor brasileiro, em sua maioria, é monolíngue.

Já no quadro 4, “Letra de Música: trecho de *Beasts of England*”, foi possível observar o modo como ocorre a força do funcionamento de um hino, já que é a partir desse hino que os animais da fazenda, de fato, são interpelados e passam a se identificar como pertencentes aos ideais do Animalismo e não mais ao regime opressor do Sr. Jones. A força desse hino denota também que os animais estão adeptos a enfrentar a Revolução para derrubar o opressor, representado pelo Sr. Jones. Ainda, também foi possível traçar paralelos com o hino *Internationale*, que representa os ideais Socialistas. Em relação ao trabalho das traduções, procuramos trabalhar especialmente com a questão da convocação dos animais. Assim, pode-se observar que a partir da tradução de Aquino Ferreira é possível estabelecer uma delimitação de lugar sobre o qual os animais são convocados, desse modo, essa tradução estabelece que os animais seriam convocados a partir da Inglaterra/Irlanda e seu entorno. Já a tradução de Carneiro de Paula pode trazer um sentido mais amplo, já que essa convocação se estende aos animais de todos os lugares, remetendo, por analogia, à *Internationale*.

Em relação à “Seleção pronominal: segundo hino”, quadro 5, pôde-se observar que o funcionamento de *Beasts of England* toma outra proporção e, assim, esse hino passa a servir como um meio de crítica ao governo vigente. Desse modo, o líder Napoleão propõe a criação de um novo hino e o impõe aos animais. A partir disso, podemos acompanhar o funcionamento da desidentificação dos animais, uma vez que eles não se sentem representados por esse novo hino, pois ele não representa mais os ideais pelos quais os animais lutaram na Revolução, mas representa apenas o interesse da fazenda, a qual passa a ser personificada e passa a representar figura de Napoleão. Ao analisarmos as traduções, conseguimos pontuar que na tradução de Aquino Ferreira a questão da personificação da fazenda não está presente, o que, conseqüentemente, acaba por apagar a questão da desidentificação pela qual os animais passam. Pela tradução de Carneiro de Paula, observamos que há também o funcionamento de um apagamento, mas que ocorre por via da indeterminação, uma vez que o tradutor não determina “quem” está sendo interpelado.

No quadro 6, “Seleção pronominal: trecho de Comrade Napoleon”, destacamos a questão do culto à personalidade referente a Napoleão. Assim, ao exigir a criação de

um hino em sua própria homenagem, esse fato já revela que o personagem está submetido à condição de megalomania – fator que dialoga diretamente com o culto à personalidade.

Em relação as traduções, pôde-se observar que Aquino Ferreira propõe determinados acréscimos de palavras que não estão no texto de partida, isso vem a corroborar o sentido de reforçar o culto à personalidade presente em Napoleão. Ao contrário do primeiro tradutor, Carneiro de Paula não propõe acréscimos para a tradução. O tradutor opta pelo uso do emprego da segunda pessoa – “tu”. Vale notar que em português o uso dessa palavra pode ter um sentido – de certa forma – arcaizante em regiões centrais do Brasil, tendo em vista lugares onde seu emprego está em desuso, contudo, esse uso não transmite o mesmo tom de “thou” e “thee”, que são pronomes ausentes da fala cotidiana da grande maioria das variantes do inglês.

O trabalho de analisar as traduções da obra *Animal Farm* pôde evidenciar que os sentidos não estão pré-determinados na língua de partida, ou seja, para melhor compreender como estão funcionando os sentidos dos enunciados no texto em questão foi necessário pesquisar a respeito do contexto histórico que permeia essa obra. A partir disso, podemos averiguar que a língua de partida é composta por enunciados cujos sentidos são heterogêneos; com base nessa premissa, é possível determinar que a tradução não pode se basear apenas no valor cognitivo da palavra, mas deve considerar os sentidos que permeiam esses vocábulos, sentidos esses que estão em voga conforme o contexto em que está inserido.

Pontuamos também, conforme acompanhamos pelo raciocínio de Chamberlain, que a tradução adquire o papel de produtora de sentidos, uma vez que é possível – somente a partir da tradução – propor sentidos novos que não constavam no texto de partida ou não estavam vigentes em sua época. Essa questão pôde ser evidenciada aqui nesta pesquisa ao analisarmos as designações propostas pelos tradutores para os nomes próprios dos personagens de *Animal Farm*. Assim, podemos concluir que o sentido apontado através das designações está funcionando para explicitar o modo como a tradução exerce o papel de produtora.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Cristiano da Silva. *Política, economia e sociedade: uma análise da obra de George Orwell*. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Ciências Econômicas – Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 1999.
- BLOOM, Harold. *George Orwell's Animal Farm (Bloom's Guides)*. Nova York: Chelsea House, 2006.
- BRUM-DE-PAULA, Mirian Rose. *O outro no Intraduzível*. Santa Maria: UFSM, 2009.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a metafórica da tradução. Tradução de Norma Viscardi. In: OTTONI, Paulo (org.). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 37-58.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução de Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- COURTINE, Jean Jacques. *Análise Do Discurso Político: O Discurso Comunista Endereçado Aos Cristãos*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck; et al. São Paulo: Edufscar, 2009.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/pensos>>. Acesso em: 01 out. 2018.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do estado – ação, política, poder e golpe de classe*. Tradução de Ayeska Branca de Oliveira Farias; et al. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ELLMAN, Michael. Soviet Repression Statistics: Some Comments. *Europe-Asia Studies*. Glasgow. v. 54, n. 7, 2002, p. 1151–1172.
- FRITZEN, Laís Callegaro. *As Equivalências de Sentido no Exercício Tradutório: um Estudo de Handmaid's Tale*. 64f. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento – um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- _____. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas: Pontes Editores, 2018.

HITCHENS, Christopher. *A Vitória de Orwell*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOUAISS, Antônio de; AVERY, Catherine B. *Dicionário Exitus das Línguas Inglesas e Portuguesas*. Nova Jérsei: Prentice-Hall, 1983.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de texto de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NUGARA, Silvia. Entrevista inédita com Jean-Jacques Courtine sobre seu percurso científico, sobre as noções de “discurso” e “corpo” como objeto de estudo. *Organon*, Porto Alegre: UFRGS, v. 24, n. 48, p. 251-271, 2010.

Online Etymology Dictionary. Disponível em: <<https://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2015.

ORWELL, George. *Animal Farm: a fairy story*. Londres: Longman, 1970.

_____. *A Revolução dos Bichos*. Tradução de Heitor Aquino Ferreira e Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *A Revolução dos Bichos*. Tradução de Luiz Carlos Carneiro de Paula. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2006.

_____. *Tamanhas eram as Alegrias*. In.: *Como morrer os pobres e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Lutando na Espanha*. Tradução de Ana Helena de Souza. São Paulo: Editora Globo, 2006.

_____. *Why I Write*. London: Gangrel, 1946.

_____. *1984*. Londres: Secker & Warburg, 2002.

_____. *1984*. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PALMER, Frank. *A Semântica*. Lisboa: Edições 70, 1986.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani [et al.]. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. Análise do discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani [et al.]. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani [et al.]. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul; HAROCHE, Claudine. A Semântica e o Corte Saussuriano: Língua, Linguagem e Discurso. *Linguasagem: Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem*, São Carlos, n. 03, p. 01-19, out/nov. 2008. Bimestral. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro.

PIDD, Helen. Ts Eliot's Damning Verdict On George Orwell's Animal Farm. *The Guardian*. Londres, 30 Mar. 2009. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2009/Mar/30/Eliot-George-Orwell-Animal-Farm>>. Acesso em: 7 abr. 2018.

SANTOS, Sonia Sueli Berti. Pêcheux. In: Oliveira, Luciano Amaral (orgs.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SILVA, António de Moraes. *Dicionário da Portugueza*. Lisboa: Impressão Régia, 1831.

VIANA, Moacir da Cunha. *Completo Dicionário Português-Inglês Inglês-Português*. São Paulo: Editora Didática Paulista.

WOOD, Allan. *As origens da revolução russa de 1861 a 1917*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Editora Ática, 1991.

ZANDWAIS, Ana. O Funcionamento da Sinonímia: as Impossíveis Fronteiras entre Estrutura e Exterioridade. In: ERNST, A.; Funck S. (Orgs.). *Escrita e oralidade: questões e perspectivas*. Pelotas: EDUCAT, 2007.

ANEXO A – Carta de Heitor Aquino Ferreira à Sônia Seganfredo

Correspondência de Sônia Seganfredo com o IPES

Heitor Ferreira

Rio 25 de outubro de 1968

Querida Sônia

Admiro te muito mais do que
minha esposa e eu tivemos grande prazer
em conhecê-la pessoalmente, pois admirava-
mos sua coragem e sua coragem simples
de fazer o que todos deveriam fazer.

Não sei se os livros que lhe enviei pelo
Cineas já terão chegado a suas mãos.
Gostei de fazer uns pequenos mensagens, por
meios de livros de qualquer maneira, é
basta se me fazer saber e explicar a que
modo

Estamos na mesma luta e do mesmo
lado. Sou um pouco o mesmo que, colocam-
te me, submissivo-me. São tua confiança.

O livro que escrevi e me dá vontade de
fazer, o livro que é um livro que tem
a intenção de fazer o que me parece falta
de fazer e a publicação sempre feita pelo IPES.

2.

Novo Forno -

Compreendi na com o objetivo de fazer a
 reunião. O quadro anexo é um trabalho que
 vale a pena examinar porque este já
 do projeto as primeiras "ações". Como espe-
 cialista que é, notarei certa debilidade na
 parte referente ao campo educacional de fato.
 É ali bem que note, talvez para mesmo au-
 xiliar na nova montagem futura deste o
 a quem achar interessante, à vontade, sem
 copiar, inclusive. Só não convém publicar e
 por que não mencione a origem do recbi-
 mento.

Mas vamos ao assunto principal, se per-
 mite.

Novo grupo no exército - que a esquerda
 insiste sempre em chamar de golpista - con-
 tina a existir, embora sensivelmente ultra-
 quecido, entre outros motivos pela falta de
 liderança, e pois que os seus chefes de maior
 valor e proficiência passaram para a reserva, al-
 guns ali pela excelente razão de que fora do
 Exército poderiam trabalhar com maior rende-
 mento. Não isso porque o fato de ligação
 com o problema que se está a tratar com o

Tanto imprecisão no, sucessos e subam-
 uidos, por o - etc. etc. alguns desses obras e
 grande parte que, impiedosa burocrática

Nota Terceira

anti comunista. A maioria será brevemente (Djilas - "Conversations With Stalin": que será publicado na próxima semana pela editora Globo, o cujo breviar ligam-me caso de amizade; Strauss-Hugi - "The Protracted Conflict"; Suzanne Labou - "Il Est le plus Cing"; Raquel de Gueiros - "Cômicas Engajadas"; George Orwell - "Animal Farm", e várias outras.

Uma coleção de cadernos, menor portanto, há uma série de projetos de publicação - entre os quais segue a inclusão da sua série "A UNE, mesmo ao olho do re". Naturalmente, adaptada, ampliada e atualizada até ao último fato.

Compri o número atrasado do jornal, organizei os artigos em álbum, entreguei os ao general e sem esperar decisão a respeito - o que seria aconselhável e apropriado - apressei-me em enviar-lhe vários exemplares de algumas páginas que estavam à mão, pelo correio, com remessa.

Foi então que ele me disse que trataria pessoalmente de succumbimento da publicação, pois ele é de reserva e eu não. Acutei que a sua atitude não parece já levar seguido no seu texto e etc e ficando preso para um cadete.

Eis o motivo deste bilhete

E' para referenci-la de que suas reportagens

Meia Dúvida

estão com grande cotação para edição e
entrarão provavelmente na coleção de li-
vros. O general para contato pessoal-
mente com você - que não sabe de nada.

O general a que me refiro é o Gen. Galbary
do Couto e Silva, um dos fundadores da Esco-
la Superior de Guerra onde serviu até 1955,
atualmente integrante de equipe do Ins-
tituto de Pesquisas e Estudos Sociais. Telefo-
narei convidando a para uma entrevista,
e provavelmente lhe darei um quadro de
suplência igual a este que estou enviân-
do e que você não reconhecerá, claro. Combi-
nação de nomes na edição. Mas tudo, pelo-
como se fosse um diário e sem menções
e assistente dele - sempre Hector - que adian-
te-se na operação e não pode mais sair
da, pois o Correio não divulga impressões
registradas.

Escrevo que telefonarei 2ª feira próxima.

Estão estamos cientes disso?

Espero mais uma vez agradecer. O por-
to quem é. Espero que façamos boa am-
izade

Atenciosamente,

... ..

... ..